

AUTOR DE
A VOLTA DO PARAFUSO

HENRY JAMES

OS QUATRO ENCONTROS



Clube de Livro

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Henry James

Os Quatro Encontros

Tradução de
ARISTIDES BARBOSA

Clube do Livro

SÃO PAULO

ÍNDICE

OS QUATRO ENCONTROS

Four Meetings, 1885

O DISCÍPULO

The Pupil, 1891

O MENTIROSO

The Liar, 1888

Os contos que constituem o presente volume foram extraídos de *The Short Stories*, de Henry James; The Modern Library, Nova York, 1945.

Venda exclusiva aos sócios do Clube do Livro.

Editora Clube do Livro Ltda.

Fundador: Mário Graciotti

Editora: Sonia Junqueira

Assistente Editorial: Luiz Baggio Neto Arte: Silvana Papa

Serviços Editoriais Auxiliares: Nelcimar Gomes de Miranda

Revisão: Márcia Vieira

Capa: Estúdio Axis

Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

James, Henry, 1843-1916.

J29q Os quatro encontros / Henry James ; tradução Aristides
Barbosa. — São Paulo : Clube do Livro, 1986.

1. Contos estadunidenses I. Título.

86-1932 CDD-813

Índices para catálogo sistemático: 1. Contos: Literatura estadunidense

Eu a vi quatro vezes, apenas, mas ainda me lembro vivamente, porque ela me impressionou bastante.

Lamento saber de sua morte.

A última vez que a vi ela certamente não estava...

Bem, acho melhor colocar os nossos quatro encontros em ordem.

OS QUATRO ENCONTROS

O primeiro foi numa festinha no campo. Era uma noite nevoenta, há sete anos atrás. Meu amigo Latouche, tendo de ir passar o Natal com a sua mãe, insistiu em que eu o acompanhasse. E a senhora Latouche promoveu aquela festinha para nos receber. Gostei muito, pois o ambiente tinha tudo para agradar. Eu nunca havia estado naquela parte da Nova Inglaterra, no inverno. A neve caiu o dia todo e os flocos acumulados chegavam até a altura dos joelhos. Fiquei pensando como as damas tiveram coragem de enfrentar o mau tempo para irem à festa. Concluí que elas consideravam a presença de dois cavalheiros de Nova York digna de todo sacrifício.

À certa altura da reunião, a senhora Latouche perguntou-me se eu não queria mostrar as fotografias a algumas das moças. As fotos estavam em alguns álbuns e foram trazidas pelo seu filho que, como eu, havia regressado há pouco da Europa. Olhei ao redor e observei que todas as jovens estavam entretidas com assuntos de maior interesse do que as melhores fotografias. Mas havia uma que se achava sozinha, perto da lareira, passeando os olhos pelo ambiente, com um vago sorriso e com um discreto anelo que parecia em desacordo com a sua solidão. Observei-a por alguns instantes e, então, decidi: — Gostaria de mostrá-las àquela jovem.

— Muito bem, ela parece ser a pessoa certa, pois não liga para flertes. Vou falar com ela, disse a senhora Latouche.

— Se não liga para flertes não é a pessoa certa, pensei.

A senhora Latouche voltou, dizendo que Caroline Spencer aceitava e que se sentia bastante lisonjeada.

Caroline Spencer não era um tipo de beleza, mas conseguia agradar com seu jeito meio estranho. Tinha perto de trinta anos, mas aparentava ter bem menos.

Falava com voz macia e mostrava os dentes mesmo sem estar sorrindo.

Comecei a mostrar-lhe as fotos. Eram vistas da Itália, Suíça e Espanha, apresentando paisagens, reprodução de edifícios famosos e estátuas. Eu as mostrava e ia fazendo os comentários que estavam ao meu alcance. Com o seu leque erguido e roçando os lábios, Caroline acompanhava com muito interesse. Somente, de vez em quando, diante de uma paisagem ou de um prédio, arriscava uma pergunta tímida:

— Você esteve neste lugar? A minha resposta era quase sempre positiva, pois eu havia viajado muito. Perguntei-lhe a certa altura se ela conhecia a Europa, ao que ela respondeu negativamente com a voz quase sumida na respiração. E depois da minha pergunta, embora não desgrudasse os olhos das fotos, ela caiu num mutismo tão rigoroso, que receei tê-la ofendido. Por isso, assim que chegamos ao fim do primeiro álbum, perguntei-lhe se ela desejava desistir de ver os outros.

— Você não quer me mostrar mais? — disse ela com voz trêmula.

— Com muito prazer, se você não estiver realmente cansada.

— Sinceramente, nem um pouco. Estou apenas fascinada. E assim que abri o outro álbum, ela se pôs a passar maciamente a mão sobre ele à guisa de carícia e perguntou: — E neste lugar, você esteve? Era uma vista do Castelo de Chillon, perto do Lago de Gênova.

— Estive aqui várias vezes. É lindo, não é? E fui mostrando o reflexo perfeito das rochas e dos picos como torres na água límpida e tranqüila. Em vez de dizer: "oh, lindíssimo!" e passar logo para outra foto, ela deteve a sua observação naquela, e depois perguntou se não foi ali que

Bonnivard*, segundo Byron, estivera confinado. Eu o admiti.

**Francisco Bonnivard, patriota suíço (1493-1570), célebre pelo cruel cativoeiro a que o duque de Saboya o sujeitou no castelo de Chillon. Byron imortalizou a recordação de sofrimentos e muitos pintores o reproduziram, amarrado aos pilares de sua prisão. (N. do T.)*

Tentei declamar uns versos de Byron, mas eles não me ocorreram perfeitamente.

Nisso, ela abanou o leque diante do rosto por um instante e em seguida disse os versos corretamente, linha por linha, com voz mansa e com muito encanto e convicção. Quando terminou, notava-se-lhe um rubor nas faces. Eu cumprimentei-a, assegurei que ela estava perfeitamente em condições de visitar a Suíça e a Itália. Ela tornou a olhar-me de soslaio como se quisesse verificar se eu estava falando seriamente. Acrescentei que, se ela quisesse reconhecer as descrições de Byron, deveria seguir logo para a Europa, já que aquele continente estava se tornando cada vez mais "desbyronizado".

— Dentro de quanto tempo você calcula que deverei partir para a Europa? — indagou ela.

— Pelo menos nestes dez anos, disse-lhe eu.

— Bem, acho que nesse espaço de tempo dará para eu ir, respondeu ela como se estivesse medindo as palavras.

— Acho que você vai gostar imensamente dessa viagem, e além disso ela lhe será do mais alto interesse, disse eu. Nisso, achamo-nos diante de uma fotografia que mostrava um recanto por mim muito apreciado de uma cidade européia. Ali, meu comentário foi entusiástico (quase um discurso, suponha). Minha interlocutora ficou ouvindo com a respiração quase presa. Depois de algum tempo, ela perguntou:

— Você permaneceu lá muito tempo?

— Demorei, sim. Bastante tempo.

— E passeou por toda parte?

— Passeei bastante. Sou louco por passeios e felizmente tenho tido condições de fazê-los.

Mais uma vez ela me lançou o seu olhar perscrutante e perguntou:

— Você fala idiomas estrangeiros?

— Falo alguns.

— São difíceis de se aprender?

— Não para uma pessoa como você.

— Eu não gostaria de aprender e sim apenas de ouvi-los. Depois de uma pausa, ela prosseguiu: — Dizem que o teatro francês é maravilhoso.

— Ah! O melhor do mundo!

— Você ia com frequência ao teatro?

— Assim que cheguei a Paris eu ia todas as noites.

— Todas as noites?! — perguntou ela escancarando os seus olhos claros. E prosseguiu: — Isso me soa como se você estivesse me contando uma história de fada. E qual é o país de sua preferência?

— Há um que adoro acima dos outros. Acho que para você seria a mesma coisa.

Seu olhar parou no ar como se buscasse uma semiobscura revelação. E em seguida, ela disse, quase num sussurro:

— Itália?

— Sim, a Itália, respondi também com voz macia. Por um momento, houve aquela

comunhão de idéias entre nós.

Naquele instante, ela me pareceu tão linda como se eu lhe estivesse fazendo carícias amorosas em vez de estar mostrando fotografias. E para que a semelhança fosse mais patente o seu rosto, inclusive, ficou ruborizado. Depois de uma pequena pausa, ela disse:

— A Itália é o país que especialmente desejo conhecer.

— Oh! a Itália, a Itália!...

Ela olhou mais duas ou três fotos em silêncio. Depois, continuou:

— Dizem que a viagem não fica muito cara.

— Em relação a outros países? Bem, de qualquer maneira os seus encantos compensam o dinheiro que se gasta.

— Mas fica muito cara a viagem?

— Você se refere a uma viagem à Europa?

— Sim, para ir e viajar por lá. Essa é a minha dificuldade. Não tenho muito dinheiro. Não sei se você sabe que sou professora, disse Caroline.

— Naturalmente, quem viaja precisa ter dinheiro. Mas pode-se arranjar com uma quantia moderada, disse eu.

— Acho que me arranjo bem. Venho economizando, economizando, com esse objetivo. Ela fez uma pausa e depois prosseguiu:

— E depois, a dificuldade não é só quanto ao dinheiro.

Tem sido tudo. Tudo tem conspirado contra. Tenho esperado tanto... Essa viagem tem se constituído numa espécie de meu castelo no ar. Tenho até medo de conversar a respeito dela. Por duas ou três vezes, tive a impressão de que estava para se tornar uma realidade. Comecei a falar a respeito e de repente tudo se desfez. E ela tem-se tornado uma espécie de arrebato. Tenho uma grande amiga com quem venho insistindo para que me acompanhe e ela não quer. Outro dia ela me disse que vou acabar enlouquecendo de tanto pensar nessa viagem.

— Acho que você não está enlouquecendo de pensar na viagem, mas comete verdadeira loucura em não partir imediatamente, disse eu em tom de brincadeira. Mas ela continuou falando no mesmo tom de seriedade: — Acho que estou realmente enlouquecendo. Parece que não consigo pensar em outra coisa. E não é preciso a presença de fotografias para me estimular. Estou sempre com a idéia fixa. Isso mata em mim qualquer interesse pelas coisas daqui. É uma verdadeira obsessão!

— Bem, então a cura para esse mal é realmente a viagem, disse eu.

— Sim, tenho fé que hei de realizá-la, um dia. Possuo um parente na Europa e espero que ele faça alguma coisa por mim.

Expressei a minha esperança de que aquele parente lhe desse o devido apoio e não me lembro se depois dessa conversa continuamos virando as páginas do álbum. Mas, quando lhe perguntei se ela sempre vivera ali, onde eu a estava conhecendo, notei que a sua resposta tinha muito entusiasmo:

— Oh! não, passei vinte e dois meses e meio em Boston!

Não pude deixar de responder brincalhonamente que por isso as terras estrangeiras iriam lhe causar uma certa decepção, mas não consegui alarmá-la, pois ela retrucou de imediato:

— Conheço muito mais a respeito das terras estrangeiras do que você pode imaginar.

Naturalmente só através de leituras. Mas tenho lido muito a respeito. Acho que já preparei

suficientemente o meu espírito para entrar em contato com a Europa. Não li apenas Byron. Li também histórias, livros-guias e artigos sobre o assunto. Sei que vou adorar tudo.

— Tudo é exagero, mas compreendo o seu caso, disse eu. Você contraiu a doença americana que é um apetite mórbido e monstruoso pela cor, forma, pitoresco e pelo romântico a qualquer preço. Não sei se viemos ao mundo com essa doença ou se a contraímos em tenra idade, quase mesmo antes do desenvolvimento de nossa consciência.

Agimos como viajores do deserto, privados de água e sujeitos à terrível miragem, ao tormento da ilusão causadas pela sede. Como eles que ouvem o murmúrio de água nas fontes, que vêem jardins e pomares verdes a muitas milhas de distância, nós mal conseguimos debelar nossa sede de conhecer novas terras. Só que conosco a coisa chega a ser maravilhosa. Em nossa miragem, vemos velhas belezas antigas, que nunca vimos antes realmente.

E quando nos é dada a oportunidade de vê-las em realidade, tudo o que temos a fazer é apenas reconhecê-las. O que a experiência faz é meramente confirmar e concretizar nosso sonho.

Depois de me ouvir por alguns instantes, enquanto os seus olhos redondos não desgrudavam de mim, ela disse:

— Você fala de um jeito maravilhoso. Tenho certeza que como vai se dar exatamente isso. Sonhei com tudo o que diz respeito à Europa. Hei de ver tudo concretizado.

— Acho que você perdeu muito tempo, disse eu em tom de inocente brincadeira.

— É isso mesmo. Esse tem sido meu grande mal!

Nisso, notamos que todos os convidados já iam deixando a festinha. Ela se levantou e estendeu-me timidamente a mão, mas não conseguindo esconder uma alegria irradiante e certa palpitação.

— Acho que voltarei à Europa e, então, a procurarei por lá, disse eu, quando apertávamos as mãos.

— Ótimo, disse ela, febrilmente. Nessa ocasião lhe direi se tive alguma decepção.

E ela foi embora, movimentando expressivamente o seu leque de palha.

Alguns meses depois, cruzei novamente o oceano em direção à Europa, e cerca de três anos se passaram. Permaneci em Paris e, mais ou menos em fins de outubro, desloquei-me da capital francesa para Havre, a fim de encontrar um casal de parentes, que havia-me escrito por estar lá. Chegando, encontrei o navio já ancorado, pois eu estava uns dois ou três dias atrasado. Fui diretamente para o hotel, onde os meus viajantes já se achavam hospedados.

Minha irmã, que estava exausta da viagem, havia ido deitar-se. Não desejava naquele instante nada mais do que um bom descanso.

Meu cunhado, que tinha verdadeira loucura pela esposa, não queria sair do seu lado, mas a mesma insistiu em que eu o levasse para um passeio, a fim de lhe retemperar o espírito e reabituá-lo às suas pernas ao contato com a terra. Era uma tépida e encantadora manhã de outono, que tornava o nosso passeio, pelas ruas movimentadas e coloridas da velha cidade portuária francesa, bastante delicioso. Caminhamos pelo cais ensolarado e ruidoso e, depois, entramos numa rua larga e muito agradável, metade banhada pelo sol e metade imersa na sombra. Era uma velha rua provincial que mais parecia um quadro em aquarela, com as suas casas altas e telhados cinzentos inclinados, janelas verdes com velhos adornos representando papel pergaminho enrolado, vasos de flores nos balcões e mulheres de gorros brancos nas entradas. Nós caminhávamos pela sombra. E todo esse variegado de cores era visto no lado oposto, banhado pelo sol, dando assim a impressão de pintura. Íamos observando tudo, à medida que caminhávamos. De repente, meu cunhado parou, segurando meu braço e fixando o olhar em um ponto qualquer. Acompanhei o olhar e notei que tínhamos parado exatamente antes de chegar a um café, onde sob □ 13 □

um toldo várias mesas e cadeiras se achavam dispostas na calçada. As janelas atrás estavam abertas. Havia uma meia dúzia de tinas com plantas, dispostas ao lado da porta.

Farelo branco espalhava-se pela calçada.

Era um pequeno e, antigo café de sossegado ambiente.

No seu interior, na semi-penumbra, vislumbrei uma senhora gorda, de aspecto elegante, que usava uma fita cor-de-rosa no chapéu. Ela sorria para alguém em sua frente que eu não conseguia ver. O que eu vi de início foi uma senhora sentada sozinha, do lado de fora, em uma das mesinhas de mármore. Meu cunhado havia parado para vê-

la. Serviram-lhe algo que ela nem tocara. Ela permanecia completamente imóvel, recostada na cadeira, com as mãos cruzadas, olhando para a rua, mas sem nos enxergar. Do ângulo em que eu me achava, conseguia ver-lhe o perfil ainda que um tanto diminuído, e de início fiquei certo de que a conhecia.

— A moça que viajou conosco, disse meu cunhado.

— Ela veio no mesmo navio? Com vocês? — perguntei com interesse.

— Dia e noite. Nunca sentiu qualquer mal-estar. Ela costumava ficar o tempo todo sentada a um lado do convés, com as mãos cruzadas como estão agora e com os olhos fitos no horizonte oriental.

— E você vai falar com ela?

— Não a conheço. Não trocamos palavra durante a viagem. Eu não estava disposto a me aproximar de senhoras. Mas eu costumava observá-la e não sei por que me senti interessado por

ela. É uma adorável ianque.

Tenho uma leve impressão de que é uma professora que vai tirar umas férias subvencionadas pelos seus diretores.

Nisso, ela virou um pouquinho mais o rosto como se quisesse olhar para as casas de fachada cinzenta do lado oposto. Então me decidi:

— Vou falar com ela!

— Eu não ousaria, Ela é muito tímida, disse meu cunhado.

□ 14 □

— Eu a conheço, meu caro. Uma vez, estive mostrando-lhe fotografias durante uma festinha.

Aproximei-me e não tive nenhuma dúvida. Era mesmo Caroline Spencer que estava realizando seu sonho. Ela não me reconheceu de pronto e ficou um tanto embaraçada.

Puxei uma cadeira junto à mesa e sentei-me, dizendo.

— Espero que você não tenha tido ainda nenhuma decepção. Ela encarou-me um tanto ruborizada. Depois, com um leve sobressalto disse:

— Foi você quem esteve me mostrando fotografias da Europa numa festinha em Verona do Norte, não foi?

— Sim, fui eu mesmo. Que pena eu não poder lhe proporcionar uma festinha de recepção.

Falei tanto naquela ocasião sobre a Europa...

— Você não falou tanto. Sinto-me intensamente feliz!

— exclamou ela.

Caroline parecia realmente estar muito feliz. Não mostrava nenhum sinal de envelhecimento. Estava tão distraidamente bonita como antes. A seu lado, um cavalheiro tomava absinto. Atrás, aquela senhora gorda e elegante chamava o garçom com insistência, dizendo: "Alcibiade!

Alcebiade!" Eu expliquei a Caroline que o cidadão que me acompanhava tinha sido seu companheiro de viagem. Meu cunhado aproximou-se e fez a apresentação.

Ela olhou para ele como se nunca o tivesse visto antes.

Lembrei-me de que meu cunhado dissera que ela viajara o tempo todo com o olhar perdido no horizonte oriental e concluí que, evidentemente, ela nunca o tivesse notado.

Sempre tímida e sempre sorridente, ela não esboçou nenhum fingimento para demonstrar o contrário. Meu cunhado foi para o hotel onde se encontrava sua esposa e eu fiquei ali, no pequeno café, com Caroline. Observei-lhe que nosso encontro, logo na primeira hora de seu desembarque, tinha qualquer coisa de miraculoso e que realmente eu estava encantado por ter a oportunidade de receber as suas primeiras impressões.

□ 15 □

— Não tenho nem palavras para lhe dizer. Até parece que estou sonhando, disse ela. Há uma hora que estou sentada aqui e não tenho nenhuma vontade de me locomover. Tudo aqui é tão delicioso e romântico. Até parece que o café que tomei me subiu à cabeça, de tanto que o acho diferente do café do meu passado morto.

— Olhe, se você está tão entusiasmada com essa pobre e prosaica Havre, não vai lhe sobrar admiração para coisas mais interessantes. Não gaste toda a sua apreciação logo no primeiro dia. Lembre-se de que ela é a sua carta de crédito intelectual. Não se esqueça de todos os lugares e coisas lindas que estão a sua espera. Tenha em mente a adorável Itália de que falamos.

— Não tenho receio de esbanjar minha apreciação, disse ela em tom alegre, e ainda com os

olhos voltados para o outro lado da rua. Eu poderia permanecer aqui sentada o dia todo, apenas repetindo para mim mesma que finalmente aqui estou. Tudo me parece tão escuro e estranho, tão antigo e diferente.

— Afinal de contas, como você veio parar neste lugar excêntrico? Onde você está hospedada? (Eu estava meio admirado e meio alarmado com a naturalidade com que aquela delicada moça se achava sozinha, ali, naquele café, sob um toldo em plena calçada).

— Meu primo trouxe-me aqui há poucos instantes.

Você se lembra que lhe disse que tinha um parente aqui, na Europa? É um primo. Ele foi me encontrar no navio esta manhã.

Não era nada da minha conta, mas eu não pude deixar de observar. A história era perfeitamente cabível e minha suspeita parecia um tanto arbitrária. Mas eu não conseguia afastar da mente que o cidadão jamais voltaria. Acomodei-me numa cadeira ao lado de minha amiga com intenção de esperar o desfecho do acontecimento. Ela estava perdida na visão e na imaginação de tudo o que nos rodeava.

Observava, reconhecia e admirava com uma intensidade tocante. Notava tudo o que acontecia na rua movimentada: as peculiaridades dos costumes, as formas dos veículos, os

grandes cavalos normandos, os padres gorduchos que passavam, os cãesinhos "poodles" quase pelados. Falamos dessas coisas e havia um certo encanto na maneira como Caroline observava tudo.

— Quando o seu primo chegar, o que você vai fazer?

Depois de pensar um pouquinho, respondeu: — Não decidimos ainda.

— Quando vocês esperam seguir para Paris? Se forem pelo trem das quatro horas me dariam o prazer de viajarmos juntos.

— Não tenho certeza se o faremos. Por mim, eu viajaria, mas meu primo acha melhor eu passar uns dias aqui, no Havre.

— Hum!

Fiquei sem nada dizer durante uns cinco minutos, pensando o que o tal sujeito estaria pretendendo. Eu olhava em todas as direções da rua, à procura de alguém que se parecesse com um inteligente estudante de arte norte-americano, vivendo na França. Por fim, tomei a liberdade de observar que quem ia à Europa para conhecer lugares belos e coisas interessantes, nunca poderia escolher Havre para ficar mais do que algumas horas. Não era nada mais do que um lugar de conveniência, de trânsito, pelo qual se deve passar rápido para não se perder tempo. Recomendei-lhe que seguisse para Paris pelo trem das quatro e que aproveitasse o tempo antecedente para conhecer a antiga fortaleza na entrada do porto — aquela notável estrutura circular, batizada com o nome de Francis, o Primeiro, e que parecia uma espécie de pequeno castelo de São Ângelo (eu deveria saber de antemão que a fortaleza estava para ser demolida). Depois que Caroline me ouviu durante algum tempo, com muita atenção, exclamou em tom grave: — Meu primo disse-me que assim que voltasse teria algo importante para dizer-me. Eu não devo fazer, nem decidir nada, antes de ouvi-lo. Mas vou fazê-lo. Iremos visitar a fortaleza.

Você disse Francis, o Primeiro? Bem, vai

ser maravilhoso. Não tenho pressa de chegar a Paris. Há muito tempo.

Ela sorria com os seus lábios mimosos, mas um tanto severos, à medida que pronunciava as

últimas palavras.

Entretanto, olhando bem para os seus olhos, poderíamos notar um pouco de apreensão.

— Receio que essa pessoa vá lhe dar más notícias! — falei, baixinho.

Ela enrubescceu como se estivesse convencida de alguma perversidade oculta, mas o seu estado de espirito estava muito alto para cair facilmente.

— Bem, também acho que deve ser algo mau, mas não tão mau. Devo ouvi-lo, entretanto.

Fui tomado de uma certa autoridade um tanto inescrupulosa e disse-lhe:

— Escute, você não veio à Europa para ouvir quem quer que seja, mas para ver coisas belas e interessantes.

Nessas alturas, eu tinha certeza que o seu primo voltaria, uma vez que ele tinha algo desagradável para lhe dizer. Perguntei-lhe se já tinha os planos de viagem pelos países da Europa, ao que ela respondeu que já os tinha contadinhos

nos
dedos.

Enumerou-os
com
tanto

devotamento como se fosse uma religiosa dedilhando um rosário:

— Vou de Paris a Dijon e a Avignon; de Avignon a Marselha e a Cornice. De lá, vou a Gênova e a Spezia, a Pisa, a Florença e a Roma. Parece que nunca lhe ocorria que poderia surgir algum incômodo em viajar sozinha. E uma vez que ela não dispunha de companhia, eu não quis aborrecê-la, colocando o problema de segurança.

Seu primo finalmente apareceu. Vi-o, dirigindo-se em nossa direção, surgindo de uma rua transversal. Do primeiro instante em que meus olhos caíram sobre ele, concluí logo que se tratava do inteligente norte-americano estudante de arte em Paris. Usava um chapéu de abas largas viradas para baixo, jaqueta de veludo cor de □ 18 □

ferrugem escura, igual a muitas que eu estava acostumado a ver na rua Bonaparte, em Paris. Seu colarinho mostrava uma faixa de pescoço que, à distância, parecia muito esquisito. Era um moço alto, magro e sardento. Tive oportunidade de notar todos esses pormenores à medida que ele se aproximava do café, encarando-me com natural surpresa por baixo da romântica aba de seu chapéu.

Quando ele chegou onde estávamos, fiz-lhe minha própria apresentação como sendo um velho conhecido da senhorita Caroline Spencer, e notei que ela o permitiu sem nenhuma ressalva. Ele fitou-me com olhar duro, depois deu-me a mão de maneira solene, à moda européia.

— Veio no mesmo navio com minha prima? — perguntou-me.

— Não, encontro-me na Europa já há alguns anos.

Ele reclinou de novo, maneiramente, a cabeça e fez-me um sinal para que eu me sentasse novamente. Sentei-me, mas somente com o propósito de observá-lo por um instante, pois já estava na hora de ir ver minha irmã. A meu ver, o protetor da senhorita Spencer era um tipo bastante esquisito. A natureza não o favoreceu para ser um tipo rafaesco ou byroniano. E seus trajes não estavam em harmonia com seus atributos faciais. Tinha os cabelos cortados rente à cabeça, as orelhas grandes e mal ajustadas, um gesto afetado, que destoava caracteristicamente de seus olhos castanhos e perscrutantes. Podia ser uma predisposição de minha parte, mas notei

um certo quê de safadeza em seus olhos. Permaneceu em silêncio durante algum tempo. Com as mãos apoiadas na bengala, limitou-se a observar a rua de cima para baixo e de baixo para cima. Finalmente, depois, erguendo vagarosamente a bengala e apontando com ela, ele disse: — Aquele detalhe é muito lindo!

Acompanhei a direção em que ele apontava e notei que se tratava de um pano vermelho, dependurado numa velha janela.

— Lindo detalhe de cor — continuou ele. E sem mover a cabeça, virou os olhos meio fechados na minha direção: □ 19 □

— Daria uma bela composição. Interessante tonalidade antiga. Daria para pintar um lindo quadro. Ele falava num tom vulgar e sem encanto.

— Percebo que você vê tudo com olhos de artista, disse eu. Sua prima me disse que você é um estudante de arte.

Ele olhava-me do mesmo modo, sem nada dizer.

Prossigui com deliberada urbanidade: — Suponho que você frequenta o estúdio com alguns daqueles grandes homens. Ele ainda continuou a fitar-me e em seguida mencionou um dos maiores da época. Isso levou-me a perguntar-lhe se ele apreciava o seu mestre.

— Você entende francês? — perguntou-me.

— Razoavelmente — respondi.

E ainda fitando-me com aqueles olhos pequenos, observou:

— *Je sui fou de la peinture!*²

— Oh! Compreendo-o perfeitamente — disse eu.

Caroline colocou uma das mãos sobre o braço dele com um movimento rápido, que denotava muita satisfação.

Era agradável estar entre pessoas com tal domínio de línguas estrangeiras. Levantei-me para partir e perguntei a Caroline onde eu poderia ter a honra de encontrá-la, em Paris. Ela voltou-se para o primo interrogativamente. Ele lançou-me mais uma vez aquele lânguido olhar velhaco e disse:

— Você conhece o Hotel des Princes?

— Sim, conheço-o.

— Pois é, ela estará hospedada lá.

— Minhas congratulações — disse eu a Caroline. Acho que você não poderia ter melhor hospedagem. Mas, em todo caso, gostaria de visitá-la aqui, no Havre, antes de partir para Paris.

Onde está hospedada? — Ah! O meu hotel

² Sou louco pela pintura — em francês. (N. do T.) □ 20 □

aqui tem um nome muito simpático: "A La Belle Normande".

Minha irmã não se sentiu suficientemente restabelecida para viajar pelo trem das quatro horas. Por isso, ao começar a cair a tarde de outono, achei-me livre para tentar localizar o hotel em que estavam hospedados os meus amigos. Confesso que dispendi a maior parte do intervalo de tempo, desde que nos separamos, a conjecturar sobre o "assunto importante" que aquele sujeito antipático teria levado ao conhecimento da sua prima. "A La Belle Normande" era efetivamente uma hospedaria bastante acolhe-dora. Ficava numa travessa sombreada e de pouco movimento. Assim que cheguei, encontrei logo Caroline Spencer sentada num banco verde no lado de fora, junto a uma porta onde se achava uma pequena placa com os dizeres "Salle a Manger". Logo que a encarei notei que algo desagradável havia se passado. Encostada nas costas do banco e com as mãos cruzadas no colo, ela tinha os olhos perdidos na distância, para o lado do pátio, onde a dona do hotel manipulava alguns damascos. Mas era fácil observar que a coitada não estava pensando, nem em damascos, nem em donas de hospedarias. Apenas olhava.

Mantinha-se absolutamente ausente de tudo, perdida em profundo pensamento. Uma observação de mais perto me certificou de que ela estivera chorando. Sentei-me ao seu lado sem que ela o percebesse. Ao notar-me, não demonstrou nenhuma surpresa. Apenas voltou-me o seu rosto triste. Não tive mais nenhuma dúvida. Algo realmente muito ruim havia ocorrido, pois ela estava completamente transtornada. Fui logo indagando: — Você está muito mudada. Seu primo andou lhe dando más notícias?

Ela não disse nada durante alguns momentos. Cheguei a imaginar que ela se recusava a falar, receando que as □ 21 □

lágrimas caíssem novamente. Depois, pude verificar que não era esse o motivo de seu silêncio, pois desde que nos separamos pela manhã ela já havia derramado todo o seu estoque de lágrimas, o que a deixava agora tão intensa e estoicamente recomposta.

— De fato, meu primo esteve contando algo desagradável — disse ela finalmente. — Ele está em grandes apuros financeiros.

— E já percebo que ele apelou pelo seu dinheiro — disse eu.

— Não só pelo meu, mas também pelo de qualquer pessoa que o possa ajudar. Ele tomará naturalmente de maneira honesta. O meu já foi todo.

— Ah! Disso eu já tinha certeza desde o início. Ele lhe tomou todo o dinheiro?

Caroline procurava esconder a sua preocupação, mas o seu semblante não o permitia.

— Dei-lhe tudo que eu tinha.

Recordo-me que ela pronunciou essas palavras no tom mais angelical possível. Não pude conter-me. Pus-me de pé num impulso como se tivesse sido ferido por um grande ultraje.

— Pelo amor de Deus, Caroline! Você chama isso de maneira honesta de se arranjar dinheiro?

Notei que eu havia me adiantado demais, pois enrubescceu até os olhos e exclamou: — Não falemos mais nisso!

— Precisamos continuar falando nisso, sim, senhora, disse eu, sentando-me ao seu lado novamente. Sou seu amigo. Juro que me considero seu protetor. Parece-me que você necessita de um protetor. O que está acontecendo com esse sujeito "extraordinário"?

— Está muito endividado.

— Disso eu já sabia. Só não compreendo por que você terá que ajudá-lo a pagar as suas dívidas.

□ 22 □

— Bem, ele contou-me toda a história. Tive muita pena dele.

— Também posso estar com muita pena dele, mas espero que ele lhe devolva todo esse dinheiro, disse eu imperativamente.

Quanto a isso, ela respondeu de pronto: — É claro que ele me devolverá!

— Mas quando?

Assim que termine o seu grande quadro!

Eu mal podia conter-me:

Minha cara senhorita, ele que vá pro diabo com o seu grande quadro. Onde está esse homem voraz?

— Está jantando.

Voltei-me um pouco e, olhando para o interior da "salle à manger", pude vê-lo sentado sozinho na extremidade de uma longa mesa. Jantava muito atentamente para notar a minha presença. Mas ao recolocar sobre a mesa um copo de vinho, que acabava de esvaziar, os seus olhos encontraram os meus. Interrompeu um instante o seu repasto e, com a cabeça levemente pendida de lado e com os maxilares macilentos ainda em movimento, fitou-me demoradamente. Nisso, a dona do hotel entrou, trazendo uma pequena pirâmide de damascos.

— E aquele lindo prato de frutas é para ele? — perguntei.

Caroline apenas relanceou os olhos e limitou-se a dizer:

Eles servem muito bem aqui.

Fiquei desesperado e irritado ao mesmo tempo.

— Escute, Caroline. Você acha justo, decente, que esse homenzarrão se aproveite de seu dinheiro?

Ela desviou os olhos. Senti assim que eu lhe causava aborrecimentos. Não havia remédio para o caso. Aquele camarada havia conseguido convencê-la.

□ 23 □

— Perdoe-me se falo dele com tanta sem-cerimônia, disse eu. Mas você é realmente muito bondosa. E ele não tem o menor rudimento de delicadeza. Se ele fez as suas dívidas, somente ele deve pagá-las.

— Não nego que ele tenha feito tolice — disse ela, obstinadamente. Ele contou-me tudo. Tivemos uma longa conversa esta manhã. Ele conseguiu tocar os meus sentimentos. Assinou papéis, responsabilizando-se por uma quantia vultosa.

— É realmente um grande tolo!

— Pois é, agora está em grande desespero. Não só ele, mas também a sua pobre esposa.

— Ele tem esposa?!

— Eu também não sabia. Mas acabou se abrindo comigo. Casou-se faz dois anos, secretamente.

— Por que secretamente?

Caroline tomava todo o cuidado ao falar, como se evitasse que alguém ouvisse. Falou em tom baixinho: — Ela era uma condessa! Mandou-me por intermédio dele uma carta muito linda!

— Uma carta pedindo dinheiro a você, uma pessoa que ela nunca viu?

— Não, uma carta hipotecando-me a sua confiança e simpatia. Ela foi uma criatura cruelmente maltratada pela sua família. Em consequência disso, passou a viver com o meu primo. Ele narrou-me a história com todos os pormenores. Por sua vez, ela também me revela tudo em sua tocante carta, que tenho aqui no bolso. É um lindo romance à moda do velho mundo, disse Caroline. Ela era uma linda viúva de um conde de muito alta classe, mas por outro lado tremendamente perverso, com quem ela nunca fora feliz e cuja morte a deixou completamente arruinada, pois o marido a enganava de todos os modos possíveis. E

meu primo, encontrando-a naquela situação, não só se sentiu penalizado como atraído pelo seu encanto. E

quando a sua família soube que ela estava de amores com □ 24 □

um pobre americano estudante de arte, rompeu com ela. E

a pobrezinha, que pensava receber uma herança de um velho marquês, seu tio-avô, herança essa que ela se propunha a sacrificar pelo seu amor, viu tudo ir por água abaixo. Parece até certas histórias de velhos livros famosos. A família da esposa do meu primo pertence à mais antiga nobreza provençal.

Eu ouvia tudo um tanto confuso. Aquela pobre moça positivamente achava interessante ter sido ludibriada por uma flor daquela estirpe.

— Minha cara amiga, não vá me dizer que está disposta a perder todo o seu dinheiro por essa bobagem de estirpe?

Como se tivesse sido ferida na sua dignidade, ela replicou:

— Não é uma bobagem, nem vou perder um centavo do meu dinheiro. Dando-lhes esse dinheiro, não vou viver pior do que vivi até agora. Estarei de volta muito breve e acabarei morando com eles. A condessa (meu primo ainda a chama pelo título, como faziam com as nobres viúvas inglesas) insiste em que volte para visitá-la, um dia. Assim, creio que embarcarei novamente tão logo eu recupere o meu dinheiro.

Senti como se o meu coração se despedaçasse ao ouvir aquelas palavras.

— Quer dizer que você vai voltar imediatamente para casa?

Pude notar o tremor de voz que ela tentou dissimular com certo heroísmo.

— Não me sobrou nada para a excursão que eu havia planejado.

— Você deu tudo para ele?

— Deixei somente o suficiente para regressar.

Creio que deixei fugir uma espécie de rugido furioso.

Nisso, o herói da situação, o feliz proprietário da sagrada economia de minha amiguinha e da enfatuada "grande □ 25 □

dame" apareceu com aparência de quem havia se deleitado com um lauto jantar. Parou na porta extraindo o caroço de um damasco. Depois, colocando a fruta gulosamente na boca, permaneceu ali, olhando-nos fixamente, de pé com as pernas abertas e as mãos metidas nos bolsos de seu paletó de veludo. Caroline levantou-se, lançando-lhe um olhar que de passagem pude notar que expressava ao mesmo tempo resignação e fascinação. Eu estava bastante aborrecido, mas sentia que não tinha direito de interferir.

De qualquer maneira, minha interferência seria em vão. Ele acenou a mão num largo gesto de serenidade: — Esse velho pátio é lindo! É lindo esse antigo lugar, aquela velha escada em caracol. Quantas coisas lindas aqui!

Eu, positivamente, não podia agüentar aquela hipocrisia e sem responder estendi a mão à minha amiga.

Ela encarou-me por um instante com aqueles olhos miúdos e redondinhos, o rosto branco, e ao mostrar os lindos dentes tinha a impressão de que pretendia sorrir.

— Não se preocupe comigo, disse ela. Tenho certeza de que ainda verei alguma coisa importante desta velha e linda Europa.

Recusei-me, entretanto, a despedir-me em definitivo dela. Deixei entender que acharia um tempo para visitá-la na manhã seguinte. Seu horrendo primo, que já havia colocado seu chapéu na cabeça, arrancou de novo e acenou para mim numa hipócrita demonstração de cortesia.

Apressei-me a deixá-los.

No outro dia, bem cedo, voltei a "A La Belle Normande". Encontrei a proprietária no pátio e ao perguntar por Miss Spencer, ela disse no seu belo francês: — Ela partiu às dez horas com seu... não era marido, era? Bem, com seu gentil cavalheiro. Foram para o navio americano. Dei-lhe as costas, pois senti que as lágrimas a floraram nos meus olhos. A pobre moça estivera apenas umas treze horas na Europa.

IV

Eu que tive mais sorte, continuei a levar a vida conforme ela se me apresentava. Passaram-se mais ou menos cinco anos e durante esse período perdi meu amigo Latouche, que morreu de uma febre malárica numa viagem ao oriente. Uma das primeiras coisas que fiz ao retornar à América foi dar uma chegada ao Norte de Verona para uma visita de pêsames a sua pobre mãe. Achei-a atolada numa profunda tristeza. Passei toda a manhã seguinte à minha chegada (chegara muito tarde na noite anterior) ouvindo os seus lamentos misturados com prantos e cantos de louvores à sua alma. Não falamos em outra coisa e nossa conversa somente parou com a chegada de uma senhora de pequena estatura e movimentos rápidos, dirigindo sua própria carriola. Ela agitava as rédeas sobre as costas do cavalo com um movimento semelhante ao de um dorminhoco atirando as cobertas ao acordar. Saltou da carriola e entrou na sala onde estávamos. Fiquei logo sabendo que se tratava da esposa de um pastor protestante e uma das criaturas mais boateiras da cidade. Percebi logo que o estado de aflição da senhora Latouche era muito grande para ouvi-la. Pareceu-me discreto que eu me retirasse. Assim arranjei um pretexto de que estava ansioso por dar uma volta antes do jantar.

— E por falar em dar uma volta, gostaria de aproveitar a oportunidade para fazer uma visita à minha amiga Caroline Spencer.

A resposta da esposa do pastor foi pronta: Miss Spencer mora na quarta casa depois da Igreja Batista. Nisso a senhora Latouche também interveio dizendo: — Boa idéia. É muito bom o senhor lhe fazer essa visita. A presença de pessoas estranhas reconforta-a bastante.

— Acho que ela já deve estar farta de caras estrangeiras, disse a amiga.

— Estou me referindo a uma visita agradável, retificou a Sra. Latouche.

— Também de visitas agradáveis ela deve estar farta, atalhou de novo a esposa do ministro protestante. Depois, olhando de modo bastante significativo, acrescentou: — Mas o senhor não pretende ficar dez anos em casa dela, pretende?

— Ela teve alguma visita dessa espécie? perguntei.

— O senhor mesmo vai descobri-lo, disse a esposa do ministro de Deus. Essa tal visita está geralmente sentada à porta do pátio da frente. Apenas, tome cuidado ao dirigir-se a ela. Use da maior polidez possível.

— Ah! Ela é assim, tão sensível?

A esposa do pastor levantou-se e num sarcástico gesto de mesura disse:

— É exatamente isso. Ela é madame "La comtesse". Ao proferir esse título a senhora de pequena estatura parecia estar rindo na cara da pessoa a que ela se referia. Fiquei ali parado, encarando-a, conjeturando e procurando relembrar. Finalmente, eu disse: — Terei o cuidado de ser bastante polido. E, tomando meu chapéu e a bengala, saí. Não tive dificuldade em encontrar a casa da senhorita Spencer. Aproximei-me a passos lentos porque, segundo a minha informante, havia sempre alguém sentado no pátio da frente e eu queria ver isso. Olhei cuidadosamente por sobre a cerca branca que separava o pequeno espaço do jardim, da rua sem calçamento. Não descobri ninguém com aparência de condessa. Para falar a verdade, não havia ninguém no pátio. Apenas, sobre a mesa, encontrava-se um bordado não terminado e dois ou três livros de capas vistosas.

Entrei pelo portão e parei no pátio. Hesitei se devia ou não prosseguir, pois descobri que a

casa era muito pobre.

Havia chegado até ali levado pela curiosidade e agora minha curiosidade se transformava em falta de confiança.

Enquanto eu hesitava, notei a presença de alguém que não tive dificuldade de identificar como sendo Caroline □ 28 □

Spencer. Ela, entretanto, encarou-me como se nunca tivesse me visto antes. Caminhei vagarosamente na direção da porta, parando perto da escada, de onde falei com amistoso gracejo:

— Fiquei lá esperando que você voltasse, mas você nunca voltou.

— Esperou-me onde, senhor? — indagou ela timidamente. Seus olhos redondos acusavam um certo envelhecimento. De fato, ela havia envelhecido bastante.

Tinha aspecto de cansaço e desgaste.

— Esperei-a no velho porto francês.

Ela me encarou mais detidamente e só então me reconheceu. Sorrindo e ruborescendo ela uniu as mãos junto do peito dizendo:

Ah! Agora me recorro do senhor. Ela, no entanto, nem se moveu ao meu encontro nem fez qualquer gesto de convite para que entrasse. Ficou ali de pé, visivelmente embaraçada. Aquela atitude deixou-me também confuso e pus-me a martelar o chão com a ponta da minha bengala.

Finalmente me vieram as palavras e eu disse: — Fiquei anos e anos esperando por você.

— Na Europa, o Sr. diz?

— Sim, na Europa naturalmente. Aqui é mais ou menos fácil encontrá-la. Ela apoiou uma das mãos no portal sem pintura reclinando levemente a cabeça para um lado.

Depois, dirigiu-me aqueles olhos redondos sem pronunciar qualquer palavra. Notei que as lágrimas lhe marejavam os olhos. De repente, ela deu um passo para frente e fechou a porta. Através de um pálido sorriso notei que seus dentes continuavam lindos como antes. E ela me perguntou: — O senhor permaneceu lá até agora?

— Até há três semanas atrás. E você, nunca mais voltou lá?

Sempre me fitando ela passou a mão por trás de si e reabriu a porta, dizendo: — Não estou sendo muito polida. O senhor quer entrar?

— Receio incomodá-la.

— De modo algum. Dizendo isso ela empurrou a porta e fez um gesto convidando-me para entrar. Segui-a pelo interior da casa. Mandou-me sentar e ela também sentou-se num estreito espaço do sofá, com uma das mãos segurando apertadamente a outra sobre o colo. De fato, ela demonstrava um envelhecimento de dez anos. Hesitei se deveria ou não tocar naquele assunto referente a sua pessoa. No fundo, eu estava bastante interessado em saber de tudo. Notei que ela estava bastante agitada, mas fingi que nada percebia. De repente, de maneira quase inconsequente, talvez como um eco de nosso encontro no velho porto francês, eu disse:

— Desculpe a minha indiscrição, mas noto que você ainda está bastante aborrecida. Ela ergueu as duas mãos até o rosto e apoiou-o nelas. Em seguida, afastando-as, disse:

— É que sua presença me traz uma recordação.

— Recordação daquele dia horrível que passou em Havre?

Ela sacudiu a cabeça graciosamente e disse: Não foi um dia horrível. Pelo contrário, foi um dia maravilhoso!

— Ah! foi? Recebi aquelas palavras com surpresa, mas prossegui calmamente:

— Eu nunca me senti tão chocado como na manhã seguinte, quando voltei ao hotel e soube que você havia partido. Ela meditou um instante e depois disse: — Por favor, gostaria que mudássemos de assunto.

Sem tornar conhecimento do seu pedido, prossegui: — De Havre você regressou diretamente para cá?

— Sim, cheguei exatamente após trinta dias de minha partida.

— E permaneceu aqui desde então?

— Todos os minutos de minha vida. Fiz uma pausa como se não tivesse mais nada a dizer.

Depois, fui avante em tom de motejo:

— E quando você pretende realizar as viagens que havia programado? Eu podia estar sendo grosseiro, mas havia alguma coisa em mim que se rebelava contra a sua resignação e eu queria provocar nela uma rebeldia. Por alguns instantes ela fixou os olhos numa mancha de sol, que se refletia sobre o carpete. Depois, levantou-se e foi fechar um pouco a persiana para evitá-la.

Acompanhei-a com os olhos esperando a resposta. Finalmente ela me respondeu laconicamente:

— Nunca!

— Espero que pelo menos seu primo lhe tenha devolvido aquele dinheiro, disse eu.

Novamente, ela estendeu a vista no espaço e respondeu:

— Não estou ligando para isso, agora.

— Não está ligando para seu dinheiro?

— Refiro-me a voltar à Europa.

— Você quer dizer que não iria mesmo que pudesse?

— Não posso... não posso. Isso não me passa mais pela cabeça. Tudo agora é diferente, disse Caroline.

— Percebo que o salafrário nunca ligou em lhe devolver o dinheiro, bradei.

— Por favor, por favor! — ela ia dizendo qualquer coisa, mas parou ao ouvir o ruído da porta e passos de alguém que se aproximava. Lancei, também, os olhos na direção da porta, de onde surgiu uma senhora que parou no seu limiar. Atrás dela vinha um jovem. Ela me encarou atentamente e depois desviando os olhos na direção de Caroline, disse:

— Desculpe-me, eu não sabia que você tinha visita.

Pelo que vejo o cidadão entrou imperceptivelmente.

Depois, relanceou novamente os olhos sobre mim. Fiquei matutando onde eu teria conhecido aquela senhora. É claro que teria sido muito longe de Verona do Norte. Isso aumentava a minha curiosidade, pois como então eu iria reencontrá-la naquela redondeza. A que outro cenário a sua presença me transportava? A algum recanto em Paris.

A alguma porta aberta revelando uma ante-câmara suntuosa e uma madame segurando suas vestes e debruçada no parapeito, gritando para a servente que lhe trouxesse o café. A hóspede de Caroline era uma senhora robusta, de meia idade, rosto de um branco cadavérico e cabelos escorridos para trás à moda chinesa. Tinha olhos penetrantes e o que se diz em francês "un sourire agréable". Usava um robe de chambre cor-de-rosa coberto de bordados brancos, e como a figura que passou por um instante em minha imaginação, ela o segurava na frente com sua mão gorducha.

— Vim apenas para lhe falar do meu café, disse ela com seu sorriso agradável. Quero-o

servido em baixo da árvore pequena, no jardim. O jovem que estava atrás dela, nessa altura, deu um passo para dentro da sala em que nos achávamos, e encarou-me com um olhar idiota.

— Você terá seu café no jardim, disse Caroline num tom de quem tinha todo um exército preparando aquele café.

— Muito bem! disse sua hóspede rechonchuda. Depois, voltando-se para o jovem:

— Onde está o seu livro? Ele olhando para todos os cantos do ambiente perguntou:

— A senhora se refere à minha gramática?

E a senhora volumosa, sem desgrudar os olhos do hóspede de Caroline, repetiu:

— Pegue o seu livro.

— O de poesia? — indagou o rapaz que também não parava de me fitar.

— Bem, vamos estudar sem livro. Hoje podemos praticar um pouco de conversação. Não devemos ficar aqui interrompendo o assunto da senhorita... Vamos, vamos!

Voltei os olhos para Caroline, que continuava fitando o carpete.

— Quem é essa personagem? — indaguei.

— A condessa. Isto é, minha prima, como dizem na França.

— E o moço?

— É o senhor Mixter, aluno dela.

Ela lhe dá aulas de francês e de música. Ela teve certos reveses na vida. Entretanto encara sua desgraça com otimismo.

Se ela não pretende se constituir em estorvo para ninguém, é a melhor coisa que ela pode fazer, disse eu com zombaria.

Caroline fez que não notou o sentido de minhas palavras e levantou-se, dizendo: Bem, preciso ir preparar o café.

— E ela tem muitos alunos? — persisti.

Não, somente este. Dedicava-lhe todo o seu tempo e ele lhe paga muito bem. Ele não é muito inteligente como aluno, mas é muito rico e muito amável. Possui uma charrete na qual leva a condessa a passeios pelo campo.

— De fato, uma viagem pelo campo é muito interessante, já que ele é muito lindo por aqui, disse eu ainda em tom de zombaria. Depois, perguntei: — Você vai mesmo levar o café para a condessa no jardim?

— Se você me der licença por um minutinho...

— Não há outra pessoa para fazer isso?

Ela pareceu meditar um pouco para descobrir se havia.

— Não tenho empregada.

— Então, posso ajudá-la? Ela limitou-se, apenas, a encarar-me. Então, perguntei:

— Ela mesma não pode servir-se?

Caroline sacudiu a cabeça vagarosamente como se aquela idéia fosse absurda e disse: — Ela não está acostumada com trabalhos manuais.

Tive ímpeto de explodir diante daquela afirmação, mas fiz tudo para manter o decoro.

— Ela não está, mas você está. Antes de você ir levar-lhe o café, responda-me apenas quem é ela.

— Lembra-se que eu lhe disse, na França, naquele dia inesquecível, que meu primo era casado?

- A senhora que foi deserdada pela família em consequência do casamento?
— Sim, por sinal seus parentes romperam completamente com ela e nunca a viram mais.
— E onde está o marido?
— Meu pobre primo morreu.

Tive uma espécie de sobressalto, mas logo em seguida indaguei:

- E o seu dinheiro?
— Não sei. — respondeu ela com voz sumida.
— E desde que o seu primo morreu sua esposa está morando com você?

E como se não quisesse delongar descrevendo o fato, ela limitou-se a dizer:

- Sim, ela chegou aqui um dia...
— Há quanto tempo?
— Há dois anos e quatro meses.
— E ficou aqui desde que chegou?
— Desde que chegou.

E ela, como se sente?

- Acho que ela não se sente muito bem.
— E você?

Por um instante, ela colocou a cabeça entre as duas mãos como havia feito há dez minutos.

Depois, partiu rapidamente para buscar o café da condessa.

Tendo ficado sozinho na sala, senti-me dividido entre um profundo aborrecimento e a ânsia de descobrir mais coisas. Após alguns minutos, o jovem apareceu novamente na sala, dizendo:

- Ela deseja conhecer o senhor.
— Quem deseja me conhecer? — perguntei-lhe. — A condessa, aquela senhora francesa.
— Ela mandou chamar-me?
— Sim, senhor — disse o jovem com humildade (devo dizer que eu o superava em estatura e peso).

Sai com ele e fomos encontrar a sua mestra de francês e música sentada sob um pequeno pé de marmelo, que ficava na frente da casa, e onde ela se ocupava da feitura de um bordado que não podia ser classificado de obra primorosa. Ela indicou-me com certa elegância a cadeira que se achava ao seu lado e eu me sentei. O jovem Mixer lançou um olhar de um lado para outro e depois sentou-se na grama ao pé da condessa e ficou a olhar para cima na expectativa do diálogo entre mim e a francesa, como quem aguarda um acontecimento inédito.

— Tenho certeza de que o senhor fala francês, disse ela com os olhos singularmente fixados em mim e um sorriso brincando-lhe nos lábios.

— Sim, falo um pouco, madame.

— Ah! *voilà!* — disse ela com entusiasmo. Logo que olhei para o senhor senti que falava francês. Vejo que esteve no meu pobre e caro país.

— Estive lá por um tempo considerável.

— Então, o senhor ama a França?

— É uma afeição antiga, disse eu sem muito entusiasmo.

— E o senhor conhece bem Paris?

— Sim, acho que o conheço realmente, E de propósito fiz que os meus olhos se encontrassem com os seus. Nisso, ela desviou o olhar para o jovem e perguntou-lhe: — A respeito de que

estamos conversando?

— Estão conversando em francês, disse ele.

— Que bela descoberta! — ela exclamou, com ironia. — Já estamos estudando há dez meses, mas se você quiser dizer que ele é um bobo pode dizê-lo, que não compreenderá absolutamente nada. E depois de considerar o jovem Mixter ali sentado aos seus pés, cheguei à conclusão de que ele realmente não entendia nada.

— Creio que os seus outros alunos lhe causam mais satisfação, disse-lhe eu.

— Não tenho outros. Por aqui, ninguém sabe valorizar o francês ou qualquer outra coisa. Não ligam para aprender nada. Por aí o senhor poderá imaginar o meu prazer em encontrar uma pessoa que fala o meu idioma como o senhor. Pude apenas lhe responder que o meu prazer não era menor. Ela continuou a conduzir a linha através de seu bordado, movendo os dedos com muita elegância. De vez em quando, aproximava os olhos do trabalho, também num verdadeiro toque de elegância. Contudo, ela não me inspirava mais confiança do que seu falecido marido, se é que era marido. Havia nela tudo que denotava desonestidade. E quanto a ser condessa, se ela o fosse eu seria um califa.

— Fale-me alguma coisa de meu Paris. De lhe pronunciar o nome sinto uma espécie de langor. Quando o senhor saiu de lá?

— Há apenas alguns meses atrás.

— Conte-me algumas novidades. Que anda fazendo o povo de lá? Ah, como eu daria tudo por passear uma hora no bulevar!

— O povo anda fazendo o que sempre fez. Divertindo-se bastante.

— E os teatros, hein? suspirou a condessa. Já imaginou se a gente estivesse num café-concerto, sentado às mesas na calçada? Que bela existência! Sabe que sou uma parisiense até as pontas dos dedos, senhor?

— Então, a senhorita Spencer se enganou, porque ela me disse que a senhora é da Provença.

Ela fez uma parada, deu uma olhadela no ar e em seguida baixou o rosto no seu bordado.

Depois de um instante, disse:

— Sou uma provençal de nascimento, mas parisiense por inclinação, assim como por força dos acontecimentos mais tristes de minha vida e pelos momentos mais felizes.

— Em resumo, por uma experiência bastante variada, disse eu sorrindo.

— Experiência! disse ela. Eu poderia falar de experiência o tempo todo. E nunca sonhei que a minha fosse tão variada. E indicando os objetos em redor, como a casa, o marmeleiro etc, ela disse: — O senhor já imaginou eu passar dois anos nesse lugar? Hoje, até chego a pensar que já me acostumei por aqui!

— A senhora sempre toma café a esta hora?

— A que horas o senhor sugere que eu tome? Tenho de tomar um café depois do meu desjejum.

— Ah, a sua primeira refeição é a esta hora?

— Ao meio dia. Aqui costumam tomar a primeira refeição às sete e um quarto. Acho esse "um quarto" a coisa mais interessante!

— Mas a senhora estava me falando sobre o seu café, disse eu com simpatia.

— Minha prima não pode crer. Não pode entender que essa xícara de café preto com uma gota de vinho é a coisa mais maravilhosa do mundo, quando tomada a essa hora.

Baixei os olhos para observar o jovem Mixer que, sentado ali com as pernas cruzadas alisando os joelhos, acompanhava com interesse os gestos da francesa que, apesar da familiaridade, eram sempre uma espécie de novidade para ele. Ela observou que eu o encarava atentamente e disse, aproximando novamente os olhos do seu trabalho.

— Ele me adora. Vive sonhando em tornar-se meu namorado! Há seis meses que vem lendo romances franceses, desde então age como um verdadeiro galã.

Parece que o moço sentiu que naquele momento era o centro de nossa conversa, apesar de nem de leve, embevecido como estava, conhecer o assunto em si. Nesse instante, Caroline surgiu do interior da casa, trazendo o bule de café e três xícaras sobre uma bandeja. Pude notar-lhe nos olhos, à medida que ela se aproximava, uma visível expressão de curiosidade, por descobrir o que se falava naquela reunião.

Seus olhos fitaram-me interrogativamente, mas agi, como se dizia em Verona do Norte, completamente impenetrável, sem demonstrar nenhum sinal de resposta.

Eu não podia de modo algum revelar o que eu sentia sobre o provável passado da condessa, já que Caroline a considerava como uma criatura bastante virtuosa e merecedora de todo o respeito. Foi para mim um grande sacrifício manter-me calado, mas não só fiquei calado como demonstrei as melhores formas de cortesia. Mas, como era imperioso que não falasse, também era que eu não me demorasse nem um minuto mais.

Creio que cheguei a me tornar preto de ódio ao ver Caroline ali de pé, como uma empregada, servindo aquela mulher. Mal consegui articular as palavras para perguntar-lhe: — A senhora pretende ficar por muito tempo nestas paragens?

Pelo menos o nosso olhar duro, cara-a-cara, deve ter chamado a atenção de Caroline, e deve ter servido como semente para uma futura revelação. A condessa repetiu seu costumeiro sacudir de ombros dizendo: — Quem sabe? Não posso prever meu futuro. Posso não ficar aqui por toda uma existência, mas quando se está na miséria... E depois acrescentou: — Querida, você esqueceu-se de trazer o vinho.

Estendi a mão em silêncio, despedindo-me. Caroline limitou-se a olhar-me com o rosto pálido, severamente meigo, no qual se estampava friamente as perguntas que eu lhe fizera há poucos instantes e talvez muita coisa mais. Era um misto de desespero, calma e paciência. O que estava mais do que patente é que ela parecia estar satisfeita com a minha retirada. O jovem Mixer levantou-se para servir café à condessa. Retirei-me, e só quando passava novamente pela igreja Batista, ocorreu que a minha amiga alimentava outra alucinação muito mais intensa. Ela ainda teria oportunidade de visitar a velha e famosa Europa, mas eu não a veria nunca mais!

O pobre jovem ali estava em demorada hesitação. Era-lhe difícil entrar no assunto: tocar em dinheiro com uma pessoa da aristocracia, que só falava de sentimentos. Mas ele não queria sair sem saber o seu salário. A amável senhora de mãos gorduchas e cheias de jóias, entretanto, continuava tirando um par de "*gants de suède*", repetindo sempre a mesma coisa, sem entrar no assunto que lhe interessava. Nervosamente, ele já tinha as palavras na pontinha da língua para formular uma pergunta inesperada sobre as cifras do seu ordenado, quando o garoto que a

senhora Moreen havia mandado ir buscar o seu leque, entrou de novo, sem o objeto, apenas dizendo displicentemente que o não encontrara. Enquanto proferia essas palavras cheias de cinismo, olhava firme para o candidato que iria se encarregar de sua educação. Ocorreu ao jovem que a primeira lição que ele havia de transmitir àquele garoto seria ensinar-lhe como se dirigir a sua mãe. Quando a senhora Moreen arranjou aquele pretexto do leque, Pemberton achou que ela criava uma oportunidade para abordar o delicado assunto de sua remuneração. Mas, na verdade, era apenas para dizer-lhe algumas coisas a respeito do filho, e que julgava que um garoto de onze anos não deveria ouvir. Por incrível que pareça, tudo que ela falou era em vantagem do menino, a não ser quando, abaixando a voz, ela bateu familiarmente no próprio lado esquerdo, dizendo:

— Tudo aconteceu por isso e tudo devido a uma fraqueza. Pemberton compreendeu que se tratava de uma fraqueza na região cardíaca. Havia notado que o menino não era uma criança robusta. Aliás, aquela sua conhecida de Oxford que se achava então em Nice, e que sabia das suas necessidades e conhecia a família americana que procurava um tutor, informou-o nessa base.

A impressão que Pemberton teve de seu discípulo em perspectiva, que parecia ter voltado tão depressa à sala para assistir propositadamente o momento em que o seu tutor seria admitido, não foi a melhor. Morgan Moreen era um menino franzino, sem ter, contudo, o que se chama um físico "delicado". Parecia mesmo ser um rapazinho inteligente. Isso chegou a agradar Pemberton, que não estava disposto a lidar com uma criança retardada. Deve se juntar à sua primeira impressão que, com aquelas orelhas e boca enormes, o futuro discípulo não podia ser tomado como uma criança atraente.

Pemberton era um jovem modesto e mesmo tímido e começou a pressentir que o seu pequeno discípulo viesse a revelar-se muito mais esperto do que ele próprio. Refletiu, entretanto, que esse era um risco a que estava sujeita qualquer pessoa que aceitasse um cargo de dar aulas particulares em casa de família. Quando, finalmente, a senhora Moreen se levantou como que querendo sugerir que tudo estava combinado e que ele deveria ir embora e voltar para iniciar o seu trabalho na semana seguinte, ele, apesar da presença do aluno, conseguiu espremer uma frase, indagando das condições de pagamento. No meio de todo o seu embaraço, o professor notou que a senhora Moreen ficou ainda muito mais elegante ao responder: — Oh! Posso lhe garantir que tudo isso será perfeitamente regular.

Pemberton, enquanto pegava o seu chapéu, imaginava em quanto importaria em dinheiro aquele "perfeitamente regular", visto que, a esse respeito, as pessoas têm concepções diferentes. As palavras da senhora Moreen pareceram traduzir o interesse da família de tirar do menino o hábito de se manifestar jocosamente, à maneira estrangeira, dizendo "Oh Ia-la!". Pemberton, ainda um tanto confuso, lançou-lhe um olhar, enquanto ele se dirigia para a janela, com as costas voltadas, as mãos nos bolsos, com jeito de uma criança que nunca brincava. O jovem tutor ficou matutando numa maneira de ensinar o menino a brincar, embora sua mãe houvesse dito que ele nunca o faria, e aí residia o motivo por que a escola era impossível. A senhora Moreen procurou não demonstrar nenhum sinal de desencorajamento. Pelo contrário, apressou-se a dizer que o marido iria ficar muito contente e saber de suas intenções de ajudar o filho, declarando: — Como eu lhe disse, ele foi chamado a Londres e lá permanecerá por uma semana. Assim que ele regressar, ambos poderão trocar idéias a respeito.

As palavras da senhora Moreen exprimiam tanta franqueza e amizade que ele apenas pôde responder sorrindo: — Não creio que teremos muita dificuldade nisso.

— Meus pais lhe darão o que você quiser, interrompeu o garoto, voltando-se inesperadamente da janela. Não ligamos para o que possa custar. Vivemos esplendidamente.

— Como você é extraordinário, benzinho, disse a mãe, esticando o braço displicentemente para acariciá-lo.

O menino esquivou-se dos braços maternos e lançou um olhar inocente, mas inteligente a Pemberton. Ele não apreciava muito a precocidade e ficou um tanto decepcionado em notá-la no semblante de seu futuro discípulo. No entanto, aquele gesto foi uma boa insinuação para que inferisse que o menino não seria dos piores. Contudo, sem dúvida alguma, ele seria uma fonte de agitação. Apesar de uma certa repulsa, essa idéia lhe ficou fixa.

— Sua coisinha peralta, não somos assim tão pródigos, disse ela, fazendo nova tentativa para puxar o menino para o seu lado, ao que ele se esquivou novamente. Você acaba de ver a amostra, disse ela, voltando-se para Pemberton.

— Quanto menos você esperar, melhor. Mas, somos todos pessoas "da moda".

— Somente na medida em que você nos tomar assim, disse a senhora Moreen jocosamente. Bem, então estamos combinados para sexta-feira. Não venha me dizer que você é supersticioso. Não falte, hein. Lamento que as meninas não estejam em casa, hoje, mas na sexta-feira você terá ocasião de nos ver todos juntos. Espero que você goste das meninas. Ah! Tenho outro rapaz completamente diferente deste.

— Ele vive tentando imitar-me, disse Morgan.

— Ele tenta imitar você? Como assim, se ele tem vinte anos de idade? exclamou a Senhora Moreen.

— Você é um garoto muito vivo, disse Pemberton. Isso provocou muito entusiasmo na senhora Moreen, dizendo que as espirocosidades de Morgan eram as delicias da casa.

O garoto não prestou nenhuma atenção às palavras da mãe. Apenas interrogou Pemberton abruptamente, se ele estava realmente interessado em trabalhar em sua casa. O futuro tutor chegou a sentir-se surpreso por não ter recebido a pergunta do menino como uma ofensa.

— Você duvida depois de tal acerto com a senhora sua mãe?

Na realidade, ele não desejava nem um pouco trabalhar naquela casa. Estava aceitando o trabalho, premido pela circunstância, depois de ter perdido toda a sua fortuna, num ano, no estrangeiro. Ele havia lido muita coisa nos olhos do menino. — Bem, farei tudo que eu puder por você, disse o discípulo, dando-lhe novamente as costas. Pemberton viu-o afastar-se e recostar-se ao parapeito do terraço. Permaneceu ali, enquanto Pemberton se despedia de sua mãe, talvez esperando que o tutor fosse aproximar-se dele também.

Deixe-o, deixe-o, é uma criança muito estranha, disse a senhora Moreen. Pemberton supôs que ela temesse que ele dissesse qualquer coisa. Depois, ela acrescentou: Ele é um gênio! Você vai gostar muito dele. É a pessoa mais interessante da família. Mas antes que ele pudesse inventar qualquer bobagem, ela consertou, dizendo: — Aliás, somos todos muito bons.

"Ele é um gênio, você vai gostar dele". Essas palavras ficaram martelando a cabeça do candidato ao cargo de tutor, a semana toda, até sexta-feira. Entre outras coisas, elas sugeriam que os gênios não são sempre criaturas amáveis. Contudo, seria ótimo se existisse uma pessoa que tornasse a profissão de tutor absorvente. Ele se daria por muito feliz se não acabasse se

aborrecendo. Ao deixar aquela mansão, olhou para cima e viu o garoto debruçado no parapeito do balcão.

— Vamos ter bons momentos, disse ele, dirigindo-se ao menino.

Morgan respondeu com jovialidade: — Vou pensar em algumas coisas bastante espirituosas para quando você vier. Essas palavras fizeram Pemberton pensar: "Pelo menos, às vezes, ele parece ser agradável".

O DISCÍPULO

O pobre jovem ali estava em demorada hesitação. Era-lhe difícil entrar no assunto: tocar em dinheiro com uma pessoa da aristocracia, que só falava de sentimentos. Mas ele não queria sair sem saber o seu salário. A amável senhora de mãos gorduchas e cheias de jóias, entretanto, continuava tirando um par de "*gants de suède*", repetindo sempre a mesma coisa, sem entrar no assunto que lhe interessava. Nervosamente, ele já tinha as palavras na pontinha da língua para formular uma pergunta inesperada sobre as cifras do seu ordenado, quando o garoto que a senhora Moreen havia mandado ir buscar o seu leque, entrou de novo, sem o objeto, apenas dizendo displicentemente que o não encontrara.

Enquanto proferia essas palavras cheias de cinismo, olhava firme para o candidato que iria se encarregar de sua educação. Ocorreu ao jovem que a primeira lição que ele havia de transmitir àquele garoto seria ensinar-lhe como se dirigir a sua mãe. Quando a senhora Moreen arranjou aquele pretexto do leque, Pemberton achou que ela criava uma oportunidade para abordar o delicado assunto de sua remuneração. Mas, na verdade, era apenas para dizer-lhe algumas coisas a respeito do filho, e que julgava que um garoto de onze anos não deveria ouvir. Por incrível que pareça, tudo que ela falou era em vantagem do menino, a não ser quando, abaixando a voz, ela bateu familiarmente no próprio lado esquerdo, dizendo:

— Tudo aconteceu por isso e tudo devido a uma fraqueza. Pemberton compreendeu que se tratava de uma fraqueza na região cardíaca. Havia notado que o menino não era uma criança robusta. Aliás, aquela sua conhecida de Oxford que se achava então em Nice, e que sabia das suas necessidades e conhecia a família americana que procurava um tutor, informou-o nessa base.

A impressão que Pemberton teve de seu discípulo em perspectiva, que parecia ter voltado tão depressa à sala para assistir proposadamente o momento em que o seu tutor seria admitido, não foi a melhor. Morgan Moreen era um menino franzino, sem ter, contudo, o que se chama um físico "delicado". Parecia mesmo ser um rapazinho inteligente. Isso chegou a agradar Pemberton, que não estava disposto a lidar com uma criança retardada. Deve se juntar à sua primeira impressão que, com aquelas orelhas e boca enormes, o futuro discípulo não podia ser tomado como uma criança atraente.

Pemberton era um jovem modesto e mesmo tímido e começou a pressentir que o seu pequeno discípulo viesse a revelar-se muito mais esperto do que ele próprio. Refletiu, entretanto, que esse era um risco a que estava sujeita qualquer pessoa que aceitasse um cargo de dar aulas particulares em casa de família. Quando, finalmente, a senhora Moreen se levantou como que querendo sugerir que tudo estava combinado e que ele deveria ir embora e voltar para iniciar o seu trabalho na semana seguinte, ele, apesar da presença do aluno, conseguiu espremer uma frase, indagando das condições de pagamento. No meio de todo o seu embaraço, o professor notou que a senhora Moreen ficou ainda muito mais elegante ao responder: — Oh! Posso lhe garantir que tudo isso será perfeitamente regular.

Pemberton, enquanto pegava o seu chapéu, imaginava em quanto importaria em dinheiro aquele "perfeitamente regular", visto que, a esse respeito, as pessoas têm concepções diferentes.

As palavras da senhora Moreen pareceram traduzir o interesse da família de tirar do menino o hábito de se manifestar jocosamente, à maneira estrangeira, dizendo "Oh Ia-la!". Pemberton, ainda um tanto confuso, lançou-lhe um olhar, enquanto ele se dirigia para a janela, com as costas voltadas, as mãos nos bolsos, com jeito de uma criança que nunca brincava. O jovem tutor ficou matutando numa maneira de ensinar o menino a brincar, embora sua mãe houvesse dito que ele nunca o faria, e aí residia o motivo por que a escola era impossível. A senhora Moreen procurou não demonstrar nenhum sinal de desencorajamento. Pelo contrário, apressou-se a dizer que o marido iria ficar muito contente e saber de suas intenções de ajudar o filho, declarando: — Como eu lhe disse, ele foi chamado a Londres e lá permanecerá por uma semana. Assim que ele regressar, ambos poderão trocar idéias a respeito.

As palavras da senhora Moreen exprimiam tanta franqueza e amizade que ele apenas pôde responder sorrindo: — Não creio que teremos muita dificuldade nisso.

— Meus pais lhe darão o que você quiser, interrompeu o garoto, voltando-se inesperadamente da janela. Não ligamos para o que possa custar. Vivemos esplendidamente.

— Como você é extraordinário, benzinho, disse a mãe, esticando o braço displicentemente para acariciá-lo.

O menino esquivou-se dos braços maternos e lançou um olhar inocente, mas inteligente a Pemberton. Ele não apreciava muito a precocidade e ficou um tanto decepcionado em notá-la no semblante de seu futuro discípulo. No entanto, aquele gesto foi uma boa insinuação para que inferisse que o menino não seria dos piores. Contudo, sem dúvida alguma, ele seria uma fonte de agitação. Apesar de uma certa repulsa, essa idéia lhe ficou fixa.

— Sua coisinha peralta, não somos assim tão pródigos, disse ela, fazendo nova tentativa para puxar o menino para o seu lado, ao que ele se esquivou novamente. Você acaba de ver a amostra, disse ela, voltando-se para Pemberton.

— Quanto menos você esperar, melhor. Mas, somos todos pessoas "da moda".

— Somente na medida em que você nos tomar assim, disse a senhora Moreen jocosamente. Bem, então estamos combinados para sexta-feira. Não venha me dizer que você é supersticioso. Não falte, hein. Lamento que as meninas não estejam em casa, hoje, mas na sexta-feira você terá ocasião de nos ver todos juntos. Espero que você goste das meninas. Ah! Tenho outro rapaz completamente diferente deste.

— Ele vive tentando imitar-me, disse Morgan.

— Ele tenta imitar você? Como assim, se ele tem vinte anos de idade? exclamou a Senhora Moreen.

— Você é um garoto muito vivo, disse Pemberton. Isso provocou muito entusiasmo na senhora Moreen, dizendo que as espirituosidades de Morgan eram as delícias da casa.

O garoto não prestou nenhuma atenção às palavras da mãe. Apenas interrogou Pemberton abruptamente, se ele estava realmente interessado em trabalhar em sua casa. O futuro tutor chegou a sentir-se surpreso por não ter recebido a pergunta do menino como uma ofensa.

— Você duvida depois de tal acerto com a senhora sua mãe?

Na realidade, ele não desejava nem um pouco trabalhar naquela casa. Estava aceitando o trabalho, premido pela circunstância, depois de ter perdido toda a sua fortuna, num ano, no estrangeiro. Ele havia lido muita coisa nos olhos do menino. — Bem, farei tudo que eu puder por você, disse o discípulo, dando-lhe novamente as costas. Pemberton viu-o afastar-se e recostar-se

ao parapeito do terraço. Permaneceu ali, enquanto Pemberton se despedia de sua mãe, talvez esperando que o tutor fosse aproximar-se dele também.

Deixe-o, deixe-o, é uma criança muito estranha, disse a senhora Moreen. Pemberton supôs que ela temesse que ele dissesse qualquer coisa. Depois, ela acrescentou: Ele é um gênio! Você vai gostar muito dele. É a pessoa mais interessante da família. Mas antes que ele pudesse inventar qualquer bobagem, ela consentou, dizendo: — Aliás, somos todos muito bons.

"Ele é um gênio, você vai gostar dele". Essas palavras ficaram martelando a cabeça do candidato ao cargo de tutor, a semana toda, até sexta-feira. Entre outras coisas, elas sugeriam que os gênios não são sempre criaturas amáveis. Contudo, seria ótimo se existisse uma pessoa que tornasse a profissão de tutor absorvente. Ele se daria por muito feliz se não acabasse se aborrecendo. Ao deixar aquela mansão, olhou para cima e viu o garoto debruçado no parapeito do balcão.

— Vamos ter bons momentos, disse ele, dirigindo-se ao menino.

Morgan respondeu com jovialidade: — Vou pensar em algumas coisas bastante espirituosas para quando você vier. Essas palavras fizeram Pemberton pensar: "Pelo menos, às vezes, ele parece ser agradável!".

Realmente, na sexta-feira todos estavam em casa. O marido, conforme havia dito a senhora Moreen, regressara de Londres. Tinha bigode branco e um aspecto comunicativo. Na lapela, usava uma fita de uma ordem estrangeira que lhe foi outorgada por serviços, segundo Pemberton teve ocasião de deduzir eventualmente.

Contudo, não chegou a saber que espécie de serviços fossem. Esse era um dos muitos pontos que o Sr. Moreen nunca revelava. O que ele gostava de enfatizar é que era um homem do mundo. Ulick, o primogênito, estava também se preparando para ter a mesma profissão — com a desvantagem de não possuir ainda nem a fita na lapela, nem aquele bigode que lhe dava um quê de elegância. As moças também eram bastante lindas e todas dotadas de boas maneiras, mas nunca haviam viajado sozinhas.

Quanto à senhora Moreen, ele teve ocasião de reparar melhor e notar que sua elegância era intermitente e seu conjunto nem sempre era tão harmonioso. Conforme havia dito, o senhor Moreen recebeu com entusiasmo a idéia de Pemberton, referente a um salário. O jovem tutor apresentou uma proposta modesta e o senhor Moreen não fez nenhum segredo em achá-la razoável. Em seguida, frisou que era amigo muito íntimo dos filhos e estava sempre procurando dar-lhes o melhor que pudesse. Por isso, viajava sempre para Londres e outros lugares. Para ganhar o suficiente e dar conforto a toda a família.

Durante a primeira semana de contato, Morgan mostrou-se mais confuso do que uma página de um idioma desconhecido. Em tudo diferente da concepção que Pemberton tinha de uma criança anglo-saxônica normal.

Era uma espécie de um livro, que demandava uma certa prática para ser traduzido. Hoje, depois de um intervalo considerável, há algo de fantasmagórico, como uma reflexão prismática ou uma novela em série, na lembrança de Pemberton, a respeito de excentricidades dos Moreens.

Se não fossem algumas provas reais — um punhado de cabelos de Morgan cortado pelas suas próprias mãos, e meia dúzia de cartas recebidas, todo o episódio e as figuras que o povoam pareceriam bastante incoerentes a não ser como acontecimentos de um sonho qualquer.

A principal singularidade da família estava no seu sucesso, como lhe pareceu durante algum tempo, porque nunca tinha visto ninguém tão bem equipado. Não foi, por acaso, o sucesso que o prendeu por longo tempo? Não foi o sucesso que o arrastou naquela sexta-feira de manhã à hora do café — isso já seria bastante para despertar a superstição de qualquer um — levando-o a se comprometer, não por qualquer, espécie de cálculo ou previsão, mas devido a uma espécie de instinto, que fez com que eles, como um bando de ciganos, agissem todos perfeitamente juntos? Divertiram-se com ele, realmente, como se fossem um bando de ciganos. Ele era ainda muito jovem e não conhecia muito do mundo. Seus anos ingleses haviam sido desastrosamente áridos. Assim, as convenções contrárias dos Moreens — pois eles tinham suas peculiaridades desesperadoras — atingiram-no nas suas dificuldades. Não havia encontrado nada melhor em Oxford. Tampouco ouvira algo a respeito durante seus quatro anos na Universidade de Yale, quando supunha estar bem aparelhado para lutar contra o puritanismo. A reação dos Moreens, de qualquer maneira, foi-lhe inesperada. Naquela primeira manhã, ele havia-se julgado muito sagaz, ao afastá-los todos de sua memória com o rótulo de "cosmopolitas". Mais tarde, esse rótulo

pareceu-lhe fraco descolorido, e desesperadamente provisório. Entretanto, quando o empregou pela primeira vez, sentia um rasgo de alegria, pelo fato de pensar que, vivendo com eles, iria aprender muito da vida. Era ainda muito empírico, como instrutor. Achava que os hábitos sociais daquela gente eram devidos a várias influências. Tinha influências de franceses, de italianos e até de americanos. Gostavam muito de macarrão, de café. Preparavam esses alimentos com rara perfeição, mas possuíam ainda centenas de receitas de outros pratos. Eram pessoas muito alegres.

Exultavam com músicas, viviam cantando e agarrando um ao outro com ânsia de dançar e tinham uma espécie de conhecimento profissional com as cidades continentais.

Falavam dos "bons lugares" como se fossem batedores de carteiras ou artistas sempre em excursão. Possuíam uma mansão em Nice, com carruagem, piano, banjo.

Costumavam frequentar festas oficiais.

O hábito da imitação dava-lhes uma aparência de gente culta. A senhora Moreen traduziu, em certa época, um autor que fazia que Pemberton se sentisse um tanto marginalizado por nunca ter ouvido falar dele. Eram capazes de imitar e até cantar em napolitano. E quando queriam falar entre si, de um assunto muito particular, usavam um dialeto que parecia ingênuo, mas muito elástico, que, no início, Pemberton tomava como algum dialeto de um de seus países, do qual ele não entendia patavina, como não entenderia a linguagem do desenvolvimento provincial da Espanha ou da Alemanha.

Morgan explicava que se tratava da língua "ultramoreen" — um idioma particular da família, mas ele mesmo não gostava de usá-lo.

A senhora Moreen sempre tentou incluir um dos seus próprios "dias" no calendário dos amigos que ela possuía na memória, mas os amigos, às vezes, o esqueciam.

Contudo, a casa era sempre freqüentada por pessoas de destaque. Muitas delas eram portadoras de estranhos títulos estrangeiros e trajavam roupas inglesas e sentavam-se no sofá com as moças, falando francês em voz bastante alta, embora, às vezes, com um sotaque singular, como se, quisessem mostrar que não estavam conversando nada impróprio. Morgan costumava designá-los como os príncipes.

Pemberton ficava imaginando como um príncipe podia conversar naquele tom e assim publicamente. Chegava à conclusão de que aquelas pessoas gostavam de ser recebidas como tal. Notou que, apesar de seus títulos, a senhora Moreen nunca deixava que as mocinhas os recebessem desacompanhadas. Paula e Amy não eram nada tímidas, mas era exatamente a proteção que as tornava candidamente livres. Era uma porção de boêmios procurando tremendamente passar por filisteus.

Num aspecto, entretanto, certamente não eram rigorosos. Eram maravilhosamente amáveis e extasiados com Morgan. Era uma ternura e uma admiração sem artifícios, igualmente forte em cada um deles. Chegavam mesmo a achá-lo lindo, o que não era tanto, e tinham tanto mimo por ele, como se fosse um menino feito de fino gesso. Falavam dele, como se falassem de um pequeno anjo e de um prodígio.

Não gostavam de tocar no assunto sobre sua saúde delicada. No começo Pemberton temia algum excesso que o fizesse detestar o garoto, mas, antes que isso acontecesse, ele próprio passou a querê-lo excessivamente. Mas, depois, quando passou a detestar os demais, conseguia suportá-los somente porque eram amáveis com Morgan. Chegava a apreciar o gesto de cada um ir na

ponta do pé para ver se ele estava sentindo alguma coisa e até cancelarem alguma festa para lhe proporcionar satisfação. Além disso, havia uma tendência geral de fazê-lo independente, como num reconhecimento de que não eram suficientemente bons para ele. Passavam-no facilmente para os novos membros de seu círculo de amizade, como se quisessem forçar alguma caridade de adoção num expediente liberal e desvencilhar-se da obrigação. Mostravam-se contentes.

quando Morgan se apegava a algum amigo. Nessa circunstância, não poupavam esforços para estimular essa amizade. Era estranho como conseguiam equilibrar o fingimento e o sentimento real pelo menino. No fundo havia um anseio deliberado de cada um de lavar suas mãos com respeito à sorte dele. Será que queriam desvencilhar-se dele, antes que ele os descobrisse? Pemberton estava descobrindo-os a cada mês que passava. A família adorada pelo menino, por melhor que ela fosse, voltava-lhe as costas com excessiva delicadeza, como que para evitar a vergonha da interferência. Enxergando a tempo quão pouco ele tinha em comum com eles — foi por meio deles que ele primeiro observou, visto que eles o proclamavam com humildade Pemberton foi levado a especular nos mistérios das transmissões hereditárias. A julgar pela sua inferência de que a maioria das coisas que eles apresentavam superava o que um observador pode dizer — o fato certamente se perdia em duas ou três gerações.

Quanto à própria estima de Pemberton pelo seu discípulo, ela surgiu um pouco antes de ele ter chegado àquela conclusão.

Morgan era surpreendentemente deficiente em certas qualidades consideradas comuns a um gênio e pródigo em outras, que poderiam ser atribuídas apenas a uma inteligência sobrenatural. Um dia, seu jovem tutor preparou uma grande experiência para aquilatar até onde iria o seu talento. Apesar de que a fórmula não era lá muito eficiente, mas era apenas um teste para descobrir como ele poderia se conduzir com sucesso perante o garoto. Ele possuía a qualidade normal de uma criança a quem a vida não fora facilitada pela escola. Era uma espécie de sensibilidade feita em casa, que deveria ser horrível para ele próprio, mas que era boa para os outros, e toda uma cadeia de refinamentos e percepções — um pouco de vibração musical, como quem pega as coisas no ar, resultado de suas caminhadas pela Europa, no rastro de sua "tribo migratória". Em primeiro lugar, esse não era um tipo de educação recomendável. Mas seus resultados com uma finalidade tão especial foram tão apreciáveis como as marcas num pedaço de porcelana. Havia nele, ao mesmo tempo, uma grande porção de estoicismo, fruto, sem dúvida algum, de ter começado muito cedo a suportar a dor, endurecendo-lhe o ânimo. Para ele, pouco se lhe dava que tivesse freqüentado a escola, que fosse um pequeno poliglota ou simplesmente uma bestazinha. Pemberton chegou facilmente à conclusão de que a escolaridade regular era um dos fatores primordiais, mas que, em cada um milhão de crianças, uma poderá perfeitamente arranjar-se sem ela. Morgan estava sem dúvida nessa classificação. A escola tanto poderia torná-lo comparável ou superior aos outros, como poderia deixá-lo dando chutes até na própria sombra. Resolveu que ele próprio seria a escola necessária ao seu discípulo. Percebeu que o menino tinha pendores naturais pelas ginásticas intelectuais, e que apesar do comportamento das pessoas, tinha observado mais coisas do que era esperado em sua idade.

No entanto, conservava uma série de comportamentos supersticiosos, com que ele estragava muitas coisas preciosas.

III

Certa tarde em Nice, enquanto descansavam olhando para o mar, depois de uma caminhada, lançou inesperadamente esta pergunta a Pemberton: — Que você está achando de conviver conosco assim tão intimamente?

— Meu caro, estou achando muito bom, senão não ficaria.

— Tem certeza de que vai continuar morando lá em casa?

— Acho que você não está insinuando que vai me demitir, está?

— Acho que eu agiria bem se o fizesse.

— Bem, parece que um de meus deveres é instruí-lo sobre a virtude. Mas, no presente caso, não aja bem.

— Felizmente você é muito jovem — disse Morgan, voltando-se novamente para o seu preceptor.

— Oh! sim, comparando com você!

— Portanto, não tem importância que você perca muito tempo.

— Eis uma maneira de encarar a questão, disse o jovem mestre acomodativamente. Ficaram em silêncio por alguns instantes. Depois, o garoto voltou a perguntar: — Você aprecia meus pais?

— Sim, é claro, são pessoas encantadoras. Morgan recebeu essa resposta com novo silêncio.

De repente, num tom familiar e ao mesmo tempo afeiçoadamente, ele observou:

— Você é um bom despistador! Essas palavras lançadas com aquela mistura de afeto fizeram o jovem mestre mudar de cor. O garoto notou o rubor no rosto de Pemberton. Seu rosto também avermelhou-se. Mestre e discípulo trocaram um olhar mais ou menos demorado e houve consciência de muito mais coisas do que são geralmente tocadas, mesmo tacitamente, em tal relacionamento.

Pemberton estava visivelmente embaraçado, Aquela situação destinava-se a desempenhar um papel singular no seu relacionamento com o discípulo.

Mais tarde, quando se encontrou falando com Morgan de um modo que dificilmente se fala com um menino de sua idade, aquele momento embaraçoso daquela tarde na praia de Nice assomou-lhe à mente, como o amanhecer de uma compreensão que havia se ampliado. O que havia surgido de novo é que ele deveria declarar que o menino poderia abusar dele, Pemberton, quanto quisesse, mas nunca dos pais. A isso, Morgan teve a pronta resposta, dizendo que nunca sonhara abusar dos pais o que parecia ser uma verdade. Pemberton julgou estar enganado.

— Então, por que, naquela tarde em Nice, você me julgou um despistador, só porque declarei que os aprecio?

— Bem, eles são meus pais.

— Não se esqueça de que eles o querem mais do que qualquer coisa no mundo — disse Pemberton.

— É por isso que você os aprecia tanto?

— São muito amáveis comigo, explicou Pemberton, evasivamente.

— Insisto em que você é um despistador disse Morgan rindo, e passando um braço no braço do jovem mestre.

Encostou nele, olhando para o mar e balançando as longas pernas finas.

Não chute minha canela, disse Pemberton, enquanto refletia: "Não posso me queixar deles

para esse menino".

— Há outra razão, continuou Morgan, cessando o movimento das pernas.

— Outra razão para quê?

Além de não serem seus pais...

— Não o estou entendendo, disse Pemberton.

— Bem, mas você vai entender daqui a pouco. De fato, ele o compreendeu dentro de poucos minutos, mas teve que travar uma luta consigo mesmo, antes que o confessasse. Achou a coisa mais absurda para discutir com uma criança. Ficou matutando. Gostaria que os próprios Moreens procurassem discutir o assunto com ele. Mas quando começou, qualquer sentimento para com o filho lhe era vedado. Morgan era um caso especial, e conhecê-lo era aceitá-lo em seu próprio e estranho modo de ser.

Pemberton havia esgotado sua aversão pelos casos especiais, antes que tivesse conhecimento. Mas, quando chegou, seu dilema era enorme. Havia se apegado sem qualquer interesse. Haviam de resolver as coisas juntos.

Antes de regressarem para casa, naquela tarde em Nice, o rapaz havia dito, pendurando-se em seu braço: — Bem, de qualquer maneira, espere até o fim.

— Até o fim?

— Até quando você estiver completamente vencido.

— Acho que você já deve estar completamente vencido, disse Pemberton, puxando o rapaz para junto de si.

IV

Um ano depois de estar com eles, os Moreens deixaram a mansão de Nice. Pemberton já havia se habituado com a tristeza. Tinha visto-a manifestar-se amplamente durante duas curtas viagens — uma à Suécia, no primeiro verão, e a outra, mais tarde, no inverno, quando todos seguiram para Florença e depois, no fim de dez dias, decepcionados, regressaram todos deprimidos. Haviam regressado a Nice "para sempre", como diziam. Mas isso não impediu que, numa noite chuvosa de maio, eles tomassem um carro de segunda classe de um trem (ninguém jamais poderia prever em que classe viajavam), no qual Pemberton os ajudou a acomodar as bagagens.

Explicaram que haviam decidido passar o verão num lugar saudável. Mas a verdade é que, em Paris, foram alojar-se num pequeno apartamento mobiliado, no quarto andar de um prédio situado em uma avenida de terceira categoria. A escada do prédio exalava um mau cheiro horrível e o porteiro era antipático. Ali passaram quatro meses em grande penúria...

Quem tirou o melhor partido dessa viagem foram o discípulo e o preceptor, que, visitando o "Les Invalides de Notre Dame", o "Conciergerie", e todos os museus, acabaram conhecendo muita coisa. Aprenderam como visitar Paris, o que foi muito útil, porque voltaram no ano seguinte para uma estada mais longa, cujo aspecto geral acabou se misturando e confundindo-se, na memória de Pemberton, com a viagem anterior. Persistem em sua lembrança as mesmas botinas velhas de Morgan que não combinavam com a sua blusa desbotada. Guardou, também, na lembrança, os furos dos dois ou três pares de meias de cor do menino. Apesar de mostrar-lhe grande afeto, a mãe de Morgan nunca o vestiu devidamente. É verdade que em parte era por culpa dele, porque em matéria de aparência ele era tão indiferente quanto um filósofo qualquer.

— Meu caro amiguinho, você está andrajoso, dizia Pemberton, ao que o menino replicava: — Você também, meu caro companheiro. Não quero fazer sombra a você.

A verdade é que Pemberton não podia responder a essa asserção porque ela era quase uma realidade.

Entretanto, se o seu guarda-roupa estava realmente pobre, ele não gostava que o seu discípulo tivesse aquela aparência de pobreza. Mais tarde acabou se habituando e costumava dizer:

"Bem, se somos pobres, afinal de contas, não precisamos demonstrá-lo. Ele pôde observar perfeitamente que, à medida que Morgan foi se acostumando em sua companhia, a senhora Moreen foi deixando de renovar o seu guarda-roupa. E encaminhou sua política sagaz no sentido de desencorajar em casa o aparecimento do menino em público. Sua posição chegava a ser lógica. Os membros da família que apareciam em público deveriam ostentar ótima aparência. Durante todo esse período e vários outros, Pemberton estava perfeitamente seguro de como ele e seu companheirinho deveriam chamar a atenção das pessoas. Caminhavam languidamente pelo "Jardin des Plantes", como se não tivessem onde ir, sentavam-se, nos dias de inverno, na galeria do Louvre, tão esplendidamente irônica aos desabrigados, como se procurassem o aquecedor. Às vezes, faziam gracejos da situação. Era a espécie de jocosidade que estava perfeitamente no domínio do garoto. Fingiam fazer parte da legião de pedintes da enorme cidade e que se sentiam orgulhosos da situação, porque ela lhes ensinava muito da vida e tornava-os conscientes de uma fraternidade democrática. Se Pemberton não podia sentir pena da dificuldade do discípulo, por que seus pais, afinal de contas, nunca deixaram sofrer realmente, pelo menos o garoto sentiria

as suas dificuldades com ele, o que seria a mesma coisa. Às vezes, ele ficava matutando o que as pessoas pensariam a respeito, quando lançavam olhares inquiridores, como se suspeitassem tratar-se de um caso de rapto. Morgan não seria nunca tomado como um pequeno patricio, acompanhado de seu preceptor, visto não estar tão elegantemente vestido. Quando muito, poderia passar por um irmãozinho do seu acompanhante.

De vez em quando, ele tinha uma moeda de cinco francos, que gastavam em livros usados, exceto uma vez em que comprou algumas gravatas borboleta e obrigou Pemberton a aceitar uma. Os livros que compravam ajudavam-nos a suportar aqueles dias amargos, pois os que tinham já haviam devorado tão logo fizeram amizade. Pemberton tinha muitos na Inglaterra, mas foi obrigado a escrever a um amigo, pedindo que arranjasse quem desse qualquer dinheiro por eles. Se tiveram que renunciar às vantagens do clima saudável naquele verão, o jovem mestre só podia atribuir a culpa a si mesmo. Foi seu primeiro choque com os patrões. Se acabou ficando por mais um ano, e depois saiu e voltou depois de três meses foi, não porque a resposta que esperava chegasse (aliás bastante insatisfatória), mas porque a Sra. Moreen lhe entregou trezentos francos em moedas de ouro sonantes. Sentiu-se irritado porque ela o convenceu a não abandonar a educação do filho, mesmo depois de ele haver descoberto que aquele era um péssimo emprego. Não era mais uma prova do sucesso com que seu patrões manobravam a arte de enganar? Pemberton ficou tão deprimido diante desse fato, que talvez pudesse ter parecido cômico, a qualquer espectador, quando ele voltou para o seu quartinho de empregado. Chegou à triste conclusão de que estava entregue a um bando de aventureiros. O pensamento e o próprio mune do tomaram para ele o romântico aspecto de horror. Os Moreens eram uns aventureiros, não só porque não pagavam os seus compromissos, apesar de ostentarem alta vida social, mas devido a toda a sua visão de vida, obscura, confusa e instintiva como a dos astutos animais daltônicos. Era uma vida especulativa, extorsiva e mesquinha. Oh! Eram "respeitáveis", e somente aquilo os tornava mais conhecidos. A análise de Pemberton, enquanto ele meditava, ia encadeando as coisas de maneira bastante simples. Eram aventureiros, porque eram uns sapos esnobes. Aquela sem dúvida era a mais completa referência que se podia fazer dos Moreens. Era o retrato do modo de vida que levavam. Mesmo quando isso ficou claro ao seu ingênuo hóspede, ele permanecia ignorante de como sua mente fora preparada para aquilo, pelo extraordinário garoto que agora havia se tornado uma complicação em sua vida. Muito menos podia ele calcular a informação que ainda devia ao extraordinário menino.

Mas foi algum tempo depois que o problema real surgiu. O problema do quanto foi perdoável discutir a torpeza dos pais com uma criança de doze, treze ou catorze anos. Realmente, houve uma espécie de calma depois que Pemberton recebeu os trezentos francos. Eles aliviaram-lhe temporariamente o aperto. O jovem mestre melhorou o seu guarda-roupa e tinha mesmo alguns francos no bolso. Chegava a ter a impressão de que os Moreens olhavam-no, achando-o bastante elegante, apesar de terem o cuidado de não tocar no assunto. Se o Sr. Moreen não fosse essencialmente um homem do mundo, como dizia, naturalmente notaria as gravatas do subordinado. Mas ele era sempre um homem do mundo e não notava as coisas pequenas. Por mais de uma vez, ele havia demonstrado aquela atitude. Era singular como Pemberton adivinhou como Morgan, mesmo sem nada dizer, havia notado que algo tinha acontecido. Mas trezentos francos não duram tanto, principalmente quando se tem dívidas a pagar. E o garoto notou, também, quando o dinheiro acabou. A família havia retornado mais uma vez a Nice no começo do inverno, mas não mais para a bela mansão. Ficaram num hotel durante três meses e depois mudaram para um outro local, explicando que deixavam o hotel porque, depois de estarem esperando por muito tempo, não conseguiram os aposentos desejados. Os aposentos a que se referiam eram cômodos esplêndidos que, infelizmente, nunca podiam conseguir. Felizmente para Pemberton, que tinha certeza de que, se eles os tivessem conseguido, haveria, sem dúvida, menos dinheiro para pagar a educação de Morgan.

E o que Morgan disse foi dito inesperado e despropositadamente, no decorrer de uma aula. Foi dito à maneira de palavras descontroladas, soltas, sem sentir: — Você deveria "filei". Realmente, você deveria.

Pemberton encarou-o. Ele havia adquirido um conhecimento suficiente da gíria francesa com Morgan para saber que "filer" significa parar, ou, no caso, dar o fora.

— Ah! meu caro amigo, está me despedindo?

Morgan puxou um dicionário grego para perto de si.

Ele usava um dicionário greco-germânico para procurar as palavras, em vez de perguntar ao mestre.

— Você sabe que não pode continuar assim.

— Assim como, meu rapaz?

— Você sabe que meus pais não lhe pagam direito — disse ruborizando e virando as páginas do dicionário.

— Não me pagam? — Pemberton encarou-o novamente, fingindo admiração. Quem enfiou isso na sua cabeça?

— Tem sido assim há muito tempo — disse o menino, remexendo as páginas do livro.

Pemberton ficou em silêncio. Depois prosseguiu: — O que você está procurando? Eles têm me pago certinho.

— Estou procurando uma palavra para "whopper" (grande mentiroso).

— É melhor você procurar uma para insolente. E para que eu quero dinheiro?

— Oh! Isso é uma outra questão.

Pemberton vacilava. Era apanhado de surpresa. A coisa mais correta do mundo seria dizer ao rapaz que aquele assunto não era de sua conta, e que ele continuasse com a sua lição. Mas tinham

se tornado amigos muito íntimos.

Não estava acostumado a tratar o menino daquela maneira.

Não havia razão para que o fizesse agora. Por outro lado, Morgan estava com a razão. Ele de fato não poderia agüentar por muito mais. Portanto, por que não o pôr a par do real motivo pelo qual o mestre o deixaria? Ao mesmo tempo, parecia-lhe que não era decente continuar naquele assunto com o aluno. Talvez fosse melhor disfarçar. Por isso, respondeu à última declaração de seu camarada dizendo que havia recebido vários pagamentos.

— Eu sei como você recebeu, disse o garoto, dando gargalhadas.

— Estou dizendo a verdade — insistiu Pemberton.

Agora, dê-me o exercício para eu corrigir.

Morgan empurrou o caderno sobre a mesa. Pemberton começou a ler a página, mas com algo que não dava sentido, passando por sua cabeça. Depois de alguns instantes ele ergueu os olhos e encontrou os do rapaz, fitando-o de maneira estranha.

— Não temo enfrentar a dura realidade — disse Morgan.

— Tenho que ser justo, dizendo que ainda não conheço nada do que possa ter medo.

Essas palavras foram proferidas espontaneamente e exprimiam muita verdade. Por isso causaram um certo prazer ao menino.

— Venho pensando nisso há muito tempo.

— Sim, mas não pense mais, disse o mestre.

Morgan pareceu obedecer e a lição durou uma hora e transcorreu num ambiente de camaradagem. Ambos tinham a mesma teoria. Por mais aborrecidos que estivessem, sempre procuravam dar à aula aquela tonalidade de coisa agradável. Entretanto, quando, no fim da manhã, Morgan, apoiando o cotovelo na mesa e com o rosto entre as mãos, explodiu num pranto convulsivo, Pemberton, que nunca o havia visto chorar, ficou alarmado.

No dia seguinte, depois de muito pensar, Pemberton tomou a decisão de intimar o casal Moreen novamente, dizendo-lhes que se eles não lhe pagassem tudo o que deviam, ele não somente deixaria a sua casa, mas contaria tudo ao menino, levando-o a suspender as lições.

— Oh! Você não lhe disse nada ainda! — disse a Sra. Moreen, colocando uma das mãos sobre o peito.

— Acha que eu iria dizer-lhe isso, sem avisá-los? Por quem estão me tomando? — indagou o jovem.

O Sr. e a Sra. Moreen entreolharam-se. Pemberton notou que eles apreciaram o seu requinte de delicadeza, tendente a proteger-lhes a integridade moral.

— Meu jovem, para que você quer tanto dinheiro, quando você leva uma vida confortável juntamente conosco? indagou o Sr. Moreen. Pemberton não lhe notou a pergunta, uma vez que a sua mente estava bastante ocupada, observando como o casal tinha o mesmo comportamento moral. Nem lhes passava pela cabeça que aquela criança os observava. Entretanto, notou que a sua □ 59 □

ameaça preocupava-os. O Sr. Moreen, como homem de experiência, começou a abordá-lo com evasivas, segundo o costume, enquanto a Sra. Moreen recorreu, pela primeira vez, desde que vinha convivendo com eles, a uma grandeza de sentimento, lembrando-o de que uma mãe devotada possui a arte de proteger um filho das difamações maldosas.

— Por acaso eu seria um maldoso difamador, se a acusasse de faltar com suas obrigações

referentes ao meu ordenado? — replicou Pemberton, puxando fortemente a porta atrás de si. Ele não deixou de sentir um certo constrangimento, pensando que não havia procedido bem.

Enquanto isso, o Sr. Moreen acendia outro cigarro e a esposa gritava: — Você não percebe que está nos colocando a faca no peçoço?

Bem cedo, na manhã seguinte, ela foi bater na porta de seu quarto. Pela batida Pemberton percebeu logo que era ela, mas não podia imaginar que fosse levar-lhe dinheiro.

Porém, a mãe tinha cinqüenta francos na mão. Entrou com seu traje de dormir e ele a recebeu do mesmo jeito.

Naquela altura, Pemberton já estava mais ou menos escolado nos "hábitos estrangeiros" da casa. A Sra. Moreen era muito afoita e na sua afoiteza não media bem o que fazia.

Portanto, ela sentou-se na cama, visto que as roupas de Pemberton ocupavam as cadeiras. E, na sua preocupação, esqueceu-se, olhando em redor, de sentir-se envergonhada do quarto horrível que ela lhe dava. O seu objetivo, naquele instante, era apenas tentar persuadi-lo de que, em primeiro lugar, ela era uma criatura por demais generosa ao lhe trazer cinqüenta francos; e, em segundo lugar, se ele tivesse capacidade de enxergar as coisas, que era realmente um absurdo pretender receber dinheiro. Mesmo não recebendo com freqüência, será que não considerava pagamento aquele convívio luxuoso e confortável, que desfrutava com a família? Será que ele não tinha consciência de sua posição? Será que aquilo não bastava para um jovem completamente desconhecido, com pouquíssima coisa para mostrar, um jovem que não conseguia descobrir os fundamentos de suas pretensões exorbitantes? Será que não valia nada a amizade que Morgan lhe dedicava, amizade perfeitamente ideal para ambos, e o privilégio de conviver com um garoto tão bem dotado, que realmente (ela dava um tom literal a suas afirmações) não havia companhia melhor na Europa? E a Sra. Moreen se pôs a falar com ele, como se fosse "um homem do mundo" e dizia: — Veja, meu caro, e quero que o amigo pense bem nisso.

Insistia para que ele fosse razoável, enfatizando que tudo aquilo era uma bela oportunidade para ele. Ela dava a entender que, se Pemberton fosse razoável, teria que provar-se digno de ser o preceptor de seu filho e da extraordinária confiança que toda a família lhe depositava.

Pemberton deduzia que tudo não passava de uma diferença de teoria, e teoria não tinha muita importância.

Até aqui, bem ou mal, mantinha a teoria de que o seu serviço deveria ser remunerado. Agora, estavam tentando provar que ele deveria trabalhar gratuitamente. Mas por que gastavam tantas palavras com isso? Contudo, sentada ali na cama, com os cinqüenta francos na mão, a Sra.

Moreen continuava na tentativa de ser convincente, enquanto, encostado na parede, com as mãos no bolso do robe de chambre para forçá-lo a cobrir-lhe as pernas, Pemberton ia ouvindo as reiteradas e irritantes lenga-lengas da patroa. Finalmente ela levantou-se, dizendo: — Como você vê, estou lhe trazendo uma proposta definitiva.

— Uma proposta definitiva?

— Sim, para tornar as nossas relações regulares como o eram e para colocá-las numa base confortável.

— Percebo. É um sistema, disse Pemberton. É uma espécie de chantagem organizada.

A Sra. Moreen exasperou-se, e era exatamente o que ele queria.

— O que você quer dizer com isso?

— A Sra. procura despertar em mim o receio pela sorte de seu filho, se eu me for embora.

— E você já imaginou o que poderá acontecer nesta circunstância? — perguntou ela.

— Ora, ele ficará com a senhora.

— E com quem mais ficaria uma criança, a não ser com a pessoa que ela adora?

— Se a senhora pensa assim, por que não me despede?

— Será que está insinuando que Morgan gosta mais de você do que de nós?

— Creio que sim. Eu me sacrifico por ele. Embora tenha ouvido que a senhora também o faz, mas eu nunca vi.

A Sra. Moreen o encarou por um momento. Depois, com emoção. Depois, agarrou-lhe as mãos, perguntando: — Você continuará sacrificando-se por ele?

Pemberton explodiu numa gargalhada, depois disse: — Bem, verei o que poderei fazer.

Ficarei um pouco mais. Seu cálculo está certo. Não suporto pensar em deixá-

lo. Gosto muito dele e tenho grande interesse por ele, a despeito dos inconvenientes que sofre.

A senhora conhece perfeitamente a minha situação. Não tenho um vintém no mundo. E ocupado como vivo com o Morgan, não tenho como ganhar dinheiro em outro lugar.

A Sra. Moreen batia a nota de cinqüenta francos contra o seu braço nu.

— Você não é capaz de escrever artigos, ou fazer traduções como eu faço?

— Não conheço nada a respeito de traduções, mas acho que são pessimamente pagas.

— Eu fico contente de ganhar o que posso, disse a Sra.

Moreen com prodigiosa virtude.

— A senhora pode me dizer para quem traduz? — Pemberton esperou a resposta, mas ela não veio. Depois, ele acrescentou: traduzi uns tópicos, mas a revista os recusou com agradecimentos.

— Viu só, você não é nenhum gênio, para fingir estar sofrendo por nossa causa, disse ela sorrindo.

— É que não tenho tempo de me dedicar mais às coisas, disse ele lamentosamente. Depois, como quem quisesse se reabilitar de um fracasso, acrescentou: — Se eu ficar algum tempo mais será numa condição: que Morgan saiba claramente em que base estou trabalhando.

A Sra. Moreen ironizou dizendo: — Acho que você não vai querer fazer ostentações para uma criança.

— A Sra. fala em ostentação?

Ela repreendeu-o novamente e desta vez fez questão de acrescentar:

— E logo você que acabou de falar em chantagem!

— A senhora poderá evitá-lo.

— Você disse ainda que eu procuro despertar em você receios pela sorte de Morgan...

— Está certo. Na verdade, sou um grande canalha, respondeu Pemberton.

A Sra. Moreen fitou-o bem nos olhos. Ela realmente estava em dificuldades financeiras. Em seguida, ela esticou a mão oferecendo-lhe o dinheiro: — O Sr. Moreen mandou-me entregar-lhe esse dinheiro por conta.

— Agradeço muito ao Sr. Moreen, mas não temos mais contas a ajustar.

— Quer dizer que você recusa?

— Sim, isso deixa-me mais livre.

— Mais livre para envenenar a cabeça do meu filhinho?

— Oh! A cabeça do seu filhinho! disse Pemberton rindo.

Ela o encarou por um momento. Pemberton esperou que ela fosse explodir em lamúrias, pedindo pelo amor de Deus, mas ela conteve o seu impulso. Guardou o dinheiro, numa atitude que pareceu cômica, e deixou o quarto exclamando, desesperadamente:

— Pode dizer ao meu filho a maldade que você quiser.

Alguns dias mais tarde, enquanto dispndia um quarto de hora passeando com Morgan em silêncio, este, que havia se tornado sociável novamente, disse: — Vou lhe dizer como é que eu sei. Soube-o através de Zénobie.

— Zénobie? Quem é ela?

— Uma pajem que tive há vários anos atrás. Uma mulher encantadora. Eu gostava dela demais, e ela também de mim.

— Bom, gosto não se discute, o que você soube através dela?

— Ora, o que os meus pais pensam. Ela foi-se embora porque eles não a pagavam. Ela ficou conosco durante dois anos e contou-me que nunca recebeu o seu ordenado.

Assim que descobriram o quanto ela gostava de mim, deixaram de dar-lhe os vencimentos. Pensavam que ela ficasse de graça apenas por amor a mim. Mesmo assim, ela ficou ainda por algum tempo. Tanto quanto pôde. Era uma moça pobre, que tinha que mandar dinheiro para sua mãe. Por fim, ela não pôde aguentar mais e partiu certa noite, com uma raiva tremenda dos meus pais. Na hora da partida, ela chorava e abraçava-me com desespero.

Contou-me todo o plano. Assim, desde que você chegou, estou preocupado que pretendam fazer o mesmo com você.

— Zénobie era arguta, e fez que também você o ficasse, disse Pemberton.

— Não, não foi Zénobie, foi a natureza e a experiência que me ensinaram, disse Morgan rindo.

— Bem, pelo menos Zénobie foi uma parte da experiência.

— Concordo em que eu seja parte da experiência dela, como não posso negar que seja parte da sua.

— Uma parte muito importante, mas não vejo como sabe que estou sendo tratado como Zénobie.

— Você tem-me como o maior dos ignorantes, não é?

Será que não deu para eu tomar conhecimento do que passamos juntos?

— Do que passamos juntos?

Nossas privações, nossos dias amargos.

Oh! nossos dias têm sido maravilhosos!

Morgan ficou em silêncio por alguns instantes e, em seguida, disse:

— Meu caro companheiro, você tem sido um herói!

— Você tem sido outro, replicou Pemberton.

— Não, não sou nenhum herói. Também não sou um bebê. Por isso não suportarei isso por muito tempo.

Você precisa arranjar uma ocupação em que lhe pague. Estou envergonhado. Estou envergonhado.

— Talvez devamos partir e vivermos em algum lugar juntos, comentou o jovem mestre.

— Partirei como um tiro, se você concorda em me levar.

— Poderei arranjar algum trabalho que dê para nós dois vivermos, disse Pemberton.

— O mesmo farei eu. Por que não devo trabalhar? Não sou nenhum inválido.

— A dificuldade é que os seus pais nunca poderiam saber disso. Não iriam concordar com

você. Chegam a adorar o chão em que você pisa. Não vê a prova? Eles não me querem mal. Não querem prejudicar-me. São até muito amáveis. Mas estão dispostos a colocar-me em qualquer apuro na vida por sua causa.

Pemberton ficou admirado com o silêncio com que Morgan recebeu a sua saraivada de sofismas um tanto expressivos. Depois de um momento, o menino repetiu: — Você é um herói. Deixam-me fora com você de manhã até a noite. Por que objetariam que partíssemos juntos de uma vez? Eu o ajudaria.

— Seus pais não estão particularmente interessados em que eu seja ajudado. O que lhes interessa é que você lhe pertença. Sentem muito orgulho disso.

— Não sinto nenhum orgulho por eles.

— A não ser por esses pormenores insignificantes, eles são pessoas maravilhosas, exclamou Pemberton.

O garoto nem prestou atenção às suas últimas palavras e continuou:

— Eu teria discutido com eles, há muito tempo, a respeito de seu ponto de vista, como eu o chamo, se não soubesse de antemão o que diriam.

— E o que diriam?

— Aquilo que disseram a respeito da pobre Zénobie.

Que a sua história era falsa e que eles lhe haviam pago tudo, até o último centavo.

— Bem, é possível que realmente o tenham feito, disse Pemberton.

— Assim como é possível que o tenham feito também a você.

— Suponhamos que eu tenha recebido tudo e *n'en parlons plus*.

— Acusam-na de mentira e trapaça. Eis por que não quero conversa com eles.

— Teme que me acusem também?

Morgan não respondeu a essa pergunta. Pemberton baixou os olhos e verificou que o companheirinho tinha os seus marejados de lágrimas.

— Não se preocupe tanto com isso. A não ser esses pormenorezinhos, os seus pais são ótimas pessoas.

— A não ser pelas suas mentiras e trapaças?

— Ora, vamos, vamos, disse Pemberton, imitando o tom da voz do garoto.

— Temos que ser francos, afinal de contas. Temos que chegar a um acordo, disse Morgan, com a importância de um garoto convencido de que estivesse desempenhando um papel muito sério, talvez num naufrágio ou num ataque de índios. Estou bem enfronhado no assunto.

— Talvez seu pai tenha suas razões, respondeu Pemberton.

— Razões para mentir e tapear?

— Não, para economizar, controlar os negócios e empregar o dinheiro em coisas sérias. Ele tem muito o que fazer com o seu dinheiro. Vocês são uma família que dá muita despesa.

— Sim, eu dou muita despesa, disse Morgan, num tom que provocou riso em seu preceptor.

— Ele talvez esteja economizando para você. Seus pais pensam em vocês em tudo o que fazem.

— Acho que eles deveriam economizar um pouco mais de outra coisas...

Pemberton esperou para saber o que era e ele concluiu: — Um pouco mais de reputação.

— Há muita reputação, esteja certo disso.

— Há muita reputação para as pessoas que eles conhecem, não resta dúvida. São umas

pessoas horríveis!

— Você se refere aos príncipes? Não devemos abusar dos príncipes.

— Por que não? Não se casaram com Paula, não se casam com Amy, apenas afastam Ulick

— Vejo que você realmente sabe tudo, declarou Pemberton.

— Na realidade, não sei nada. Não sei de que eles vivem, ou como vivem ou por que vivem.

Não sei como conseguem o com que vivem. Será que são ricos? Será que são pobres ou vivem modestamente? Vivem um ano como embaixadores, o outro como indigentes. Quem são eles, afinal de contas? E que são? Tenho pensado sobre tudo isso e muito mais. Acho que não passam de umas bestas mundanas. É isso que odeio mais. Tenho observado que a principal preocupação deles é a aparência e passar por uma coisa ou por outra. Por quem diabo eles querem passar, Pemberton, diga?

— É melhor você fazer uma pausa, para depois dar a resposta, disse Pemberton, tentando dar um tom de brincadeira à conversa séria do menino, mas não escondendo a sua admiração pela sua intensa objetividade, ainda que imperfeita.

— Não tenho a menor idéia, por enquanto.

— E que importa tudo isso? Tenho visto essas pessoas "finas" também tratarem bem aos seus pais. Procuram tirar tudo o que podem deles. Mentem, trapaceiam...

— Você é a única pessoa realmente fina que conheço.

— Tem certeza disso? Eles não mentem para mim.

— Bem, você também não deve mentir para eles. Por isso, você tem que ir embora. É isso que você tem que fazer, disse Morgan.

— E você?

— Ah! Já estou crescendo. Também partirei daqui a algum tempo. Haveremos de nos encontrar mais tarde.

— Acho melhor você deixar que eu conclua a sua instrução, disse Pemberton, procurando provocar o espírito de superioridade do menino.

Morgan parou de caminhar e ergueu a cabeça para citar o rosto do jovem mestre. Agora, ele tinha que olhar para cima muito menos do que o fazia alguns anos antes.

Tinha crescido bastante.

— Concluir minha instrução?

— Há uma porção de coisas maravilhosas que ainda podemos fazer juntos. Quero ajudá-lo. Quero que você me dê crédito.

Morgan continuou fitando-o.

— Você está falando em crédito?

— Meu caro amiguinho, você é uma pessoa muito esperta para viver...

— É nisso que não quero que você pense. Não é justo.

Não posso suportá-lo. Vamos nos separar na próxima semana. Quanto mais cedo isso terminar, mais cedo a gente poderá dormir sossegado.

— Se eu souber de algo, de outra oportunidade, pro-meto partir, disse Pemberton. Morgan consentiu em considerar essa parte, mas disse: — É preciso que haja honestidade. Não vá fingir que não arranhou nada!

— É mais provável eu fingir do que ter conseguido.

— Mas como você vai conseguir algo, se fica metido neste buraco, conosco? Você precisa se

expor. Precisa ir à Inglaterra, à América...

— Agora até parece que meu tutor é você.

VII

Morgan deixou os fatos tão claros que Pemberton passou a sentir uma espécie de fascinação em discuti-los com ele. Ao mesmo tempo, passou a sentir que seria desumano partir, deixando o rapaz sozinho com todos aqueles problemas. Morgan nunca fora tão interessante e tão digno de confidências como agora. O que se destacou muito mais foi o seu orgulho, o que não passou despercebido a Pemberton. Tinha tanto orgulho, que se poderia sentir a tentação de encontrar nele algum defeito. Não se conformava com o espírito de subserviência dos pais. Se a mãe era subserviente, o pai era muito mais. O menino tinha uma imaginação romântica, alimentada com poesia e história, e costumava dizer a Pemberton que gostaria que aqueles que tinham o seu nome agissem com certa dignidade. Mas a preocupação dos seus familiares era se meter com pessoas que nada queriam com eles. E eles tomavam essa humilhação como uma cicatriz honrosa.

Afinal de contas, em certos aspectos, os seus familiares chegavam a ser mais inteligentes do que "aquela nobreza" que tanto bajulavam. Afinal de contas, até que a minha família é "divertida", costumava dizer a Pemberton. E este respondia jocosamente:

— *A trupe dos Moreens?* É muito agradável no conjunto. Se não fossem os senões que temos apontado, seria uma família e tanto!

Mas Morgan não podia se conformar com o modo de ser dos Moreens. Não resta dúvida, dizia., que cada pessoa escolhe o modo de vida que mais lhe apraz. Mas por que será que os seus haviam optado pelo rastejamento, pela humilhação, pela mentira e pela trapaça? Em que teriam os seus antepassados, todos pessoas decentes, segundo se infere, influenciado sobre eles? Quem lhes teria envenenado o sangue com a preocupação de uma classe social de quinta categoria, com a idéia fixa de travar conhecimentos com pessoas distintas e pertencer ao 'mundo grã-fino, especialmente quando esses contatos já eram fadados ao fracasso e à humilhação? Contudo, nunca demonstraram um simples traço de dignidade, nunca o menor frêmito de vergonha ao encararem-se uns aos outros, nunca qualquer sinal de independência, ressentimento ou constrangimento.

Tinham partido em direção a Veneza para passarem o inverno. Naquele dia de novembro, enquanto o vento rugia contra o velho palácio e a chuva caía pesada sobre o lago, Pemberton, para exercício ou para aquecimento, pôs-se a caminhar de um lado para outro na grande sala, acompanhado de seu discípulo. Ele estava bastante deprimido, porque sentiu que a fortuna dos Moreens estava em franco declínio. O Sr. Moreen e Ulick estavam na "Piazza" tratando de negócios. Paula e Amy estavam ainda na cama, talvez devido ao frio. Pemberton procurava descobrir no semblante do garoto o seu estado de espírito, diante da presente situação. Mas Morgan, agora bem mais crescido e mais forte nos seus quinze anos, parecia sentir-se otimista na sua teoria que sempre segredava ao seu preceptor, segundo a qual, muito breve, estaria afirmando-se nos seus próprios pés. Considerava que a situação deveria mudar, que dentro de pouco ele estaria produzindo, no mundo dos negócios, e provando a sua habilidade. O que mais povoava a sua imaginação era a sua ida para Oxford com Pemberton, com a ajuda do qual esperava realizar as melhores coisas do mundo em matéria de estudos. Isso, entretanto, deprimia o jovem preceptor, por ver nesse sonho do menino pouca possibilidade de realização. Sabia que os Moreens não tinham condições para irem para Oxford. Como poderia ele ir sem uma pensão?

Que possibilidade teriam os Moreens para lhe dar essa pensão? Ele, Pemberton, podia viver às expensas de Morgan, mas Morgan nunca poderia viver às suas. O que seria do rapaz, então? A perspectiva de ele estar se tornando um rapagão tornava a questão do seu futuro mais difícil, Pemberton estava com todos esses problemas sobre a vida de Morgan na cabeça, quando a Sra. Moreen surgiu na sala do palácio. Ela interrompeu aquela marcha que ambos realizavam de um lado para outro, acenando para o filho, chamando-o para junto de si, mandando que ele entrasse para outro aposento. Pemberton percebeu logo que havia qualquer coisa no ar. Fechando a porta assim que o garoto saiu, ela dirigiu-se rapidamente ao jovem tutor. Primeiro, fingiu um pretexto para ter mandado o garoto retirar-se, depois, sem nenhuma hesitação, pediu a Pemberton se ele lhe poderia fazer o favor de emprestar três luíses. Primeiro, ele a encarou com surpresa, depois explodiu numa gargalhada. Ela declarou-lhe que estava completamente sem dinheiro e que aquele dinheiro seria para ela uma espécie de salva-vida.

— Minha cara senhora, é muito dinheiro! Pemberton ria sob a graça emprestada daquele idioma que marcava o melhor dos coloquiais. Foi o momento mais anedótico de sua vida. De onde a senhora acha que poderia tirar três luíses?

— Pensei que você tivesse trabalhado, escrevendo coisas. Não lhe pagaram?

— Nem um centavo. — Você é assim tão tolo, em trabalhar sem receber?

— A senhora sabe que o sou.

A Sra. Moreen o encarou, depois corou levemente.

Pemberton notou que havia esquecido os termos. Se é que aquela proposta que ele acabou aceitando dela, naquela manhã, no seu quarto, pudesse ser chamada de termo.

— Agora, percebo o que você quis dizer. Você foi muito honesto nesse ponto. Pode crer que eu o considero um perfeito cavalheiro. E por ter sido um perfeito cavalheiro, é uma preocupação a menos.

Depois acabou insistindo em que ele deveria tentar arranjar-lhe sessenta francos em qualquer lugar e de qualquer jeito. Pemberton tomou a liberdade de insinuar que se tivesse possibilidade de consegui-los, seria para ele próprio, e nunca para lhe emprestar. Dito isso, arrependeu-se. Sabia perfeitamente que se tivesse o dinheiro não deixaria de colocá-lo à sua disposição.

A Sra. Moreen procurou em seguida liberar o garoto, já que não conseguira o dinheiro. Antes que Morgan voltasse a sala, houve uma batida na porta que comunicava com a escada. Em seguida, surgiu um rapazinho, que Pemberton reconheceu logo tratar-se do entregador de telegramas e também reconheceu que o telegrama era dirigido a ele.

Morgan apareceu, e Pemberton, depois de ter lido o telegrama, passou-lhe a mensagem que dizia: "Conseguimos um bom trabalho para você, para ensinar um jovem rico, conforme seus termos. Venha imediatamente." Pemberton escreveu a resposta contra a parede, entregou-a ao mensageiro que partiu.

— Estarei ganhando um bom dinheiro bem logo, e viveremos bem com ele.

— Espero que o rapaz seja um grande estúpido, e que lhe tome um tempo imenso — disse Morgan.

— Naturalmente, quanto mais tempo ele me tomar, mais dinheiro ganharei.

— Mas suponhamos que eles não lhe paguem?

— Oh! Essas coisas não podem acontecer duas vezes.

Pemberton vacilou, depois acrescentou — Não posso passar por duas fatalidades.

Morgan corou. As lágrimas afluíram.

Pemberton segurou-lhe nos ombros. Nunca havia estimado ninguém assim!

— Que será de você? Pensou no desespero da Sra. Moreen para conseguir sessenta francos.

— Tornar-me-ei um homem de fato!

E depois, como que reconhecendo a extensão da pergunta de Pemberton, respondeu: — Dar-me-ei melhor com eles, quando você não estiver mais aqui.

— Não fale assim. Soa como se eu tivesse colocado você contra eles.

— Não pense nisso. Você me compreende. Serei um rapaz comportado. Entrarei no jogo deles, "até me casarei com minhas irmãs".

— Você se casará consigo mesmo, brincou Pemberton, procurando tornar cada vez mais suave o tom da separação.

De repente, Morgan perguntou: — Como você vai fazer para chegar até seu novo emprego? Acho que precisará telegrafar para o jovem rico para lhe mandar dinheiro.

Pemberton considerou a questão: — Acho que seus pais não vão gostar disso.

— Vá falar com eles.

Pemberton contornou a situação, dizendo: — Procurarei o consulado americano e pedirei um dinheiro emprestado, por uns poucos dias.

Morgan disse com hilariedade que Pemberton deveria ir até o consulado, mostrar o telegrama, conseguir o dinheiro e ficar. No mesmo tom de brincadeira, Pemberton respondeu que para Morgan ele era capaz de proceder daquela maneira.

Mas o garoto, retomando a seriedade, e para mostrar que não estava realmente brincando, não só apressou o companheiro a correr ao consulado, visto que ele deveria partir à noite, como fez questão de acompanhá-lo.

Passando pela "Piazza", viram o Sr. Moreen e Ulick entrando num joalheiro. O cônsul não pôs objeção ao pedido. Na volta, foram até a praça São Marcos à guisa de despedida. Quando, porém, comunicou a sua decisão de partir à Sra. Moreen, ela ficou furiosa e ameaçou-o, dizendo grotesca e vulgarmente que ele não se empenhara para conseguir o dinheiro de que ela precisava.

VIII

Pemberton começou o novo serviço e teve muitas dificuldades com o aluno que lhe fora apresentado e que não era dotado da mesma vivacidade de Margon. Fez o que pôde, recebendo contudo o dissabor de ver o jovem opulento reprovado. Porém, assim que se viu em condições, escreveu à Sra. Moreen, colocando-se à sua disposição para o empréstimo que da lhe havia pedido. Depois de uns poucos dias, recebeu resposta de sua carta em que ela dizia: "Imploramos para que você venha imediatamente, Morgan está muito doente". Estavam novamente em Paris.

Ele escreveu diretamente ao rapaz para que ele próprio lhe desse informações sobre o seu estado de saúde, mas não obteve resposta. Assim, depois de três ou quatro dias, deixou abruptamente o novo aluno e, atravessando o Canal, foi ter-se no pequeno hotel dos *Champs Elysées*, cujo endereço a Sra. Moreen lhe havia dado. Era engraçada aquela família! Não podiam pagar honestamente os seus compromissos, mas podiam viver em hotéis, nas mais caras cidades da Europa. Quando os deixou em Veneza, Pemberton levou uma suspeita de que alguma coisa estava para acontecer. Mas o que realmente aconteceu foi a sua pronta retirada.

— Como está o garoto? Onde está ele? — perguntou Pemberton à Sra. Moreen.

Mas antes que tivesse a resposta, sentiu dois braços enlaçarem o pescoço.

— É assim que você está terrivelmente doente? Por que você não respondeu minha carta? — exclamou Pemberton.

A Sra. Moreen foi logo dizendo que, quando ela lhe escreveu, ele estava muito mal e no mesmo instante Morgan a informava de que respondera a todas as cartas que recebera. Isso deixou claro que a carta de Pemberton não chegara às mãos de Morgan, para que o jogo que ela havia planejado não falhasse. Ela estava preparada para ver o fato exposto, como Pemberton notou pelo seu semblante, e estava inclusive preparada para muitas outras coisas. Preparada até para colocar a questão como tendo agido daquela maneira por um dever e que se sentia satisfeita por ter conseguido a sua recuperação, e que era inútil Pemberton fingir que não reconhecia a presente circunstância: o seu lugar era junto ao seu filho Morgan!

Ele havia afastado o menino deles, agora não tinha direito de abandoná-lo. Tinha criado para si mesmo a maior responsabilidade e precisava, portanto, aguentar as consequências.

— Como o afastei de vocês? — exclamou Pemberton com indignação.

— Não consigo suportar essas fraudes dizia Morgan desesperado, soltando os braços do pescoço do amigo e sentando-se, respirando com dificuldade e empalidecendo.

— Viu só? Você tem coragem de dizer que ele não está tão mal? — dizia a Sra. Moreen, ajoelhando-se aos seus pés com as mãos postas, tocando nele, como se tocasse num pequeno ídolo.

— Estou melhor, estou melhor — dizia Morgan a Pemberton, que também se sentou ao seu lado.

— Ainda está julgando que fui desonesta e que menti?

— perguntou a Sra. Moreen a Pemberton. Cada um faz o que pode. Há muitas coisas a se considerar — comentou a Sra. Moreen. É seu lugar, seu único lugar...

— Leve-me daqui, leve-me daqui Morgan dizia, dirigindo-se a Pemberton com o seu rosto pálido.

— Levá-lo para onde, e como, meu rapaz?

— Oh! podemos acertar isso. Você costumava falar-me sobre esse assunto, explica Morgan. Se pudermos partir daqui, todo o resto será apenas pormenores.

— Pode falar nisso quanto você quiser, mas não penso que o Sr. Moreen irá consentir, disse a Sra. Moreen a Pemberton. Depois, voltando-se para o filho, ela disse mais claramente: — Isso iria destruir nossa paz, iria ferir de morte os nossos corações. Agora que Pemberton voltou, será a mesma coisa novamente. Vocês terão a sua vida, o seu trabalho e a sua liberdade, e vamos todos ser felizes como éramos. Vocês se harmonizam perfeitamente bem e não queremos criar experiências novamente. Aqui, será o lugar de Pemberton. Cada qual no seu lugar. Você no seu.

Seu pai, no dele, e eu no meu. Não é isso, meu caro? Vamos esquecer o quanto fomos tolos e viver felizes.

Ela continuava o seu argumento, enquanto Pemberton se sentava ao lado do garoto, que ia gradualmente recuperando a cor. Ela misturava as coisas, dizendo que iria ocorrer uma mudança na família, que os outros filhos iriam se dispersar. Paula tinha lá suas idéias. Então, precisava ser encarado o quanto o velho casal de pássaros iria necessitar de seu filhote. Morgan olhou para Pemberton que não o deixava mover-se, e Pemberton sabia exatamente qual foi a reação ao ser chamado de filhotinho.

Ele admitia ter passado mal por um ou dois dias, mas protestava contra a mãe por ter usado aquilo como pretexto para trazer de volta o pobre Pemberton, que agora podia rir da comicidade da Sra. Moreen, ajuntando tantos argumentos filosóficos para a sua defesa. Ela mencionou mais algumas vezes a mudança, que estava para ocorrer em sua casa, mas estava tão confusa, era tamanha a mistura de sorrisos e tremores que, por fim, acabou confessando que estava muito nervosa e que não sabia se estava leve como uma pluma ou se estava em estado histérico. Se a família estava realmente prestes a se despedaçar, por que ela não reconhecia a necessidade de colocar Morgan numa espécie qualquer de salva-vidas?

Essa suposição surgiu pelo fato de eles estarem localizados em bairros luxuosos, na capital do prazer, e era exatamente onde iriam ficar, quando a família se desfizesse totalmente. Além disso, não havia ela mencionado que o Sr. Moreen e os outros estavam se divertindo na ópera com o Sr. Granger, e não era precisa-mente ali que deveriam ser procurados na véspera do desmembramento? Pemberton descobriu que o tal Sr. Granger era um norte-americano, muito rico e sem compromisso, que estava nas cogitações de Paula. Se acontecesse o que ela esperava, por certo a coesão da família estaria abalada.

Assim sendo, o que seria do pobre Pemberton, que se sentia ligado a eles como um bloco deslocado no edifício?

Morgan perguntou se lhe haviam providenciado o jantar. Durante a refeição, a Sra. Moreen explicou que tinha sido obrigados a tomar um quarto fora do hotel para Pemberton. Morgan achou a idéia excelente. Não tirava da cabeça a idéia da fuga, na primeira oportunidade. Ele e Pemberton falavam tanto naquele assunto, como se estivessem escrevendo juntos um livro para garotos. Mas da mesma maneira ele exprimia a sua intuição de que havia algo no ar e que os Moreens não se agüentariam mais por muito tempo. De acordo com as previsões de Pemberton, eles agüentaram somente mais seis meses.

Enquanto isso, entretanto, o estado de espírito de Morgan o animava. O Sr. Moreen e Ulick, que ele encontrou no dia seguinte após o seu retorno, o aceitaram normalmente como perfeitos homens do mundo que eram. Paula e Amy trataram-no com muito menos formalidade, talvez

porque o Sr. Granger não havia vindo para a ópera. Apenas havia colocado o seu camarote à disposição delas e enviado um *bouquet* a cada uma. Quanto ao Sr. Moreen e Ulick parecia até que havia algo nublando-lhes o pensamento. "Eles são todos assim", comentava Morgan. "Quando a gente pensa que desembarcaram, ei-los de novo em pleno mar". Os comentários de Moran naqueles dias eram cada vez mais livres. Não só fazia alusão como reconhecia a ternura extraordinária com que foi tratado durante a ausência de Pemberton. Não sabiam mais o que fazer para serem dóceis com ele, para mostrarem que o tinham no pensamento como solidariedade com a sua tristeza.

A convicção de Morgan de que os Moreens não agüentariam por muito tempo crescia mais, cada mês que passava. Três meses depois da volta de Pemberton, eles foram obrigados a mudar para um outro hotel ainda pior do que o anterior. Morgan se alegrava porque Pemberton continuava em seu quarto fora, e isso facilitaria a fuga, no dia ou na noite em que devesse ser efetuada.

Pela primeira vez durante essa complicada ligação com os Moreens, Pemberton sentiu-se aflito. A situação era, como ele havia dito à Sra. Moreen naquela ocasião em Veneza, *trop fort*. Tudo lhe parecia *trop fort* Estava num beco sem saída. Não podia desfazer-se daquele fardo, não podia ter o benefício de uma paz de consciência, nem ter qualquer recompensa daquela afeição. Já havia gasto todo o dinheiro que ganhara na Inglaterra. Via sua juventude passar e não via nenhuma compensação por isso tudo.

Morgan, para sua completa recuperação, contava com ele e esperava que ele se estabelecesse definitivamente em companhia deles. Havia algo de irritante nessa situação.

Percebia o que o rapaz pensava. Pelo fato de o amigo ter tido a generosidade de voltar, ele deveria mostrar sua maior gratidão oferecendo-lhe a própria vida. Mal sabia ele que seu pobre amigo não queria aquela dádiva. O que iria ele fazer com aquela terrível situação de Morgan?

Naturalmente, ao mesmo tempo em que Pemberton estava irritado, ele lembrava o motivo, que era muito honroso para Morgan, e que residia simplesmente no fato de ele ter feito alguém sentir que Morgan não era um mero gaiato. As pessoas que o trataram em bases tão adversas eram culpadas pelas suas próprias desventuras. Assim, Pemberton aguardava a catástrofe que pairava sobre os Moreens, com um misto de confusão e alarma. Chegava a sentir, em certos momentos, os sintomas daquele desastre lhe roçar o rosto. Nesses instantes, ele ficava imaginando sobre de que forma o acontecimento se daria. Talvez se desse em forma de um inesperado dispersamento, à maneira de um salve-se quem puder!

Os Moreens evidentemente continuavam procurando algo que não conseguiam encontrar. Os Dorringtons, que iam ver em Veneza, nunca mais reapareceriam. Os príncipes haviam se dispersado. Não seria aquilo o começo do fim? A senhora Moreen havia perdido a lista dos "dias" famosos. O seu calendário social estava obscurecido, com a face voltada para a parede.

Pemberton suspeitava que a grande e cruel frustração justificavam o infável comportamento do Sr. Granger, que parecia não saber o que queria, ou, o que era muito pior, o que eles queriam. Ele continuava mandando flores, como se quisesse espalhá-las no caminho de sua retirada, que não era nunca o caminho do retorno. Flores era muito bom, para Pemberton poder interpretar o seu sentido. Estava agora bem claro que na longa jornada dos Moreens houve um grande fracasso social. E Pemberton chegava a achar muito bom que a jornada não tivesse sido curta. O Sr. Moreen de vez em quando ainda tinha a capacidade de sair a negócios, e, o que causava

surpresa, tinha a capacidade de voltar para casa. Ulick não freqüentava nem clube, mas ninguém descobria essa frustração pela sua aparência, que era a de uma pessoa sempre preocupada em espiar a vida através de suas próprias janelas. Assim Pemberton ficou muito surpreso diante de uma resposta que Ulick certa vez deu a sua mãe. Pemberton não ouviu muito bem qual exatamente a pergunta que a Sra. Moreen fez ao filho, mas teve a impressão de que se referia a uma sugestão sobre a quem deveriam entregar Amy em casamento. "O diabo que a carregue", respondeu Ulick. Assim Pemberton notou, não só que eles haviam perdido a amabilidade, como já não acreditavam em si mesmos. Ficou-lhe também claro que a Sra. Moreen estava procurando pessoas a quem entregar os filhos antes que a tempestade desabasse. Mas Morgan seria o último de quem ela se desfaria.

Numa tarde de inverno (era domingo), ele e o garoto saíram a passeio e foram até *Bois de Boulogne*. A noite se aproximava esplêndida, o pôr do sol cor de limão claro, a fila de carruagens e a lufa-lufa de pedestres eram tão divertidos, e a fascinação de Paris tão grande, que eles resolveram retardar a volta para casa.

Depois, com muita fome, certos de que estavam atrasados para o jantar, procuraram ganhar tempo. Assim, de braços dados como ótimos amigos, lá iam os dois pelas ruas, com muito bom humor e de acordo em que não havia nada no mundo como Paris. Chegando ao hotel, apesar do grande atraso, verificaram que estavam na hora certa para tomar a refeição e que reinava grande confusão no ambiente. Pemberton sentiu logo que a tempestade havia chegado e que todos estavam tentando encontrar um abrigo. Paula e Amy não estavam presentes. Elas nunca tentaram a mais casual arte do flerte com Pemberton, mas ultimamente, depois que todo o seu rebanho havia se dispersado, elas arriscavam de vez em quando uma olhadela sobre ele. Ulick parece que já havia abandonado o barco. Enfim, a unidade da família já se havia desfeito. As pilhas de malas e objetos pelos corredores davam medida exata da real situação.

Vendo essa cena, Morgan corou até a raiz dos cabelos.

Desde sua infância ele havia presenciado dificuldades, perigos, mas nunca tinha visto a situação assim exposta publicamente. Pemberton notou de relance que as lágrimas tomaram os seus olhos e que eram lágrimas de amargura nova, nunca experimentada antes. Apesar de fingir não entender o que se passava, ele passou a se preocupar com o destino do rapaz. O Sr. e Sra. Moreen, que não tinham , jantado e que assistiam talvez para sempre à extinção do fogo de sua lareira, aproximaram-se deles, com os olhos vidrados como quem, numa tempestade, procura o porto tilais próximo para se salvar. Não estavam prostrados, mas estavam horrivelmente brancos e a Sra. Moreen dava sinais de que havia chorado muito. Pemberton de pronto notou que, apesar do seu sempre bom apetite, as lágrimas da Sra.

Moreen não haviam sido pela falta do jantar, mas fruto de um acontecimento que a havia chocado profundamente ri que ela se apressou a explicar. Ele teria notado por si esmo como a grande mudança se processara, como o fatal desabamento chegara e como, dali por diante, cada qual teria de se arranjar por si mesmo. Por mais cruel que parecesse ao casal despojar-se dos seus entes queridos, não havia outro remédio, e ele, Pemberton, teria de encarar isso como alguém que deveria levar mais longe a influência e a confiança que, felizmente, havia adquirido do garoto. Dependiam dele para cuidar temporariamente de Morgan. Isso os deixaria mais livres e despreocupados para prover o reajustamento dos seus negócios.

— Confiamos em você e sabemos que você poderá nos ajudar, disse a Sra. Moreen,

esfregando vagarosamente as brancas mãos e olhando compungidamente para o filho, cujo queixo era acariciado paternalmente pelo dedo indicador do marido.

— Sim, sentimos que você poderá nos ajudar. Confiamos em você. Confiamos Morgan aos seus cuidados, repetia o Sr. Moreen.

Pemberton pensou novamente se ele deveria continuar fingindo não entender, mas Morgan, que entendeu perfeitamente a situação, fez questão de exigir a maior clareza possível; e perguntou: — Quer dizer que Pemberton pode me levar para viver com ele para sempre e onde ele quiser?

— Para sempre e sempre? Como poderia ser assim? — exclamou o Sr. Moreen rindo indulgentemente. — Por tanto tempo quanto o Sr. Pemberton puder ser amável. Lutamos, sofremos, mas você fez dele tão seu que concordamos com o sacrifício, prosseguiu a Sra. Moreen. Morgan afastou-se um pouco do pai e ficou fitando Pemberton com o rosto iluminado de alegria. Seu sentimento de vergonha pela presente situação desapareceu. O caso tomara feição nova para ele. Mal podia conter uma explosão de alegria juvenil.

Pemberton chegou a temer aquela espontânea demonstração de gratidão do amiguinho. Chegou a gaguejar quando disse: — Meu caro, que você acha de tudo isso?

Mas havia necessidade de coragem para uma outra situação que surgiu imediatamente, que fez o rapaz sentar-se rapidamente na cadeira mais próxima, completamente lívido, com a mão sobre o seu lado esquerdo. Todos os três ficaram olhando para ele, mas a Sra. Moreen, num gesto quase irrefletido, lançou-se em sua direção, abraçando o seu filho. E agora, ajoelhada, sem o respeito pelo ídolo, ela apertou-o ardentemente nos braços.

— Você fê-lo andar muito, Pemberton, você fê-lo andar muito depressa! — dizia, olhando sobre os ombros o amigo de Morgan. O menino não fazia nenhum protesto. No momento seguinte, ainda segurando-o, ela ergueu-se, com rosto convulso e com um grito terrífico: — Socorro, socorro! Ele está morrendo, ele está morrendo! — Pemberton observava igualmente estupefato.

Viu no rosto acometido do garoto, que ele não atendia mais aos seus desesperados gritos. Puxou-o um pouco do braço da mãe e, por um instante, seguraram-no juntos.

Cada um viu sua própria consternação refletida nos olhos do outro. Seu organismo frágil não pôde suportar emoção tão violenta.

— Mas eu acho que ele queria ir com você, Pemberton, lamentava a Sra. Moreen.

— Eu disse a você que ele não queria ir, minha querida, disse o marido. Eis o conflito!

O Sr. Moreen tremia dos pés à cabeça e estava tão profundamente abatido como a esposa. Mas logo depois ele encarou o luto, como um homem do mundo.

O MENTIROSO

I

O trem atrasou meia hora e o trajeto da estação à casa era mais longo do que ele supunha. Por isso, quando chegou, os demais convidados já se haviam dispersado, a fim de se apressarem para o jantar. Foi levado diretamente para o seu quarto. Ele vivia ocupado demais com a sua profissão para ter tempo de realizar com frequência aquele tipo de viagem, mas as pessoas que o faziam sempre asseguravam-lhe que era muito compensador. Ele previa, portanto, que os proprietários do Stayes iriam pagá-lo muito bem. Uma coisa que ele fazia habitualmente quando viajava era, ao chegar no local de hospedagem, verificar os livros nas estantes do seu quarto e as gravuras das paredes. Isso lhe dava a dimensão cultural e social de quem o hospedava. Na presente ocasião, embora não tivesse muito tempo para uma inspeção rigorosa, um leve exame assegurou-lhe que a predominância era de literatura americana e humorística e as obras de arte não consistiam, nem de estudos de aquarelas, feitos pelos filhos, nem de boas esculturas. As paredes estavam ornamentadas de gravuras litográficas obsoletas, na sua maioria de retratos de camponeses usando colarinhos altos e luvas de equitação. Isso até certo ponto o animou, pois ali se mantinha a tradição de se ter os retratos em grande estima. Havia, também, na estante o romance de Mr. Le Fanu, que era o livro de cabeceira da época e se constituía numa leitura ideal para depois da meia-noite, numa casa de campo. Oliver Lyon, enquanto abotoava a camisa, mal podia conter o desejo de agarrar aquele livro e começar a lê-lo. Talvez tenha sido por isso que ele não só já encontrou todos reunidos no hall quando desceu, como notou que estavam apenas à sua espera para que o jantar fosse servido. Era um jantar de vinte e cinco talheres. Já acomodado à mesa, ele notou com muito interesse que havia uma senhora lindíssima sentada ao seu lado. Do outro, achava-se um cidadão. Contudo, ele lhe havia dado pouco apreço. Estava sobretudo concentrado no fato de Sir David o ter convidado. Era uma pessoa que ele não conhecia e daí a sua natural curiosidade.

Evidentemente, Sir David não se achava presente, uma circunstância que explicava suficientemente a outra circunstância que ia levar Oliver Lyon a conhecê-lo nos seus noventa anos de idade.

Lyon recebeu com muito prazer o convite para pintar o retrato do nonagenário. Por isso, apesar de que a ausência do velho à mesa lhe causasse uma certa decepção, pois era uma oportunidade a menos de observá-lo bem antes de iniciar o trabalho, pareceu-lhe, entretanto, que o ancião era antes uma espécie de coisa sagrada, ou talvez uma grande reliquia. Ele olhava para o filho do nonagenário com o maior interesse e matutava se aquela coloração do seu rosto fora transmitida pelo pai. Deveria ser maravilhoso aquele tom agressivo de maçã no inverno estampado no rosto do velho, especialmente se os seus olhos ainda conservassem bastante vivacidade. Os cabelos de Arthur Ashmore tinham a aparência do brilho de um dia de verão, mas Lyon estava torcendo para que o modelo fosse mesmo o pai e não o filho, apesar de não conhecer nenhum dos dois como modelo. Arthur era o tipo do cidadão inglês muito corado, mas não parecia ser o que deveria ser retratado por Lyon. Poderia ser um fazendeiro, um banqueiro,

mas nunca o que o pintor logo de início imagina ser um belo modelo artístico. Nem tampouco sua esposa. Nesse sentido, ela era em tudo igual ao marido.

Nada de inspiração para a arte. Ao vê-la, Lyon pensou logo que ela deveria ser o tipo da pessoa ideal para posar para um catálogo de lista de preços. Era como se ela já fosse um quadro antigo, feito por eminente pintor do qual Lyon não queria ser um copiador. A linda senhora ao seu lado estava entretida, conversando com seu vizinho, enquanto Lyon parecia isolado e inquieto. Isso lhe proporcionava a oportunidade de entregar-se ao seu entretenimento favorito, que é observar os rostos humanos. Ele sempre levou isso muito a sério, pois era reproduzindo bem os rostos humanos que ganhava a vida.

E aquele cidadão ali... a quarta pessoa. Quem seria?

Um bom modelo, mas o seu rosto não passava de uma espécie de placa de porta bem legível dando a sua identidade. Aquele rosto prendeu a atenção de Oliver Lyon, causando-lhe, de início, grande admiração por ser extraordinariamente simpático. Poder-se-ia dizer que se tratava de um jovem de bigode abundante a enrolar-se nas pontas. Parecia ainda uma alma muito satisfeita, e Lyon percebeu que onde ele lançava os olhos cheios de expressão de amizade causava uma influência tão benéfica como o sol de setembro, capazes de amadurecer uvas, pêssegos ou afeição humana. O que causava estranheza nele era uma certa mistura do correto com o extravagante, como se fosse ele um aventureiro imitando um cavaleiro com rara perfeição, ou um cidadão que decidira sair com armas escondidas. Poderia ser tornado por um príncipe destronado ou um correspondente de guerra de qualquer jornal, pois representava tanto iniciativa quanto tradição, boas maneiras e mau gosto.

Finalmente, Lyon travou conversa com a senhora que se achava ao seu lado. Dispensaram (como ele havia dispensado em outros jantares) qualquer apresentação.

Ele foi logo perguntando à dama se ela sabia quem era aquele cidadão.

— Aquele é o coronel Capadose, o senhor não o conhece?

Lyon respondeu que não e quis saber mais coisas a respeito do coronel. A senhora tinha muito boas maneiras e evidentemente bom traquejo social. Ela voltava-se para o outro interlocutor com a mesma ligeireza com que uma boa cozinheira ergue a tampa de uma panela.

— O coronel esteve muito tempo na Índia. Não acha que ele tem sido bastante homenageado? Lyon confessou que nunca havia ouvido falar nada a respeito do Sr. Capadose. Ela continuou: — Bem, ele diz que esteve na Índia. É possível que não seja verdade. Se você acha que esteve ou não Índia, é a mesma coisa, não é?

— Não saberia explicar...

— Refiro-me a ele mesmo. Se ele diz que esteve, acho que acaba convencendo a si próprio.

— A senhora afirma que ele está dizendo que fez uma coisa que não fez?

— Não é bem isso, meu caro. É apenas que eu nunca sei realmente qual é a diferença entre uma coisa que as pessoas fazem e o que não fazem. Só sei que ele é uma pessoa bastante esperta e divertida. Posso afirmar que é a pessoa mais viva entre os presentes. A não ser que o senhor o seja mais ainda. É claro que me refiro às pessoas que conheço. Acho que isso já é saber demais.

— Demais para as pessoas presentes? — Oh! Percebo que o senhor tem muita argúcia.

Demais para mim. Eu já o conhecia de nome, pois admirei algumas de suas pinturas.

Não percebo nada do senhor naqueles trabalhos que conheço, prosseguiu a dama.

— A maioria dos meus trabalhos são retratos, e neles eu nunca tento deixar nada semelhante

a mim, disse Lyon.

— Compreendo-o. Mas os seus quadros têm muito mais colorido. O senhor não acha que os quadros de Vandyke têm muito dele? E antes que Lyon respondesse fez outra pergunta:

— O senhor vai fazer o retrato de alguém aqui?

— Fui convidado para fazer o retrato de Sir David.

Estou mais ou menos decepcionado por não vê-lo aqui à mesa.

— Ah! Ele vai se deitar muito cedo. Às oito horas, logo após a sopa de aveia com leite. Não sei se o senhor sabe que ele é quase uma velha múmia.

— Uma velha múmia? — perguntou Oliver Lyon.

— Considero-o assim, porque ele usa uma meia dúzia de coletes e está sempre sentado perto da lareira, dizendo estar com frio.

— Nunca o vi nem em retratos ou fotografias, disse Lyon. Surpreende que ninguém nunca lhe tenha feito o retrato.

— Ah! Ele nunca quis que lhe fizessem o retrato. Isso é uma de suas grandes superstições, acreditando que o dia em que alguém pintasse o seu retrato ele morreria logo em seguida. Não sei como o consentiu hoje.

— Será que está pronto para morrer?

— Como já está muito velho, não está mais ligando para a vida.

— Bem, espero que não seja eu quem o vá matar. Achei estranho que seu filho me mandasse chamar, disse Lyon.

— Eles não têm nada mais a esperar, porque tudo já lhes pertence. — Disse a dama, como se tomasse as palavras de Lyon ao pé da letra. Sua loquacidade era sistemática. Falava com uma espontaneidade como se estivesse jogando cartas:

— Hoje, fazem o querem. Enchem a casa de convidados... têm carta branca.

— Está certo! Mas e o título?

— Título! Por acaso estamos ligando pro título?

O pintor achou muita graça e deu uma gargalhada.

Antes que ele se recompusesse, ela voltou-se para conversar com seu outro vizinho. Enquanto isso, o homem à esquerda de Lyon arriscou uma observação como se fosse o movimento de uma pedra num tabuleiro de xadrez, provocando no pintor, contudo, um efeito comparativo.

Esse cidadão fazia seu jogo com dificuldade. Pronunciava as palavras de modo semelhante ao da mulher, quando atira com um revólver: olhando para o outro lado. Para entender o que ele falava, Lyon teve de inclinar-se bastante, e nesse movimento deu com os olhos em outra linda senhora, que estava sentada no mesmo lado, além do seu interlocutor. No início, ele ficou apenas um tanto perplexo com a sua beleza. Depois, a sua presença lhe causou uma impressão um tanto mais agradável. Um senso de clara lembrança e íntima associação. Não a reconheceu de pronto; ele nunca esperava encontrá-la ali! Fazia muito tempo que não a via, nem mesmo tivera notícias dela. Mas ela ocupava os seus pensamentos pelo menos duas vezes por semana. Isso pode ser considerado "sempre", pelo menos por fidelidade, quando se considera que já haviam se passado doze anos. Um instante mais tarde, estava convencido de que somente ela possuía aquela cabeça, a mais linda cabeça do mundo, da qual não poderia existir uma réplica. Ela permanecia um pouco inclinada para a frente e ficava de perfil, ligeiramente voltada para outra pessoa. Estava ouvindo, mas os seus olhos se moviam e, após alguns minutos, Lyon conseguiu seguir a sua

direção.

Pararam no cidadão que há pouco lhe havia sido descrito como sendo o coronel Capadose.

Isso não era de estranhar, porque o coronel parecia indubitavelmente talhado para atrair os olhares simpáticos das mulheres. Mas o fato de ele ficar olhando para ela tão longo tempo, sem que ela o percebesse, causou um certo mal estar em Lyon. Não havia mais nada entre eles, e portanto ele não tinha nenhum direito, mas ela deveria saber que ele estava presente. É verdade que a sua vinda não se constituía em nenhum evento extraordinário, mas pelo menos um leve eco deveria ter chegado aos ouvidos dela. E não é natural que isso não a afetasse pelo menos um pouco.

Ela estava olhando para o coronel Capadose como se o amasse. Era sem dúvida um comportamento estranho para □ 90 □

uma mulher das mais orgulhosas e reservadas. Ele ouvira tempos atrás que ela havia se casado, mas não via ali ninguém que pudesse ser aquele que fora mais feliz do que ele, quando estudante de arte em Munich. O coronel Capadose parecia nada notar e isso, por incrível que possa parecer, aborrecia mais Oliver Lyon, em vez de alegrá-lo.

De repente, a dama moveu-se um pouco mais de maneira que o seu rosto se voltou ao encontro dos olhares de Lyon, que estava tão preparado para cumprimentá-la que, mal lhe franqueou um afetuoso sorriso, tão espontâneo como o transbordar da água de uma jarra que se sacode. A linda dama, sem esboçar nenhuma resposta, voltou-se e pôs-se na mesma posição em que estava antes. Lyon teve a impressão de ler no seu rosto as seguintes palavras: "Você vê como continuo linda como sempre?". Ao que ele respondeu mentalmente: "Eu também estou cada vez melhor". Ele perguntou ao cavaleiro ao seu lado se conhecia aquela linda mulher. O moço inclinou-se para a frente, observou e depois respondeu: — Acho que é a senhora Capadose.

— Aquele sujeito é o marido dela? — perguntou Lyon, indicando o cidadão de quem sua vizinha da direita havia há pouco dado informações.

— Sim, ele é o senhor Capadose, disse o jovem a quem aquele nome parecia significar muito pouco. Ele admitiu sua ignorância acerca desses valores e explicou que havia chegado no dia anterior e que havia muitas pessoas ali que mal conhecia. O que ficou patente para Lyon é que a senhora Capadose era bastante apaixonada pelo marido.

Um instante depois, ele conversava novamente com a senhora da sua direita e dizia-lhe, em tom irônico: — Parece que ela adora o marido. No entanto, continua linda como sempre. Meiga e adorável. Refiro-me à Sra.

Capadose.

— Ah! Então o senhor a conhece?

— Conhecia no estrangeiro.

— Como então o senhor estava me fazendo perguntas sobre o seu marido?

— Exatamente por isso. Ela casou-se naquela época e eu nem mesmo sabia o seu nome atual — disse Lyon claramente.

— Como o sabe agora?

— O cidadão à minha esquerda acaba de me informar.

Ele parece sabê-lo.

— Não sabia que ele soubesse alguma coisa, disse a senhora com muita ironia.

— Acho que ele não sabe mais nada além disso.

— Então, você descobriu por si mesmo que ela meiga e fiel. O que o senhor quer dizer com isso?

— Oh! Você não deve me fazer interrogações. Eu irei colocando as coisas para você. O que você é dela? — perguntou Lyon.

— Você quer saber demais. Posso apenas responder por mim. Acho-a muito inflexível.

— Isso é apenas porque ela é honesta e tem um comportamento correto.

— O senhor acha que aprecio as pessoas na proporção em que são falsas?

— Acho que todos nós o fazemos enquanto não as descobrimos, disse Lyon. E acrescentou:

— E além do mais, existe algo em seu rosto, uma espécie de nobreza do tipo romano, apesar de ter olhos ingleses. Efetivamente, ela é inglesa até as raízes, mas a sua compleição, sua testa baixa e aquela linda onda em seus cabelos pretos fazem-na parecer uma trasteverina transfigurada.

— Sim, mas ela vive colocando grampos e enroladores na cabeça para conseguir aquele efeito. Devo dizer que aprecio muito mais o seu marido. Ele causa muito melhor impressão.

— Bem, quando a conheci não havia comparação que pudesse injuriá-la. Era em tudo a mais linda moça em Munich.

— Em Munich?

— Sua família vivia lá. Não eram ricos e o custo de vida era muito barato em Munich. Seu pai era o filho mais novo de uma nobre família. Como havia se casado pela segunda vez, tinha uma porção de filhos para sustentar.

Ela era a filha da primeira esposa e não gostava da madrasta, mas era muito carinhosa com os irmãos e irmãs menores. Uma vez fiz um esboço dela como a Charlotte de Werther servindo o pão e manteiga aos irmãozinhos em volta dela. Todos os artistas da redondeza eram apaixonados por ela, mas ela não ligava para os da nossa laia. Era muito orgulhosa. Ela lembrava-me a Ethel Newcome, de Tackaray. Sempre me dizia que pretendia se casar bem, pois isso era um bem que poderia causar à família. Acho agora que pode-se dizer que ela se casou bem.

— Ela lhe disse isso? — disse a dama sorrindo.

— Naturalmente, eu também lhe fiz proposta. Mas, evidentemente, hoje ela alcançou o seu objetivo. Acho que isso é normal.

Quando as senhoras se levantaram da mesa, os donos da casa pediram que os cavalheiros se aproximassem.

Assim Lyon sentou-se frente a frente com o coronel Capadose. A conversa foi principalmente sobre caçadas. A maioria dos homens tinha um comentário ou uma anedota para contar. Alguns deles até tinham vários, mas a voz do coronel era a mais ouvida.

Inferia-se dos seus comentários que ele era um excelente cavaleiro, o que coincidia com a impressão que Lyon havia tido. Não que ele falasse com basófia. Pelo contrário, os seus comentários tinham colocações bastante ponderadas. Mas tinham sempre algo a ver com situações perigosas. Lyon notou, depois de pouco tempo, que as atenções voltadas às narrações do coronel não eram diretamente proporcionais ao interesse que elas pareciam oferecer. Disso resultou que o comentarista ao verificar que finalmente estava sendo ouvido começou a encarar Lyon como seu ouvinte especial, enquanto falava, fitando-o fixamente nos olhos. Lyon não tinha nada mais a fazer a não ser ouvir com expressão de assentimento aquela espécie de tributo que lhe era oferecido. Um cavaleiro da vizinhança havia levado um tombo durante a caçada e batido com a cabeça no solo provocando uma concussão cerebral. Todos comentavam seu estado e

trocavam pontos de vista sobre quanto tempo ele levaria para se recuperar e mesmo se isso viria a acontecer. Nisso, o coronel confidenciou, ao artista do outro lado da mesa, que ele não se impressionava com o tempo que uma pessoa naquelas condições pudesse levar para se recuperar. Poderiam ser semanas, meses e até anos. Inclinou-se para a frente (Lyon também parecia estar inclinado para a frente para ouvir melhor) e comentou que conhecia por experiência própria o quanto o tempo tinha pouca importância em casos semelhantes. Disse que fora atirado de uma carreta puxada por cães, dando um salto e caindo de ponta cabeça. Todos o deram como morto. Levaram-no primeiramente para a cabina mais próxima, onde permaneceu por alguns dias juntamente com animais e depois para uma pensão numa cidade vizinha. Por pouco que não o meteram no fundo da terra, pois ele estava completamente sem sentidos, sem o menor vislumbre de reconhecimento de quem quer que fosse. Isso durante três meses. Até que um dia, inesperadamente, ele abriu os olhos.

— Dou-lhe minha palavra de honra como aquilo me fez bem, pois descansou meu cérebro — disse o coronel, embora sem muita ênfase.

Lyon acompanhava com muito interesse a história do coronel. Por alguns instantes, hesitou se deveria ou não interrompê-lo para pôr em dúvida certas passagens. Mas nisso o coronel entrou em outra história. Começou a falar de um amigo seu na Índia que chegou, de fato, a ser enterrado vivo. Ia prosseguir na narração, quando o senhor Ashmore convidou a todos para passarem à sala de visitas.

Lyon notou que nessa altura ninguém mais estava ligando para as façanhas do coronel. Ele, porém, caminhou ao lado do senhor Capadose e, na primeira oportunidade, provocou-o: — Quer dizer que o seu amigo foi de fato enterrado vivo? — indagou com um tom de suspense. O coronel encarou-o como se já tivesse perdido o fio da história. Em seguida, o seu rosto iluminou-se (ele ficava muito mais simpático, quando seu rosto se iluminava) e disse: — Pela minha alma. O moço foi enterrado vivo.

— E ficou lá?

— Ficou lá até que cheguei e providencieei que fosse exumado.

— O senhor chegou?

— Sim, tive um sonho a respeito do jovem. É a história mais extraordinária que já vi. No sonho, ouvi-o, chamando-me do fundo da noite. Acordei com firme deliberação de mandar desenterrá-lo. Não sei se o senhor tem conhecimento que, na Índia, existem muitos vampiros que não perdem tempo na sua atividade de profanar os túmulos. Tive pressentimento de que eles chegariam primeiro do que eu ao túmulo de meu amigo. Apressei-me, portanto, e dou-lhe minha palavra de honra de que cheguei exatamente no momento quando alguns deles já haviam cavado o chão e trabalhavam no sentido de alcançar o pobre homem. Ao me verem fugiram e eu mesmo arrastei-o para fora do túmulo. Tornando o ar, ele se sentiu logo bem. No dia seguinte, ele foi para casa. Depois disso, aquela pessoa ficou-me tão grata que estava sempre disposta a fazer qualquer coisa por mim.

— Ele o chamou durante a noite? — perguntou Lyon bastante impressionado.

— Sim, e esse é um pormenor interessante. O que seria isso? Não era, na certa, a sua alma, porque ele não estava morto. Não era ele próprio, porque ele não podia. Só podia ser alguma estranha onda de pensamento. A Índia é um país em que há sempre algo de misterioso pairando no ar e que a gente não consegue explicar. Na passagem da sala de jantar para a sala de visitas,

por um instante, Lyon e o coronel ficaram separados. Mas não demorou que o Sr. Capadose procurasse o companheiro recém-conhecido e que havia dado tanto apreço às histórias: — O senhor Ashmore acaba de me informar quem é o senhor. Naturalmente, o seu nome me tem sido frequentemente mencionado. Tenho imensa satisfação em conhecê-lo. Minha esposa é sua velha conhecida.

— Folgo em saber que ela se recorda de mim. Eu a reconheci durante o jantar e pensei que ela não tivesse se lembrado de mim.

— Devo confessar que ela se sentiu envergonhada — disse o coronel com facilidade genial.

— Envergonhada de mim? — perguntou Lyon no mesmo diapasão.

— Não houve entre vocês algo a respeito de pintura?

Parece que você fez um retrato dela.

— Sim, pintei-a várias vezes. Talvez ela deva sentir-se hoje envergonhada dos retratos que fiz dela.

— O que me fez apaixonar por ela foi exatamente uru desses retratos que você fez e deu-lhe de presente, meu caro.

O pintor passou a viver novamente pelo menos alguns segundos de felicidade.

— Seria aquele em que ela aparece servindo pão e manteiga aos irmãozinhos?

— Pão e manteiga? Pelo amor de Deus! Não foi isso não. Folhas de vinha e um leopardo.

— Ah! Sim, eu me lembro. Foi o primeiro retrato bom que pintei. Eu gostaria de vê-lo hoje.

— Não vá pedir-lhe que lhe mostre. Ela vai sentir-se embaraçada — prosseguiu o coronel.

— Embaraçada?

— Sim, porque infelizmente ficamos sem o quadro.

Um velho amigo da família de minha esposa, o Grão Duque de Silberstadt Schreckenstein foi visitar-nos, em Bombaim, e vendo o retrato ficou louco por adquiri-lo. Diga-se de passagem, ele é um dos maiores colecionadores da Europa. Ele insistiu tanto, e coincidindo que era dia de seu aniversário, minha esposa acabou dando-lhe o quadro de presente para livrar-se de sua insistência. Ele ficou extraordinariamente encantado, mas nós ficamos sem a obra.

— Isso é muita bondade de sua parte, disse Lyon. Se uma obra feita na minha mocidade e imaturidade artística está em poder de um grande colecionador, só tenho que me sentir lisonjeado.

— E devo dizer-lhe que ele o mantém em um dos seus castelos. Não sei qual, porque ele possui muitos. Como retribuição, antes de sair da Índia, ele mandou-nos um lindo vaso.

— Talvez minha obra não merecesse tão grande retribuição, disse Lyon com modéstia.

O coronel Capadose não deu nenhuma importância a sua observação. Seu pensamento agora parecia longe.

Depois de um momento, ele disse: — Se o senhor for nos visitar na cidade, ela terá oportunidade de mostrar-lhe o vaso. Chegando na sala de estar, ele cotovelou Lyon dizendo-lhe: — Minha esposa está ali. Vá falar com ela. Ela sentir-se-á encantada.

Oliver Lyon deu uns passos pelo amplo salão, onde se viam vários grupos de encantadoras senhoras. Lá, num canto do aposento, estava a senhora Capadose mais ou menos sozinha, sentada num pequeno sofá com um lugar vago ao seu lado. Lyon não podia esperar que aquele lugar fora reservado para ele. Mas era imenso o seu desejo de falar com ela. Principalmente, depois que obtivera a sanção do marido. Assim ele atravessou resolutamente o salão, pisando caudas de

vestidos, e parou diante dela: — Espero que a senhora não vá repudiar-me. Ela encarou-o com a mais franca manifestação de prazer.

— Estou contentíssima em vê-lo aqui. Você não imagina a minha satisfação, quando fui informada de que você estaria presente.

— Tentei conseguir um sorriso seu durante o jantar, mas fracassei — disse Lyon.

— Não notei, ou talvez não compreendi o seu gesto.

Além do mais, detesto os sorrisos e as manifestações de longe à guisa de telegrama. Como você sabe, sou muito acanhada. Ainda não perdi essa minha peculiaridade.

Agora, sim, podemos nos comunicar à vontade. Dizendo isso, ela cedeu-lhe um melhor lugar ao seu lado, no sofá.

Ele sentou-se e tiveram uma conversa que reavivou nele a antiga afeição que sentia por ela. Ela possuía ainda todos os dotes de beleza que tanto o atraíram. Além de tudo, ela era uma criatura simples, amável e bondosa. Era inexpressiva, mas não desumana e nem tola. De vez em quando, ela deixava cair um fruto de discriminação, que deveria ser de outra mente, ou de uma impressão à primeira vista. Falaram dos velhos tempos, em Munich. Ele relembrou incidentes, momentos agradáveis e desagradáveis, perguntou-lhe de seus pais e os outros familiares.

Ela, por sua vez, manifestou-lhe a sua satisfação ao saber de sua fama, sua brilhante posição no mundo. Achou inclusive que se algum dia se encontrassem ele nunca iria notá-la. Foi uma longa conversa cheia de sinceridade (ela era incapaz de qualquer outro tipo de conversa) — e ele sentia-se afetado pela humildade de uma mulher cuja grandeza de espírito era singular. Seu pai havia falecido.

Um de seus irmãos estava na marinha e o outro num rancho nos Estados Unidos. Duas das irmãs haviam se casado e a mais jovem estava solteira e muito bonita. Ela não fez nenhuma referência à madrastra. Ela fez-lhe perguntas sobre a sua vida e ele, entre outras coisas, disse-lhe que ainda estava solteiro.

— Ah! Você precisa se casar, disse ela. É a melhor coisa.

— Gosto de ouvir isso, vindo de você.

— E por que não partindo de mim? Sou muito feliz.

— Eis por que eu não posso ser. É muita crueldade de sua parte tecer louvores ao seu estado perto de mim. Mas acabo de ter a satisfação de conhecer o seu marido.

Tivemos uma boa conversa na outra sala.

— Você precisa conhecê-lo melhor. Precisa conhecê-lo realmente bem, disse a Sra. Capadose.

— Dizem que quanto mais se caminha mais se descobrem coisas. Mas quanto a ele, confesso que tive a melhor impressão.

Ela o encarou e depois perguntou: — Você não o acha bastante simpático?

— Simpático, inteligente e divertido. Como você vê, sou muito generoso.

— Sim, você precisa conhecê-lo melhor, repetiu ela.

Ele conhece muito bem a vida. Temos estado em situações as mais diversas. Você precisa conhecer a minha filhinha.

Está com nove anos de idade e é uma belezinha.

Lyon achou a lembrança muito oportuna.

— Você precisa levá-la qualquer dia ao meu estúdio.

Gostaria de pintá-la.

— Oh! Não diga isso, replicou a senhora Capadose.

Isso me lembra algo muito desagradável.

— Espero que não seja o tempo em que você posava para mim, embora isso deva tê-la aborrecido bastante.

— Não o que você fez. É o que fizemos. É uma confissão que preciso lhe fazer. É peso que carrego na consciência. Refiro-me ao lindo quadro que você me deu. Era um quadro muito admirado. Quando você for me visitar em Londres, espero que você o fará muito breve, sei que você vai ficar olhando de um lado para outro à procura do quadro. Digo-lhe que o conservo no meu próprio dormitório porque o estimo bastante, pela simples razão...

(Ela estava bastante agitada).

— Pela simples razão que você não sabe mentir.

— Verdadeiramente, não sei mentir. Assim, antes que você me pergunte pelo quadro...

— Sim, já sei que você dispôs dele.

— Ah! Então, você já soube? Eu sabia que você acabaria tendo conhecimento do fato. Mas você sabe por quanto dispusemos do quadro? Duzentas libras.

— Você poderia ter conseguido melhor preço — disse o artista, sorrindo.

— Aquela quantia pareceu muito na época. Estávamos necessitados de dinheiro. Foi há algum tempo atrás, assim que nos casamos. Nosso poder aquisitivo era então muito pequeno. Mas felizmente aquela época passou e agora tudo está muito melhor. Meu marido teve boas oportunidades.

Mas infelizmente ficamos sem o quadro.

— Felizmente o modelo ficou. Mas quer dizer que o valor do vaso era apenas duzentas libras?

— Que vaso?

— Lindo antigo vaso indiano que o Grão Duque ofereceu.

— Que Grão Duque?

— Um tal Silberstadt Schreckenstein. Seu marido falou-me da transação.

— Oh! Meu marido! disse a senhora Capadose.

Lyon notou que ela então mudou de cor. Visando muito menos aumentar o embaraço da linda dama, que buscar um esclarecimento, ele prosseguiu: — Seu marido me disse que o quadro se encontra hoje na coleção do senhor Silberstadt.

— O Grão Duque? Ah! O senhor conhece a sua reputação? Acredito que sua coleção contenha tesouros.

Ela estava confusa. Mas se controlou imediatamente. Nessa altura, Lyon já havia percebido que ela e o marido haviam preparado versões diferentes do mesmo incidente. Era verdade que ele não viu exatamente Everina Brant preparando uma versão. Aquilo não era de seu feitio.

Mas de qualquer maneira ambos pareciam carregar juntos o mesmo peso na consciência. Lyon procurou, então, mudar de assunto. Insistiu em que a senhora Capadose levasse a menina ao seu estúdio. Permaneceu sentado ao lado dela por mais alguns minutos pensando (talvez um tanto apressadamente) que ela deveria ter-se aborrecido com ele. Isso não impediu que Lyon lhe dissesse, quando as outras senhoras já se retiravam para os seus dormitórios:

— Pelas suas palavras, deduzi que você está muito impressionada com o meu renome e a minha prosperidade e tem sido muito bondosa em exagerá-lo. Se você tivesse percebido que me

estava reservado este destino, teria se casado comigo?

— Eu sabia que você alcançaria fama.

— Pois eu não sabia.

— É que você era muito modesto.

— Você não pensou assim quando lhe propus casamento.

— Bem, se eu tivesse me casado com você, não poderia ter me casado com ele. E ele é maravilhosamente bom.

Lyon sabia que ela estava sendo sincera e, pelo seu comportamento durante o jantar, sabia que ela adorava o marido. Contudo, quando ela fazia essa espécie de proclamação, ele se sentia um tanto aborrecido. O coronel aproximou-se no momento em que eles se despediam num prolongado aperto de mão. E antes de se afastarem a senhora Capadose disse ao marido: — Ele deseja pintar Amy. — Ah! É uma linda criança.

Acho que será um modelo formidável, disse o coronel ao pintor.

A senhora Capadose juntou-se ao grupo de senhoras que seguia a dona da casa para seus dormitórios. Antes ainda de sair da sala, ela voltou-se e disse: — Por favor, não lhe diga nada.

— Não lhe diga nada o quê?

— Ora, o que ela faz. Deixe-o descobrir por si.

— Ela pensa que eu vivo me jactando a respeito da menina a ponto de aborrecer as pessoas, disse o coronel. E

acrescentou: Você fuma? Dez minutos mais tarde, ele aparecia na sala de fumar usando maravilhoso traje, que chamou a atenção de Lyon. Ele sentia que a idade moderna também tem o seu esplendor e sua oportunidade para os belos trajes. Se sua esposa parecia apreciar as coisas antigas, ele era um espécime refinado do período das cores. Poderia inclusive passar por um veneziano do século dezessete. Ele e ela formavam um casal notável — pensou Lyon, enquanto olhava para o coronel ali de pé ereto diante da lareira, emitindo grossas baforadas de fumaça. Nisso lhe ocorreu que Everina não tinha absolutamente nada a lamentar em não ter se casado com ele.

Como em todos os homens que se achavam em Stay es eram fumantes, alguns deles preferiram ir deitar-se.

O coronel observou que provavelmente haveria uma pequena caçada no dia seguinte e por isso os homens que iriam participar dela preferiram descansar. Isso é o pior que se verificava numa casa de caçada. Os homens estavam sempre com sono e iam dormir cedo. Já com as mulheres, mesmo as que participavam daquele esporte, não ocorria o mesmo, o que provava serem elas mais resistentes do que os homens. Contudo, muitos homens procuravam resistir sob a influência estimulante da sala de fumar, outros reunidos em torno de uma mesa, com garrafas e copos, perto da lareira. Lyon e o coronel estavam sozinhos por alguns momentos, até que outros hóspedes começaram a aparecer nos mais excêntricos trajes. Todos conversavam a respeito da casa. Lyon tendo notado a esquisitice da construção da sala de fumar, o coronel explicava que a casa consistia de duas partes distintas, sendo uma de remota antiguidade. Em resumo, eram duas casas bem completas — a velha e a nova, cada uma muito ampla e muito linda no seu modo de ser.

Ambas juntas formavam uma grande estrutura. A sala de fumar ficava na parte antiga, que continha alguns dos melhores cômodos. Lyon teve logo a idéia de que ali deveria ter sido a antiga

cozinha, depois modernizada num período intermediário.

— Também o meu quarto deve pertencer à parte antiga. Gostei muito dele. É muito confortável e contém as melhores comodidades. Aquele corredor envidraçado também é admirável. Parece que se alonga para o infinito na sua semi-obscuridade, parece que as lâmpadas têm pouca influência sobre ele.

— Oh! Não vá até o fim dele, hein? — disse o coronel sorrindo.

— Quer me dizer que ele leva a algum quarto mal-assombrado? — perguntou Lyon.

— Não, não falo de conhecimento, mas apenas de pressentimento. Nunca tive a sorte de estar numa casa mal-assombrada. Mas eu gostaria de ver, se é que existe, um fantasma. Será que existe algum por aqui?

— Naturalmente que existe. E muito barulhento.

— Você o viu? — Não pergunte o que eu vi. Eu sobrecarregaria a sua credulidade. Não gosto de falar dessas coisas. Mas há dois ou três cômodos onde você poderá encontrá-los.

— No meu corredor? — perguntou Lyon.

— O pior seria no fim do corredor. Você seria imprudente se dormisse lá.

— Imprudente? — Até você terminar o seu trabalho.

Você receberá cartas importantes na manhã seguinte e tomará o trem das 10h20m.

— Você quer dizer que devo inventar um pretexto para fugir?

— A não ser que você seja mais corajoso do que outros que têm estado aqui. Geralmente, eles não põem convidados para dormir lá. Mas quando há muitos convidados são obrigados a fazê-lo. Sempre acontece a mesma coisa — estranhas agitações à mesa de refeição e cartas de importância. Naturalmente, é um quarto de solteiro. Minha esposa e eu estamos no outro lado.

— Ah! Mas isso não vai acontecer comigo! Preciso realizar meu trabalho — disse Lyon. E prosseguiu: — Mas eles fazem questão que a gente fale no assunto? Há pessoas que são muito orgulhosas de seus fantasmas.

Lyon ficou sem saber que tipo de resposta o coronel daria às perguntas, porque naquele momento o dono da casa entrou na sala acompanhado por quatro de seus hóspedes. Lyon estava ciente de que parte da resposta seria a intenção do coronel em não prosseguir no assunto.

Isso por outro lado, parecia natural, pelo fato de que um dos cavaleiros lhe pedia opinião sobre um ponto em discussão, relacionado com a caçada do dia seguinte.

Enquanto isso, o senhor Ashmore se pôs a conversar com Lyon, o novo hóspede, expressando seu pesar pela demora em convidá-lo. O assunto passou a girar em torno do motivo principal de sua visita. Lyon lamentou o fato de não ter tido nenhum encontro preliminar com Sir David.

Mas ele estava com a idade tão avançada que não havia tempo a perder.

— Eu posso dizer-lhe tudo a respeito dele, disse o senhor Ashmore. E realmente durante uma meia hora ele falou bastante. Finalmente, Lyon levantou-se dizendo que desejava ir deitar-se para acordar disposto a iniciar seu trabalho na manhã seguinte.

— Então, o senhor precisa levar uma vela, porque as luzes estão apagadas. A essa hora meus empregados já estão dormindo.

O pintor saiu do aposento, tomando o cuidado de não perturbar os outros com um "boa-noite", já que eles estavam ocupados diante do espremedor de limão e garrafas de soda. Ele se lembrou de uma outra ocasião em que fez o seu caminho para o dormitório sozinho numa casa de campo escura. Isso lhe acontecia com frequência, porque ele era sempre o primeiro a deixar o salão de

fumar. Se ele nunca tinha estado em lugares marcadamente de não boa reputação em termos de assombração, tinha, contudo, boa imaginação. Às vezes, teve ocasião de achar que as paredes escuras e as escadas eram medonhas. O som dos seus passos através dos corredores ou das passagens, enquanto uma lua de inverno espia pelas janelas, sempre lhe causou um efeito terrível aos nervos.

Ocorreu-lhe que, se as casas sem nenhuma pretensão sobrenatural podiam causar tão má impressão à noite, o Stayes obviamente haveria de lhe causar muito maior sensação. Ignorava se os proprietários eram sensíveis a essas coisas. Muitas vezes, como tinha dito ao coronel Capadose, certas pessoas adoram saber que as suas casas são mal-assombradas. O que o levou a falar, apesar do risco, era uma necessidade que sentiu subitamente de medir a argúcia do coronel. Já com a mão na porta ele disse ao seu hospedeiro:

— Espero que não encontre nenhum fantasma.

— Fantasmas?

— É possível que o senhor mantenha alguns nesta linda parte antiga.

— Fazemos o possível, mas eles não aparecem com facilidade. Acho que não gostam dos canos de água quente.

— Será que os canos de água quente lhes recordam os seus próprios climas? Antes que tivesse a resposta, fez outra pergunta: — O senhor não tem um quarto mal-assombrado no fim do corredor? — Oh! Correm certos boatos que procuramos manter. — Eu gostaria bem de dormir lá — disse Lyon. — Bem, o senhor poderá mudar para lá amanhã, se quiser.

Talvez seja melhor eu esperar um pouco, até terminar o meu trabalho.

Mas de repente ele sentiu-se levemente humilhado por ter parecido "finório" a troco de nada.

— Muito bem. Mas o senhor não vai trabalhar lá. Meu pai vai posar para o senhor no seu próprio aposento.

— Oh! Não é por isso. É por medo de ter de sair às pressas como o jovem há três dias atrás.

— Há três dias atrás? Que jovem? — indagou o senhor Ashmore.

— Aquele que recebeu cartas urgentes na hora da primeira refeição e partiu pelo trem das 10h20m. Ele permaneceu naquele quarto mais de uma noite?

— Não sei de que o senhor está falando. Não houve nenhum jovem aqui há três dias atrás.

— Ah! Tanto melhor, disse Lyon, acenando a cabeça em sinal de "boa-noite" e retirando-se.

Com a vela bruxuleante pelo corredor, ele foi encontrando uma porção de abjetos grotescos na semi-obscuridade até encontrar a passagem na qual ficava o seu quarto. Na completa escuridão, ela parecia ser mais longa do que o era na realidade. Ele passou por várias portas nas quais havia o nome dos quartos pintados, mas não encontrou nada além dos objetos. Sentiu-se tentado a empurrar a última porta e dar uma olhadela no quarto que, segundo o coronel, era o tal mal-assombrado, mas achou que isso seria indiscrição.

Poderia haver aparições e poderia não haver. Mas não haveria nada mais estranho naquela casa do que a presença do coronel Capadose.

Lyon achou Sir David Ashmore um modelo extraordinário. Além de tudo, era um ancião bastante bem informado e que se orgulhava de sua idade. Só uma coisa o acabrunhava: sua enfermidade, que entretanto ele exagerava um pouco. Posava com olhar e sorriso bastante expressivos. Desmentiu o boato de que posar para um pintor seria fatal. Antes, deu uma explicação que muito alegrou o artista. Disse que um cavalheiro deveria ter o seu retrato pintado apenas uma vez na vida. Achava que era pretensão ou bobagem um homem ter vários retratos seus pendurados pelas paredes. Isso fica bem para mulheres que são por natureza verdadeiros adornos. Quanto ao rosto dos homens não se prestam à repetição decorativa. E o velho continuava a desfiar seu pensamento. Achava ainda que, além do homem ter de ser pintado uma só vez, a época propícia era no fim da existência, quando já tinha muita experiência da vida. Lyon não podia responder, como havia feito em muitas ocasiões, que isso não era uma síntese e que ninguém deveria se deixar pintar como fuga.

Sir David fazia referência a seu quadro como se fosse um mapa muito perfeito. Dizia que um verdadeiro mapa só deveria ser traçado quando o país que ele representava fosse bem percorrido e bem explorado, de modo que pudesse ser consultado pelos seus cidadãos com bastante segurança, no momento em que estes tivessem qualquer incerteza. Ele posou para Lyon durante toda a manhã, até a hora do almoço. Durante esse tempo falou dos variados assuntos, não se esquecendo, à guisa de estímulo para mexericos, dos hóspedes em Stayes. Agora que ele não podia "sair", como dizia, e portanto não podia tomar conhecimento daquela verdadeira procissão de gente que vinha e partia de sua casa, ele pediu a Lyon que lhe fizesse uma breve descrição deles.

O artista procurou fazer um rápido esboço das pessoas com muita agudeza. Sucedia que, quando Sir David não conhecia pessoas, havia conhecido seus pais, desses velhos rigorosos na manutenção do livro dos ascendentes. Mas no caso da família dos Capadoses, o seu conhecimento abarcava duas ou três gerações apenas.

Lembrava-se do general Capadose, que era um bom camarada, e de seu pai. O general. foi um bom militar, mas, na vida privada, deixava algo a desejar. Vivia escapulindo para a cidade, a fim de gastar o seu dinheiro perdulariamente: Casou-se com uma moça que lhe trouxe um bom dote e uma meia dúzia de filhos. Ele não conseguia se lembrar do paradeiro do restante dos Capadoses, exceto que um deles estava na vida eclesiástica, onde encontrou boa carreira. Clement, o camarada que se achava em Stayes, tinha demonstrado pendores para as armas. Havia servido no Oriente e se casara com uma linda jovem. Estiveram em Eton com Arthur e ele o trazia a Stayes, quando vinha de férias.

Ultimamente, sempre que regressavam para Londres, passou a vir com sua esposa. Isso antes que o seu velho pai morresse. Esse Capadose está vivendo muito bem, mas é uma verdadeira raposa, tendo um péssimo defeito. *Mente muito,*

— *Mente muito?*

O pincel do pintor parou um pouco, enquanto ele repetiu a afirmação do velho. Isso porque aquelas palavras, ao mesmo tempo chocantes, lhe trouxeram um certo esclarecimento.

— *Você tem muita sorte em não ter que tolerá-lo,* disse o modelo.

— *Bem, eu acho que terei de tolerá-lo.*

— Pois é, ele mente a respeito das horas do dia, a respeito do nome de seu chapeleiro, para ele não importa.

— É uma pena, disse Lyon, sentindo-se um tanto constrangido pelo que Everina Brant havia arranjado para si mesma.

— Não chega bem a ser uma pena, porque ele não mente por maldade, nem é mal-intencionado. Ele não rouba, não joga, nem bebe. Trata muito bem sua esposa. O ruim da coisa é que ele nunca lhe dá uma resposta direta de nada. Tem sempre de passar por uma mentira.

— Então, estou percebendo que tudo que ele me disse ontem à noite foi mentira.

— Sem dúvida, ontem à noite ele estava em seu dia. É uma espécie de peculiaridade natural. Parece que lhe vem e vai com a mudança do vento. Meu filho disse-me que tolera o coronel, por causa da esposa, do contrário já teria proibido a sua vinda aqui.

— Oh! Sua esposa, sua esposa — murmurou Lyon, apressando o pincel.

— Será que ela está acostumada com os defeitos do marido?

— De maneira nenhuma, Sir David! Como pode ela estar acostumada com esse tipo de coisa?

— Ora, meu bom amigo, quando uma mulher ama...

Lyon ficou matutando. Ele não tinha argumentos para provar que ela não morria de amores pelo marido, Mas depois de uma pausa, ele disse: — Mas por esta senhora eu ponho as mãos no fogo.

Conhecia muito antes de se casar.

— Eu também a aprecio muito, mas já a vi dar cobertura ao marido.

Lyon observou o ancião muito atentamente, não como alguém que estivesse posando para ele, mas alguém que estava dizendo uma barbaridade, pois perguntou: — O senhor tem certeza do que está dizendo?

O velho sorriu, depois disse, francamente: — Meu caro amigo, noto que você está apaixonado por ela!

— Provavelmente. Só Deus sabe o quanto já fui!

— Ela procura ajudá-lo. Não pode expô-lo.

— Mas ela precisa prender a língua, disse Lyon.

— Bem, talvez ela o faça na sua presença.

— É isso que estou curioso por descobrir. (Depois, baixinho: — Meu Deus, o que será que ele fez a ela?).

Daquele momento em diante, Lyon passou a observar a senhora Capadose com o maior interesse, quando a encontrava entre os demais convidados. Estava interessado em saber como a lealdade de uma mulher e a contaminação de um mau exemplo podiam transformar uma mente perfeitamente sadia. Não podia entender como uma mulher do seu porte se deixava levar pelos defeitos de outra pessoa. Tinha certeza de que, pela sua formação e seu orgulho, a mentira seria a última coisa que ela suportaria.

Será que ela se sentia mortificada cada vez que o marido desfiava as suas mentiras na sua presença, ou já estava tão acostumada que não achava mais isso uma indecência?

Além das alternativas de que ela provavelmente sofresse em silêncio, devido às exorbitâncias do marido, ou que ela o amasse tanto que considerasse seus defeitos como virtude, havia ainda a possibilidade de que talvez ela ignorasse que ele era um mentiroso. Talvez considerasse tudo

aquilo como parte de sua riqueza e de seu talento.

Um pouco de reflexão anulava esta última hipótese.

Era evidente que a maneira como ele apresentava um fato, deveria freqüentemente contrariar o conhecimento que ela tivera desses mesmos fatos. Depois de uma ou duas horas em que estavam juntos, Lyon pôde pô-la em confronto com aquela mentira perfeitamente gratuita do que ambos haviam feito do quadro que ele lhe havia pintado. Mesmo assim, não se notava nenhum sinal de que ela também mentia. Tudo lhe parecia um verdadeiro mistério. Mesmo que não lhe sobrasse um restinho de profundo sentimento pela senhora Capadose, a questão merecia ser levada em consideração, como um elemento de suspenso, porque, na verdade, durante muitos anos, ele não havia pintado quadros sem se tornarem objetos de casos curiosos. Sua atenção estava no momento voltada para a oportunidade que os três próximos dias poderiam oferecer, visto que o coronel e sua esposa iriam para outra casa. Ele acompanhava com mais atenção o coronel, que era um caso muito estranho. No entanto, ele devia observar, mas guardar sempre a discrição. Tinha sempre o cuidado de não expor ao ridículo a mulher que em determinada época ele tanto amou, embora soubesse que conversando com outras pessoas, que os conheciam, poderia colher muitas informações. Como o defeito moral do coronel não afetava apenas a sua reputação, mas também a da esposa, ambos deveriam ser tema de discussão em qualquer casa que visitassem. Lyon não havia notado, nos círculos que visitou, qualquer reserva de fazer comentários sobre as singularidades das pessoas. O fato de que o coronel permanecia quase o dia todo em caçada, e ele ocupado, pintando o retrato do velho David, interferiu um pouco no progresso de sua observação. Mas um domingo veio facilitar as coisas. Como a senhora

□ 110 □

Capadose nunca ia à caça, ele teve ocasião de dar um passeio com ela. Ela apreciava muito um bom passeio. Por mais que Lyon a observasse, não notava que ela estivesse consumida por um sentimento oculto de vergonha. sentimento de ter-se casado com um homem cuja palavra não era digna de crédito, parecia não perturbá-la nem um pouco. Ao contrário, ela parecia ser a criatura de consciência mais tranqüila do mundo, por mais que ele lhe perscrutasse os olhos. Procurava puxar assunto dos velhos dias, quando a conheceu, e conduziu a conversa até chegar a falar sobre o seu marido. Louvou-lhe a aparência, o talento, a fluência de conversação e acabou confessando sua admiração e amizade por ele. Por fim, indagou com uma dosagem de descaramento, que quase o fez corar, que espécie de homem era o senhor Capadose.

— Que espécie? Como pode uma senhora descrever o seu próprio marido? Gosto muitíssimo dele, respondeu a senhora Capadose.

— Ah! Isso você já me disse uma vez, rosnou Lyon com certo exagero.

— Então, por que você faz a mesma pergunta novamente? — perguntou ela, como se estivesse tão feliz que podia sentir pena dele, e acrescentou: — Ele é tudo que se pode conceber como bom, verdadeiro e amável. É um soldado, um cavaleiro e uma pessoa muito querida. Não tem nenhum defeito. E, sobretudo, é dotado de grande habilidade.

— Sim, a sua grande habilidade realmente chega a causar espanto. Mas eu não posso considerá-lo uma pessoa querida.

— O que você pensa dele não me interessa, disse Everina, rindo e parecendo assim muito mais linda do que realmente era. Lyon sentiu que não conseguiria arrancar dela o que ele tanto queria: uma confissão de que havia se casado com um homem dotado de um dos vícios mais

detestáveis e mais desprezíveis. Será que ela nunca havia presenciado, será que nunca havia sentido o sorriso frio e □ 111 □

desbotado de completa depreciação das pessoas, quando o marido mentia? Como poderia uma mulher do seu quilate tolerar aquilo, dia após dia, ano após ano, a não ser que tivesse alterado as suas próprias qualidades morais? Mas ele estava disposto a admitir essa alteração somente quando a ouvisse mentir. Lyon estava preso nesse enigma e impaciente colocava a si mesmo toda espécie de raciocínio. Por acaso ela também não mentia quando deixava as mentiras do marido passar, sem mexer um fio de cabelo? Não seria a sua vida uma cumplicidade perpétua? O fato dela não se aborrecer com os defeitos do marido não seria um defeito seu? Será que, na realidade, ela não estava aborrecida e não o demonstrava por uma questão de orgulho? Talvez protestasse desesperadamente no recôndito de sua intimidade. Talvez, todas as noites, na intimidade de seu aposento, depois da baixa exibição durante o dia, ela tivesse sérias conversas com ele, que morriam naquele refúgio. Mas se tais cenas eram inacessíveis e ele não procurava se emendar, como poderia ela considerá-lo? Se não restasse ainda um resíduo de amor no coração de Lyon, talvez ele não desse tanta importância aos defeitos do coronel. Mas no pé em que a coisa estava, ia se tornando cada vez mais trágica para ele.

Principalmente, quando pensava que a sua preocupação em observá-los poderia transformar-se em motivo de divertimento para ambos. A observação dos últimos três dias deixaram-no certo de que o coronel Capadose era um sujeito prolixo, mas não um mentiroso maldoso, e que o seu admirável talento estava treinado em assunto de pouco relevo. "Ele é um mentiroso platônico", chegou Lyon a dizer para si mesmo. Não mente com o objetivo de ganhar alguma coisa ou de ferir alguém. É apenas uma questão de arte pela arte. É uma espécie de amor pelo belo. Ele tem uma clara visão interior do que deveria ser, do que deve ser, e trabalha na boa causa apenas na substituição da tonalidade. Ele põe colorido onde deve haver. Por acaso, não é isso mesmo que faço na minha profissão?

O que causava maior estranheza é que, apesar de o coronel mentir tanto, ele era sempre benquisto por todos.

Aquele seu modo de ser acabava passando por notável fluxo de espíritosidade. Se ele gostava de exaltar o seu heroísmo, era sem dúvida alguma dotado de muita cortesia. Era um perfeito cavaleiro e exímio caçador, apesar do fundo anedótico que ilustrava essas qualidades.

Em resumo, havia nele uma mistura de inteligência e intrepidez, e suas proezas e observações eram quase tão numerosas e maravilhosas quanto a lista delas que ele inventava. Sua melhor qualidade, ainda, era aquela indiscriminada sociabilidade que tomava o interesse e o favor em muita consideração, e a respeito da qual se gabava o mínimo possível. Essa qualidade o tornava barato, de certo modo vulgar, mas era tão contagiosa que os seus ouvintes ficavam mais ou menos do seu lado, mesmo contra as probabilidades. Segundo um julgamento muito particular de Oliver Lyon, o coronel não só era um refinado mentiroso, como fazia com que qualquer conversador se sentisse assim pela própria ação do fascínio. Na hora do jantar o pintor, então mais bem colocado para observação do que na noite de sua chegada, não perdia nenhuma chance de encarar o rosto da senhora Capadose, para notar qualquer reação à medida que o marido desfiava as suas mentiras. Ela continuava, porém, a não mostrar coisa alguma, nada. E o que causava mais surpresa é que ela era uma das pessoas mais atenciosas às suas narrações. Parece que aquilo lhe dava uma espécie de orgulho indescritível. Comportava-se como se

estivesse ouvindo uma linda música. Lyon teve, por fim, a perturbadora visão de uma figura velada, na penumbra, aproximando-se dele no dia seguinte, num lugar desconhecido, para reparar as mentiras do coronel, como os parentes dos cleptômanos, que vão pontualmente às lojas em que eles roubam. E a visão dizia: — Venho pedir desculpas. É claro que não é verdade tudo aquilo que meu marido disse ontem. Espero que as suas mentiras não tenham causado prejuízo a ninguém. É apenas a sua incorrigível mania de mentir.

Ouvindo a voz da referida mulher naquela espécie de abismo, Lyon não teve nenhum plano cruel, nenhum desejo consciente de ferir a sua sensibilidade ou a sua lealdade. Mas disse para si mesmo que gostaria de fazer alguma coisa por ela. Gostaria que ela lhe mostrasse que uma visão da dignidade de não estar casada com um mentiroso sempre lhe rondava os sonhos. Ele até imaginava um momento quando ela, com o rosto ansioso, lhe pedisse para não tocar no assunto. Nesse momento, ele procuraria consolá-la. Tentaria ser magnânimo.

Lyon terminou o seu trabalho e partiu, deixando atrás de si tantos comentários elogiosos, que chegou à conclusão de que seu trabalho havia agradado a todo mundo, especialmente à senhora Ashmore. Nesse ínterim, os convidados também mudaram. O coronel e a esposa também haviam partido. Quando saíram, Lyon comentou com os seus botões que aquela retirada era antes o começo do que o fim de suas observações. E, assim que chegou à cidade, foi visitá-la, visto que ela lhe havia dito a hora em que era encontrada em casa. Imaginava que Everina gostava dele. Mas se gostava, por que não se casara com ele? Ou, pelo menos, por que não demonstrava arrependimento por não tê-lo feito? Se estava arrependida, sabia disfarçar-lo magnificamente. Entretanto, ele não perguntava nada. Nem se ela o amava hoje, nem se ela permitia que ele continuasse confessando-lhe o seu amor.

Apenas esperava que ela lhe demonstrasse algum sinal de que sua escolha havia sido mal feita. Mas, em vez de tudo isso, ela se limitava a lhe exibir a filhinha. Era uma garota lindíssima e possuidora dos mais belos e inocentes olhos que ele jamais havia visto. Isso, entretanto, não impediu que ele pensasse que talvez ela também já mentisse. Essa idéia não só ocupou o seu pensamento por certo tempo, como lhe causou uma espécie de divertimento. Passou a imaginar a ansiedade da mãe, vendo a filha crescer com aquela herança paterna. Aquilo deveria ser uma preocupação para uma mulher como Everina Brant. Será que ela também não mentia para a menina a respeito do pai?

Na certa, ela mentiria sempre, quando apertava a filha contra o peito para não prestar atenção nas patranhas do pai, que não devia ter o devido controle para evitar mentir perante a filha. Para Lyon tudo aquilo era mais que provável. A única proteção para a pequena Amy era a sua pouca idade para crítica. Era muito jovem ainda para fazer qualquer julgamento. Mas, se ela crescesse com bastante argúcia, seguiria na certa os passos do pai. Seria um peso suplementar na situação da mãe. É verdade que não se notava nenhum sinal de desonestidade em seu rostinho.

Mas isso não queria dizer nada, porque não se notava também no grande rosto de seu pai. Portanto, isso não provava nada.

Lyon não se cansava de lembrar aos Capadoses o seu compromisso de que Amy iria posar para ele, e agora era apenas uma questão de ele ter tempo. Surgiu em Lyon, também, o desejo de pintar um retrato do coronel, tarefa que ele se propunha executar com a mais rica e íntima satisfação. Queria pintá-lo. Queria colocá-lo naquela totalidade de que falara com Sir David, de maneira que somente os iniciados poderiam discuti-lo. Eles, entretanto, iriam colocar o trabalho

nas alturas, de modo que acabaria por se transformar numa obra-prima da mais fina caracterização e legítima perfídia. Ele havia sonhado por muitos anos em pintar uma obra que mostrasse, não só o mestre da visão mais profunda, como o repórter das qualidades superficiais, e aqui, enfim, estava o que se prestava a tal objetivo. Era uma pena que o seu modelo não fosse melhor. Mas aquilo não era culpa sua. Ele tinha a impressão que ninguém, a não ser ele, havia traçado um perfil do coronel no sentido social. E ele o havia feito, não apenas por instinto, mas também por plano. Havia momentos em que ele temia pelo sucesso de seu plano.

Algum dia, ele haveria de olhar para o seu retrato e descobrir que estava sendo ridicularizado. Sua esposa haveria de descobri-lo, também. Não que Lyon esperasse que ela descobrisse através de um julgamento crítico.

Talvez ela o adivinhasse, pois ela fazia parte de sua gozação. Lyon adquiriu um hábito tão assíduo de ir visitá-la aos domingos à tarde, que ficava zangado quando ela viajava. Isso ocorria sempre, porque o casal gostava muito de fazer visitas, e o coronel estava sempre procurando algum de seus esportes favoritos, gostando mais quando pudesse praticá-los às expensas dos outros. Às vezes, ela parecia preferir que o marido fosse sozinho, e se expusesse ao ridículo longe de suas vistas. Isso porque, ela chegou a dizer a Lyon, que se não fossem os comentários de que ela estava sendo deixada à margem, preferia ficar em casa com a filha. Excepcionalmente, duas vezes, no fim do inverno, quando o marido deixou a cidade por uns poucos dias, Everina ficou em casa. Não ocorreu a Lyon perguntar a si mesmo qual teria sido o motivo por que a senhora Capadose desta vez preferira ficar. Nesse ínterim, ele Começou a pintar o retrato da menina. Everina trazia a filha, visto que Amy nunca era confiada aos cuidados de governantas ou babás. Ela vinha assiduamente, uma vez que Lyon havia multiplicado o seu trabalho na execução daquela obra. Enquanto ele levou dez dias para pintar o velho David, aquele rostinho o estimulava e fazia-o trabalhar com redobrado ânimo. Ele pedia que ela viesse mais e mais. Até poderia parecer que ele estivesse explorando a garota. Mas a própria mãe não pensava assim. No intervalo de cada tirada de trabalho, Lyon dava tempo suficiente para que Amy andasse pelo estúdio, divertindo-se com as curiosidades, brincando com velhas cortinas com ilimitada liberdade. Nesses intervalos, a sua mãe e o amigo paciente — muito mais paciente do que a professora de piano — sentavam e conversavam. Ele deixava então os pincéis de lado, recostava na cadeira e se punha a saborear aquele instante. Lyon comumente lhe servia chá. O que a senhora Capadose não podia suspeitar é que durante essas semanas ele passou a deixar de lado outras encomendas de trabalho. As mulheres parecem que não possuem a faculdade de imaginação com respeito a trabalhos do homem, além de uma idéia vaga, sem importância. De fato, Lyon protelou tudo e deixou altas celebridades à espera. Havia intervalos de meia hora de silêncio, quando ele agitava o seu pincel, completamente certo de que Everina estava sentada ali, observando. Se ele não insistisse em conversar, ela dificilmente o fazia. E não se sentia constrangida ou embaraçada por qualquer falta de comunicação naqueles intervalos. Como havia muitos livros por ali, às vezes pegava um e punha-se a ler. Outras vezes, sentada um pouco à distância, acompanhava-lhe com vivo interesse o trabalho, sem contudo arriscar qualquer sugestão ou insinuar a mais leve correção. Ela parecia levar na devida consideração todos os toques que estariam contribuindo para o resultado final. Às vezes, esses toques pareciam um tanto grosseiros. Seu trabalho era muito mais executado pelo coração do que pelas mãos.

Ele também não estava nem um pouco embaraçado, mas notava-se-lhe uma certa agitação.

Era como se no ato de posar (a garota também comportava-se maravilhosamente), ela fizesse nascer algo entre eles, algo assim como uma tácita confiança, ou um segredo inexprimível. Pelo menos, ele tinha aquele sentimento. Mas não podia garantir que ela também o tivesse. O que ele queria que Everina lhe fizesse era muito pouco. Não queria que ela se sentisse infeliz. Mas o que o satisfazia sobretudo naquele momento era saber que, mesmo silenciosamente, ela pudesse imaginar-se feliz ao lado dele. Talvez até a sua presunção estivesse indo muito além. Mas pelo menos era o que ele imaginava ser o pensamento dela, enquanto permanecia sentada ali.

Finalmente, ele revelou a sua intenção de pintar o retrato do coronel. Como estava no fim da estação e faltava pouco tempo para a dispersão comum, ele sugeriu que deveriam aproveitar bem o tempo restante, e começar imediatamente.

Assim, no outono, com a retomada de sua vida londrina, poderia meter mãos à obra. A senhora Capadose objetou, dizendo que não queria sobrecarregá-lo com outro presente de tanto valor. Lyon já lhe havia oferecido aquele retrato que fez com tanto carinho quando ela ainda era solteira, e continuava considerando uma verdadeira indelicadeza ambos terem se desfeito dele. Agora, oferecia o maravilhoso retrato da menina. Aliás, seria muito mais maravilhoso, quando ele terminasse de dar-lhe os últimos retoques. Então, a obra tornar-se-ia algo de tamanho valor que eles a adorariam para sempre. Mas sua generosidade e a indiscrição do casal deveriam parar por ali. Eles não poderiam ser tão tremendamente "devedores" para com ele. É claro que eles não podiam encomendar o quadro, o que Lyon naturalmente compreenderia sem maiores explicações. Seria um luxo que estava além de suas posses, pois que já conheciam o alto valor monetário de seu trabalho. E, além disso, o que eles lhe haviam feito (especialmente ela — o que ela lhe havia feito) para que ele a cobrisse com seus benefícios?

— Não, dizia Everina, você tem sido enormemente bom. É realmente impossível que Clement pose para que você lhe pinte o retrato. Lyon ouviu-a sem nenhum esboço de protesto. Não a interrompeu um só instante, enquanto ela falava, e reclinando-se para a frente em direção de seu trabalho, ele disse: — Bem, se vocês não podem pagá-lo, por que não permitem que eu pinte o retrato de seu marido apenas para minha própria satisfação e proveito? Que isso seja considerado como um favor ou um serviço, que estou solicitando dele. Se ele o consentir, toda a generosidade e caridade serão suas. Será para mim uma grande satisfação pintar-lhe o retrato e o quadro ficará comigo.

— Por que essa satisfação de pintar o retrato de meu marido?

— Porque ele é o que consideramos um modelo raro.

Tem um rosto muito expressivo.

— Expressivo em que sentido? — perguntou a senhora Capadose.

— Ora, reflexo de seu mundo interior!

— E você deseja pintar o seu mundo interior?

— Naturalmente que quero! Isso é o que um grande retrato revela. E um certo comentário sobre a obra, depois colocada à venda, faria do coronel um dos modelos mais famosos. Por outro lado, a minha fama não será menor.

Como você pode ver, o meu pedido é eminentemente ambicioso.

— Como você poderá ser mais famoso do que já é?

— Oh! Sou um "alpinista" insaciável. Quanto mais subo, mais alto quero estar! Portanto não queira me impedir — disse Lyon.

— Bem, de fato, tudo em meu marido é muito nobre — disse Everina com certa gravidade.

— Ah! Dê-me a oportunidade de revelar tudo! — disse Lyon, sentindo-se um pouco envergonhado de si mesmo.

Antes de sair, a senhora Capadose disse que o marido provavelmente iria sentir-se lisonjeado com o convite, mas acrescentou:

— Mas nada me induzirá a deixar que você me perscrute desse jeito.

— Oh! O que é isso! Confio em você até no escuro!

Algum tempo depois o coronel colocava os seus momentos de lazer à disposição do pintor, e até o fim de julho já lhe havia feito várias visitas. Lyon não se sentia decepcionado, nem com a qualidade do seu modelo, nem com o grau a que ele próprio havia chegado. Sentia-se realmente confiante da possibilidade de poder produzir a obra que imaginara. Estava bastante animado, encantado com a motivação e profundamente interessado no problema. A única coisa que o preocupava é que, ao mandar a obra para a Academia, não poderia anexar o nome do quadro: "O Mentiroso". Aquilo realmente era uma tristeza. Entretanto, procuraria estampar esse título no rosto do próprio personagem, de maneira que qualquer pessoa com inteligência mediana pudesse ler. Ele podia notar todos os pormenores no rosto do coronel. Estavam nos olhos, na boca, em cada linha do rosto, em cada gesto, em cada atitude, no recorte do queixo, na maneira como os seus cabelos eram plantados na cabeça, no bigode, no sorriso e até na respiração. Enfim, estava sobretudo na maneira como ele olhava todas as coisas. Havia uma meia dúzia de retratos na Europa que Lyon considerava como sendo obras-primas, porque foram perfeitamente preservados. Esperava juntar a tela em que estava então empenhado àqueles famosos exemplares. Uma das produções que ajudava a compor aquele grupo era o magnífico Maroni, da Galeria Nacional — o jovem alfaiate de jaquetas brancas, em pé junto ao seu balcão, com a tesoura na mão. O coronel não era alfaiate, nem era modelo de Maroni. Mas, diferente de muitos alfaiates, era um mentiroso. Ele acabou revelando-se um bom modelo e, como sempre, muito amante da conversação. Este último detalhe era muito bom para o artista, pois fazia parte de sua inspiração. Lyon aplicava sem piedade o seu dom de provocação. Sentia que não poderia estar em melhor relação com o coronel para o seu objetivo. Por isso, criava todas as razões para que o seu modelo soltasse a língua.

Ele tinha os seus intervalos, os seus momentos de esterilidade produtiva; então, sentia que a qualidade do quadro também baixava. Quanto mais o seu modelo se elevava em suas narrações, melhor o pintor se sentia para executar a sua obra. Por isso, não deixava de espicaçar o coronel, tendo porém cuidado para que ele não suspeitasse de suas intenções. O coronel, entretanto, se deixava enganar facilmente e assim, a uma pequena provocação que fosse, ele se expandia todo, exatamente ao gosto do hábil artista. Desse modo, o trabalho se desenvolveu assustadoramente depressa. Na altura da primeira quinzena de agosto, ele estava completamente terminado.

O dia 15 seria o último em que o coronel poderia posar. No dia seguinte, pretendia viajar com a esposa. Lyon estava amplamente satisfeito de ver-se completamente livre.

Assim, ele poderia fazer nos momentos de lazer algum acabamento que faltasse, e que não exigia mais a presença de seu modelo.

Como não havia pressa, ele deixaria o quadro de lado até o seu próprio regresso a Londres, em novembro, quando voltaria a trabalhar nele. Quando o coronel perguntou se Everina poderia dar uma olhada na obra no dia seguinte, se ela tivesse algum tempo (esse era o grande desejo dela), Lyon pediu-lhe o especial favor de que ela esperasse um pouco mais. O que ele tinha ainda a mexer no quadro era coisa insignificante, mas iria fazer grande diferença. Isso era a repetição de uma proposta que a senhora Capadose havia feito em seu último encontro e ele, então, recomendou que não viesse visitá-lo até que estivesse em melhores condições. O quadro, realmente, não estava em condição no presente estágio. Ele corou um pouco ao revelar essa

sutileza.

Pela altura de quinze de agosto, fazia muito calor e, naquele dia, enquanto o coronel se sentava no seu modo habitual, Lyon abriu uma portinhola auxiliar para que melhorasse a ventilação. Era uma porta que dava para o jardim e que, às vezes, servia de entrada e saída para os modelos e visitantes mais humildes, como também entrada de telas, molduras, caixas de embalagens e outras bugigangas profissionais. A porta principal era pela casa da frente e pelo próprio apartamento havia a possibilidade de colocar os visitantes primeiro em contato com uma bela galeria, da qual uma escada em caracol, disposta com muito bom gosto, conduzia a um aposento amplo e bem decorado. A vista desse aposento, com todas as suas invenções artísticas e objetos de valor, que Lyon havia colecionado, nunca deixou de provocar exclamação das pessoas que entravam na galeria. A entrada do jardim era mais singela, mais prática e mais reservada. O domínio de Lyon em Saint John's Wood não era muito grande, mas quando a porta ficava aberta no verão ela lhe oferecia uma réstia de visão das flores e das árvores. Vinha, também, uma doce brisa e ouvia-se o canto dos pássaros. Nessa manhã particular, aquela porta acabou sendo propícia para a presença de uma visita, que chegou inesperadamente.

Era uma senhora, que entrou no estúdio sem que o coronel desse por ela, mas que foi ele o primeiro a ver. Ela entrou silenciosamente e ficou por alguns instantes olhando de um dos homens para o outro.

— Oh! Querida, aqui está uma outra! — exclamou Lyon, logo que a avistou. Era uma das importunas modelos da cidade, procurando emprego. Ela explicou que tomara a decisão de entrar diretamente sem ser anunciada, porque geralmente os empregados nunca a deixavam falar com a pessoa que ela procurava, enganando-a e não anunciando o seu nome.

— Mas como você conseguiu entrar no jardim? — perguntou Lyon.

— O portão estava aberto, senhor, porque o açougueiro estava lá.

— Mas o açougueiro deveria tê-lo fechado — disse Lyon.

— O senhor não tem um serviço para mim, senhor? — perguntou ela.

Lyon continuava a pintar. Ele lhe havia dado uma firme olhada, mas agora os seus olhos estavam voltados para o trabalho. O coronel, entretanto, examinava a moça com interesse. Era uma pessoa que ninguém podia dizer à primeira vista se era jovem ou idosa. Era de qualquer maneira alguém que já havia passado por várias quadras da existência. Tinha faces rosadas, mas não revelavam juventude. Contudo, era linda, e tudo indicava que em alguma época já posara para retrato de rosto. Usava um chapéu com muitas penas, um vestido com desenhos de miçangas, um par de luvas pretas envolvidas em vários braceletes e um par de sapatos muito surrados. Havia algo nela que parecia uma governanta desempregada ou uma atriz em busca de uma colocação. Depois que estava uns poucos minutos no estúdio, o ar ou, de qualquer modo, a narina dos presentes sentiram um vago cheiro de álcool.

Quando Lyon lhe disse que não tinha nada para ela, ela insistiu:

— Mas eu já posei para o senhor uma vez.

— Não me lembro — retrucou Lyon.

— O senhor não se lembra, mas as pessoas que vêem os seus trabalhos se lembram. Não tenho muito tempo, mas ao passar por aqui resolvi ver se havia alguma coisa para mim.

— Fico-lhe muito grato por isso, — Se o senhor precisar de mim é só mandar um cartão.

— Eu nunca mando cartões — disse Lyon.

— Bem, então, uma carta. Qualquer coisa para a senhorita Geraldine. O endereço é Mortimer Terrace, Mews, Notting Hill...

— Muito bem, eu lembrarei — disse Lyon.

Geraldine insistiu:

— Pensei que poderia ter uma oportunidade aqui.

— Receio que não posso lhe dar nenhuma esperança.

Tenho andado tão atarefado com retratos... — explicou Lyon.

— Sim, vejo que o senhor realmente está. Eu gostaria de estar posando no lugar desse senhor.

— Mas nesse caso não seria mais o "senhor" — disse o coronel rindo polidamente.

— Oh! Naturalmente não se podia comparar. No caso, o modelo não seria tão simpático. Mas odeio os retratos.

Eles significam pão fora da nossa boca.

— Bem, mas há muitos pintores que não trabalham com retratos — disse Lyon à guisa de consolação.

— Venho posando há vários anos. Há muitos pintores que não conseguem fazer nada sem mim.

— Folgo em saber que você seja tão solicitada — comentou Lyon, cujo tom irônico havia se transformado em impaciência. Disse que não queria mais tornar o tempo dela e que a mandaria chamar se necessitasse.

— Bem, lembre-se que o endereço é Mews. Mas que lástima, o senhor não é melhor modelo do que nós. — prosseguiu ela, olhando para o coronel — Se o senhor precisar de mim, senhor!

— Não perturbe o modelo — interrompeu Lyon — você está atrapalhando-o.

— Atrapalhando-o? Que engraçado! — gritou a moça, dando uma gargalhada que difundia a fragrância do álcool.

— Talvez o senhor me mande um cartão postal, não? — disse ela, dirigindo-se ainda ao coronel. Depois, acenou com a mão e saiu para o jardim da mesma maneira como havia entrado.

— Que coisa! Está bêbada comentou Lyon. Ele estava pintando com afinco, mas fez uma parada para olhá-la mais uma vez. A senhorita Geraldine na porta da saída voltou a espiar novamente.

— Sim, odeio esse tipo de coisa! — disse com uma explosão de riso, que confirmou a afirmação de Lyon. Com isso, ela foi-se embora.

— É verdade, que coisa! O que ela queria dizer? — perguntou o coronel.

— Censurava que eu o esteja pintando, quando eu deveria estar pintando a ela.

— Você pintou-a alguma vez?

— Nunca! Nunca a vi antes. Ela está completamente enganada.

O coronel esperou um pouco, depois observou: — Ela era muito linda há dez anos atrás.

— Também acho que era, mas agora está completamente arruinada. Não dou absolutamente nada por ela.

— Meu caro amigo, ela não é um modelo — disse o coronel, rindo.

— Talvez agora ela não mereça ser chamada modelo.

Mas acho que já teve a sua época.

— "Jamais de la vie"! Isso é apenas um pretexto.

— Um pretexto?! — Lyon preparou os ouvidos. — Que será que vem agora, pensou.

— Ela não procurava o senhor, procurava a mim.

— De fato, notei que ela o fitou bastante. Que queria ela do senhor?

— Fazer uma espécie de vingança. Ela odeia-me.

Muitas mulheres odeiam-me. Ela vive me seguindo.

Lyon recostou-se em sua cadeira, sem nem um pingo de fê. Estava verdadeiramente encantado com o que ouvia, com a inteligente e cândida maneira do coronel. A história brotava espontaneamente da semente.

— Meu caro coronel. — disse Lyon, com interesse amistoso e comiseração.

— Fiquei envergonhado, quando ela entrou, mas não me perturbei — continuou ele.

— Então, o senhor soube disfarçar muito bem.

— Ah! Quando a gente tem essa espécie de preocupação! Hoje confesso que ela me pegou um pouco desprevenido. Notei que ela está me rondando, seguindo todos os meus passos. Esta manhã estava perto da minha casa. Deve ter me seguido.

— Mas então, quem é ela, com aquele rosto tão atraente?

— Sim, ela tem um rosto muito atraente — disse o coronel. Mas como o senhor pode notar, ela estava preparada. Ela não é e nunca foi modelo. Entretanto, conhece alguém da profissão e procurou assimilar-lhe o jeito. Ela vivia com um amigo meu há dez anos atrás, que foi obrigado a deixá-la por razões familiares. É uma longa história. Eu já tinha até me esquecido desse fato. Ela tem agora trinta e sete anos. Consegui distraí-la para que ele a deixasse. Depois disso, eu a fiz cuidar de sua vida. Ela deveria me agradecer por isso, mas nunca me perdoou.

Penso até que ela esteja sofrendo da cabeça. Seu nome não é Geraldine. Duvido até que o seu endereço seja o que ela mencionou.

— Ah! Então, qual é o seu nome? — Nessa altura, Lyon era todo participação na história. Já havia aprendido que quando o coronel deslanchava não havia perigo em fazer-lhe perguntas. Pelo contrário, quanto mais se lhe fazia perguntas, mais abundantemente se era servido.

— Seu nome é Pearson. Harriet Pearson. Mas ela costumava chamar-se Grenadine. De Grenadine para Geraldine é apenas um pulinho.

Lyon estava encantado com o fluxo de conversação de seu modelo. — Fiquei sem pensar nela uns pares de anos.

Tinha até perdido-a de vista — continuou o coronel. — Não sei quais são os seus pensamentos, mas chego a julgá-la inofensiva. Cheguei aqui com a impressão de tê-la visto em alguma parte do caminho. Ela deve ter descoberto que eu vim aqui e chegou antes de mim. Posso até jurar que ela está esperando por mim lá fora.

— Não seria melhor o senhor providenciar proteção?

— disse Lyon em tom de brincadeira.

— A melhor proteção são cinco moedas. Estou quase a chegar a esse ponto. A não ser que ela tenha uma garrafa de vitriolo. Mas essas pessoas apenas atiram vitriolo em quem realmente lhes faz algum mal, ou os despreza. Eu nunca lhe fiz nada disso. Se ela estiver lá fora, andaremos juntos um certo trecho discutindo o assunto e, como acabo de dizer, chegarei até as cinco moedas.

— Bem, contribuirei com mais cinco — disse Lyon. Ele achou que a informação que ele estava obtendo valia as cinco moedas. Aquele entretenimento foi, no entanto, interrompido pela

partida do coronel. Lyon pensou em conseguir um relato daquele drama interessante por escrito, mas o gênio do coronel talvez não fosse tão bom com uma pena na mão, como o era verbalmente. De qualquer maneira, ele deixou a cidade sem nada escrever, apesar de terem um encontro três dias depois. Oliver Lyon sempre passava as férias da mesma maneira.

Durante as primeiras semanas visitava um irmão que era proprietário no sul da Inglaterra. Depois, viajava para o exterior — geralmente para a Itália, ou Espanha. Esse ano ele seguiu a rotina de dar uma última vista de olhos em sua obra, sentindo-se quase satisfeito com ela, o quanto a decência o permitia. Sentia, como sempre, que a tradução de uma idéia pela mão era um compromisso penoso. Numa tarde ensolarada, no campo, enquanto fumava o seu cachimbo no terraço, foi tomado por um desejo de dar mais uma olhadela no que ele havia feito ultimamente, e talvez acrescentar duas ou três coisas. Essa espécie de ansiedade o perseguiu enquanto estava lá. Não era uma provocação a que devia resistir e, embora lhe parecesse muito cedo para regressar a Londres, sentia que não conseguiria evitá-lo. Apenas cinco minutos diante do retrato do coronel seria o suficiente para aclarar alguns pontos que martelavam o seu cérebro. Assim, na manhã seguinte, ele tomou o trem para a cidade. Não mandou nenhum aviso. Almoçaria no clube e provavelmente regressaria a Sussex com o trem das 5h45min. Em Saint John's Wood a onda da vida humana não flui rapidamente nunca. De maneira que, nos primeiros dias de setembro, Lyon encontrou apenas desolação nas estradas ensolaradas e retas, onde os velhos muros dos jardins, com as suas portas incomunicáveis, pareciam francamente orientais.

Havia um silêncio profundo em sua própria casa e ele achava naquele instante que é sempre interessante chegar de surpresa, pegando os empregados desprevenidos. A boa senhora que exercia uma espécie de fiscalização sobre os demais e que acumulava as funções de cozinheira e governanta, percebeu logo os seus passos e, como ele tratou os empregados com muita cordialidade, ela o recebeu sem nenhuma demonstração de surpresa. Ele disse-lhe que havia chegado de repente porque iria ficar por pouco tempo e que estaria muito ocupado no estúdio.

Ela anunciou que ele chegava no exato momento para ver uma senhora e um cavalheiro que haviam chegado cinco minutos antes dele. Ela disse-lhes que o patrão estava ausente, mas eles disseram que não fazia mal. Que iriam apenas dar uma olhada num dos quadros, que tomariam o máximo cuidado com tudo. O cavalheiro, dizendo-se o modelo do quadro, deu o seu nome à empregada. Ela apenas guardou que se tratava de um militar. Também achou que a senhora era muito linda. Com essas informações, Lyon teve logo a identidade dos visitantes.

— Está bem, disse ele. — Lyon não ficou muito à vontade com a idéia de a senhora Capadose ter vindo para ver o retrato do marido, pois não queria que ela o visse sem estar completamente terminado. Em todo caso, ela era uma pessoa de espírito elevado.

Seria possível até que a senhora não fosse Everina.

Talvez fosse alguma conhecida do coronel que desejasse encomendar um retrato do marido. De qualquer maneira, o que estavam eles fazendo na cidade nesse momento? Lyon caminhou para o estúdio com uma certa curiosidade. Foi pensando vagamente o que o seu amigo estaria tramando.

Pôs a mão na cortina da porta de comunicação com a galeria. Não chegou a puxá-la. Um som vindo do estúdio deixou-o sobressaltado. Era som de choro. Oliver Lyon ouviu atentamente e em seguida passou para o balcão.

Mesmo sem o querer, caminhava silenciosamente. Chegou bem próximo do estúdio sem que

as pessoas que lá estavam o percebessem. A cena que se apresentava diante dos olhos do pintor era a mais extraordinária que ele já havia presenciado. A delicadeza da situação e sua impossibilidade de entender o que via fez que ele não interferisse.

Lá estava uma senhora banhada em lágrimas, apoiada no peito de seu companheiro. A surpresa e discrição fizeram que Lyon se afastasse atrás das cortinas. Mas a mesma força que o impelia para trás, o impulsionava para tentar descobrir o que se passava. Assim, através de uma fresta formada pelas duas metades da cortina, ele pôde ver os seus visitantes bem no centro do estúdio. A senhora Capadose, apoiada no marido, chorava copiosamente.

Soluçava como se o seu coração fosse se despedaçar. Seu abatimento era horrível aos olhos de Lyon, mas sua admiração foi maior, quando ouviu o coronel pronunciar com veemência a imprecação: — Miserável, miserável, miserável! — Que teria acontecido? Ele descobriu depois que o coronel havia encontrado o retrato (pois ele sabia mais ou menos o canto em que Lyon o guardava) e colocou-o diante da esposa, sobre um cavalete vago. Ela o encarou por um momento e logo o que ela descobriu nele lhe causou aquela explosão de pranto e profundo abatimento. Estava completamente vencida e o coronel, segurando-a, ia exprimindo a sua ira enquanto olhava de um lado para outro. De onde Lyon se encontrava, ele também podia ver o retrato que havia pintado. Ele próprio estava chocado com a força que exprimia. A senhora Capadose afastou-se do marido, jogou-se numa cadeira que se achava junto de uma mesa e, apoiando-se nesta, meteu a cabeça entre os braços. O som do soluço diminuiu, mas ela continuava pronunciando palavras de angústia e de vergonha. O esposo permaneceu por um instante olhando para o quadro. Depois aproximou-se dela, segurou-a novamente, perguntando:

— Que é isso, querida? Que diabo é isso?

Lyon finalmente conseguiu ouvir a resposta da esposa.

— É cruel, oh! é tão cruel!

— Miserável, miserável! — repetia o coronel.

— Está tudo aí, tudo! — continuava a senhora Capadose.

— Diga! Está tudo aí o quê?

— Tudo o que não deveria estar. Tudo o que ele viu. É horrível!

— Tudo o que ele viu? Ora, não sou por acaso uma pessoa simpática? Não chegou a dizer que ele me fez bastante simpático?

A senhora Capadose tinha se levantado novamente.

Deu mais uma olhada no quadro:

— Simpático? É indecente. É indecente! Ele não deveria ter feito isso nunca, nunca!

— Não deveria ter feito o quê? — disse o coronel quase gritando. Lyon pôde enxergar o rosto avermelhado e apalermado.

— O que ele fez de você. O que você sabe! Ele também sabe, ele conseguiu ver. Agora todo mundo vai ver. Já pensou esse quadro na Academia?

— Você está completamente fora de si, querida. Mas, se você odeia tanto essa obra, ela não irá para a Academia.

— Vai sim, ele vai mandá-la. Vamos embora, vamos embora! — dizia a mulher puxando o marido pelo braço.

— Não está bom o meu retrato?

— Vamos embora, vamos embora — repetia ela, dirigindo-se para a escada que levava à

galeria.

— Não vamos sair por aí, no estado em que você está!

Vamos por aqui — disse ele, puxando a esposa para a pequena porta que dava para o jardim. Estava fechada com o trinco, mas ele puxou-o e conseguiu abri-la. A mulher passou apressada, mas ele ficou parado olhando para o interior do estúdio.

— Espere um pouco — disse ele para a esposa. E com passo agitado tornou a entrar no estúdio. Aproximou-se do quadro novamente. Fitou-o e pôs-se a xingar de novo: — Miserável! Miserável! — Lyon não conseguia entender se ele xingava a obra ou o seu autor. Depois ele moveu-se, ficou olhando de um lado para outro como se procurasse alguma coisa. Lyon ficou matutando sobre qual seria a sua intenção. Depois, falou com seus botões: — Ele vai estragar o quadro. Seu primeiro impulso foi soltar um grito impeditivo, mas parou ao ouvir os soluços de Everina Brant. O coronel encontrou o que estava procurando. Apanhou um punhal oriental que estava sobre uma mesinha e enfiou-o na tela. Tomado de verdadeira fúria, continuou apunhalando a obra de arte. Lyon sabia que o pequeno punhal não tinha bom corte. Mas ele enfiou a arma repetidas vezes no rosto do seu retrato, exatamente como se estivesse apunhalando uma vítima humana. Seu ato parecia a prática de um suicídio ensaiado. Uns poucos minutos depois o coronel jogou o punhal de lado e encarou o retrato como se procurasse marca de sangue.

Depois, deixou precipitadamente o local com ruidoso bater de porta. O mais interessante foi que Lyon não esboçou nem um gesto ou nem som de voz para salvar a obra. O fato é que ele não se sentiu como se estivesse perdendo algo de estimação. Pelo contrário, sentiu-se como se tivesse ganho uma certeza. Sua velha amiga sentia-se envergonhada pelas sandices do marido e ele, o pintor, havia feito com que ela o revelasse, ali, no estúdio, naquele estado desesperador. A revelação deixou-o tão excitado que, quando ele desceu depois que o coronel já havia saído, ainda tremia de agitação e felicidade.

Foi tão enorme a sua emoção que ele precisou sentar-se por um momento. O retrato tinha umas doze perfurações. Dir-se-ia que o coronel havia esfaqueado a si mesmo. Lyon deixou-o ali com os seus ferimentos, sem nem tocá-lo. Mal lhe lançando o olhar. Depois, pôs-se a andar de um lado para outro no estúdio, com uma agradável sensação de ter visto um grande feito realizado.

Nesse interim, a boa governanta entrou para lhe oferecer o almoço.

— O cavalheiro e a senhora já saíram, senhor? Não os ouvi sair.

— Sim, saíram pelo jardim.

Mas ela parou, fitando o retrato apunhalado ali no cavelete.

— Meu Deus, o que aconteceu com o quadro? Lyon, imitando o coronel, disse:

— Cortei-o num instante de aborrecimento.

— Vejo que o senhor deve ter ficado aborrecido porque os clientes não gostaram do trabalho!

— Sim, eles não gostaram.

— Na certa, são desses tais fregueses exigentes!

— Assim cortado servirá para acender o fogo, disse Lyon. Ele regressou para o campo às 3 h 30 min. Uns poucos dias depois, viajou para a França. Durante os dois meses que ficou na França ele ficou em constante expectativa de qualquer manifestação partida do coronel.

Será que ele escreveria, será que tomaria a iniciativa de dar qualquer explicação? Será que

teria a coragem de acusar-se ou repudiaria qualquer suspeita? A última circunstância seria realmente difícil. Seria uma grande chance para testar a sua genialidade, à vista da pronta e responsável testemunha que havia admitido a entrada do casal no estúdio. Lyon aguardava com impaciência o desfecho dessa história notável. E como não chegasse nenhuma carta, ele não pôde deixar de sentir-se frustrado. Sua decepção ainda foi maior com respeito à senhora Capadose, que assim deixava claro a sua participação nos atos indecentes do marido. Era realmente um grande teste, que demonstrava até que ponto ela ia ao lado dele. Finalmente, não suportando mais a impaciência, ele tomou a iniciativa de escrever-lhe, quando já se achava em Veneza. Na carta, conservou um discreto tom de amizade, perguntou pelas novidades, falou-lhe de suas viagens, expressou saudade de suas reuniões em Londres e não tocou sequer no assunto do quadro.

Passaram-se os dias e nenhuma resposta. Ele deduziu que naturalmente ela não confiava em si mesma para lhe responder a carta. Talvez estivesse ainda muito chocada pelo ato de violação que praticaram. Talvez o marido tivesse esposado o seu sentimento, e ela tivesse esposado a ação que ele teve em consequência disso. Lyon considerou que o rompimento da amizade havia sido fatal.

Chegou a lamentar que um casal tão encantador houvesse se colocado numa posição tão grosseira.

De repente, a chegada de uma carta o pegou completamente de surpresa. Era uma missiva breve, cheia de bom-humor e que nem de leve tocava na violência praticada contra o quadro. O que tinha de interessante com referência a isso é que, no fim, vinha um *post-scriptum* que dizia: "Tenho de lhe fazer uma confissão.

Estivemos na cidade por alguns dias, no começo de setembro, e tomamos a liberdade de ir ao seu estúdio (a culpa foi minha, não pude resistir à tentação de ver o quadro). Convencemos sua empregada a nos deixar entrar e nos deliciamos apreciando a sua obra. Ficou realmente um retrato maravilhoso."

Pelo menos essa carta veio provar que não houve rompimento da amizade.

O terceiro dia depois de seu regresso a Londres era um domingo. Assim, Lyon tomou a iniciativa de ir almoçar com os Capadoses. Ela lhe havia feito um convite geral na primavera e por várias vezes ele o havia aproveitado. Foi justamente nessas ocasiões, antes de começar a pintá-lo, que ele havia conhecido o coronel mais intimamente. Logo depois do almoço o coronel desapareceu (indo, segundo suas próprias palavras, buscar suas convidadas). E na segunda meia hora a reunião tornou-se muito mais interessante com a chegada de outras pessoas.



Nos primeiros dias de dezembro, Lyon teve a sorte de encontrar o casal sozinho, sem nem mesmo a presença de Amy, que aparecia pouco em público. Estavam na sala de jantar, esperando que fosse anunciado o almoço. Assim que ele entrou o coronel foi dizendo: — Meu caro amigo, folgo muito em revê-lo. Estou ansioso por recomear.

— Isso mesmo! Prossiga no trabalho. Está maravilhoso.

— acrescentou a senhora Capadose, estendendo-lhe as mãos. Lyon olhou para o rosto de um, depois do outro. Ele não sabia bem o que o esperava naquele dia. Mas aquela atitude dos dois estava completamente fora das suas cogitações.

— Ah! Vocês estão pensando que ainda tenho o retrato?

— É claro que você o tem, disse a senhora Capadose, sorrindo com seus olhos castanhos dourados.

— Ela lhe escreveu falando do nosso pequeno crime?

— perguntou o coronel. — Ela arrastou-me para lá. Não tive outra alternativa senão ir. — Lyon por um instante pensou se o pequeno crime a que ele ia aludir era a invasão do estúdio e a destruição da tela. Mas as próximas palavras do coronel mostraram que não era nada daquilo. Ele prosseguiu: — Como o senhor sabe, adoro posar. Isso me deixa bastante animado e parece que destrava minha língua, e assim posso conversar bastante enquanto o senhor trabalha. Agora estou com bastante tempo disponível.

— Como o senhor se lembra, eu já estava no finzinho do trabalho — disse Lyon.

— Exatamente! Foi pena a gente parar. Mas quero que o senhor o recomece imediatamente.

— Meu bom amigo, realmente tenho que começar tudo de novo — disse Lyon rindo, com os olhos na direção da senhora Capadose. Ela evitou fitar seus olhos. Levantou-se para tocar a campanha para o almoço. — Amassei a tela — continuei Lyon.

— Amassou? Oh! Por que você fez isso? — gritou Everina, ali de pé, na frente de Lyon, com toda sua beleza exuberante. Agora que ela não o encarava, estava impenetrável.

— Não fui eu quem a destruí. Encontrei-a assim, com umas doze perfurações de faca.

— Que infâmia! — disse o coronel.

— Espero que o senhor não tenha ido lá para fazer isso — disse Lyon sorrindo.

— Mas realmente tiveram a coragem de fazer isso? — continuou o coronel, com a maior naturalidade do mundo, como se a pergunta de Lyon não tivesse nada de seriedade.

E continuou: — Será que iria destruir a tela pela paixão de posar para o senhor? Se isso me tivesse passado pela cabeça, talvez eu o fizesse.

— Nem você? — disse o pintor, dirigindo-se para a senhora Capadose. Antes que ela respondesse, o marido agarrou-lhe o braço, como se uma luz houvesse surgido para esclarecer a questão:

— Já sei quem pode ter sido, meu amigo. Aquela mulher, aquela mulher!

— Aquela mulher? — repetiu a senhora Capadose.

Nisso Lyon matutou rapidamente sobre a que mulher ele se referia.

— Você não se lembra daquela mulher que estava na porta ou a pouca distância dela, quando saímos naquele dia, da qual eu contei uma história? — Depois voltando-se para Lyon — Refiro-me àquela tal Geraldine ou Grenadine, que naquele dia entrou inesperadamente no estúdio. No dia em que fomos ao seu estúdio ela estava ali por perto.

Chamei a atenção de Everina sobre ela.

— Você quer dizer que foi ela que entrou e destruiu o meu quadro?

— É isso mesmo! Eu me lembro bem dela ali por perto — disse a senhora Capadose. — Que pessoa sórdida!

Lyon baixou a cabeça. Sentiu um rubor subir-lhe pelo rosto. Ele já estava esperando por isso há muito tempo.

Aguardava o momento em que o coronel agrediria violentamente uma pessoa inocente. E como podia sua mulher participar de tamanha atrocidade? É claro que Lyon não acreditou na história de que Geraldine fora vista ali por perto do estúdio. Não deu nenhuma importância à história que o coronel contou a respeito dela. E, apesar de conhecê-la naquele dia em que ela entrou no estúdio, pôde classificá-la como se fosse criada por ele. Tinha conhecimento com todos os modelos em todas as suas variedades femininas, em todas as fases de seu progresso e em todos os passos de sua decadência. Quando ele entrou em casa naquele dia de setembro, não havia qualquer sintoma, em nenhum lugar, do reaparecimento da pobre Geraldine. Aquele fato lhe estava fixo na memória, ao lembrar que assim que chegou sua empregada foi logo dizendo que um senhor e uma senhora estavam no estúdio. Então, passou-lhe rapidamente pela cabeça o fato de que não havia nem carruagem nem qualquer espécie de veículo em sua porta. Ele concluiu por isso que eles deveriam ter ido de metrô. Como ele morava perto da Estação Marlborough Road, sabia que o coronel sempre gostava de ir a sua casa pelo metropolitano.

— Como será que ela entrou? — disse Lyon, dirigindo-se ao casal, indiferentemente.

— Vamos descer para o almoço — disse Everina deixando a sala.

— Quando saímos pela porta do jardim, procurando não aborrecer sua empregada... eu queria mostrar a minha esposa. (Lyon seguia a dona da casa e o marido em direção à sala de jantar, quando o coronel parou na escada) Meu caro amigo, não me leve a mal se me esqueci de fechar a porta que dá para o jardim.

— Não é questão da porta, coronel. Só sei que somente uma mão bastante maldosa teria praticado aquela destruição. É um espírito de perfeito gato selvagem!

— Sim, aquela mulher é um perfeito gato selvagem — disse o coronel. Por isso procurei afastar seu companheiro dela.

— Mas não posso entender por que ela haveria de destruir minha obra.

— Bem, ela está praticamente fora dos sentidos. E além disso ela me odeia. É esse o motivo.

— Mas ela não me odeia, meu caro amigo — disse Lyon, mais ou menos em tom de gozação.

— Mas ela odiava o quadro. O senhor não lembra o que ela disse? "Quanto mais retratos, menos empregos para as pessoas que vivem como modelo".

— Mas se ela vive fingindo ser modelo, como o senhor disse... Como pode isso feri-la?

A pergunta deixou o coronel um pouco atrapalhado.

Mas somente por um instante.

— Ah! Ela é tão maldosa que age com uma espécie de cegueira. Chega a não saber onde está.

Entraram na sala de jantar, onde a senhora Capadose já estava tornando o seu lugar.

— Francamente, isso é uma baixezça, é horrível! — disse ela. E continuou: — Como você vê, o destino está contra você. Cada vez que você faz uma obra-prima há de acontecer alguma coisa.

— Você reparou bem na mulher? — perguntou Lyon, meramente como se procurasse alguma coisa que amainasse a tensão. Era uma tensão apenas aparente, porque na realidade, nem ela nem o marido pareciam sensíveis.

— Sim, lembro-me de que havia uma pessoa não longe da porta, a respeito da qual Clement me chamou a atenção.

Ele me disse alguma coisa a respeito dela, mas tomamos logo outra direção.

— E você acredita que foi ela quem destruiu o quadro?

— Como posso afirmá-lo? E, se foi ela, deveria estar em adiantado estado de loucura.

— Ah! Se eu a apanhasse! — disse Lyon, fingindo. Na verdade, ele não tinha nenhum desejo de conversar com a senhora Geraldine.

— Isso vai ser muito difícil, porque ela na certa não reaparecerá tão cedo — disse o coronel.

— Mas eu me lembro de seu endereço. Mortimer Terrace News, Notting Hill.

— Oh! Isso é pura tapeação. Esse lugar não existe.

— Meu Deus, que pessoa mentirosa — disse Lyon.

— Você suspeita de qualquer outra pessoa? — perguntou a dona da casa.

— De ninguém mais.

— E que os seus empregados dizem?

— Dizem que não foi nenhum deles. E eu estou certo de que não foi mesmo.

— E quando eles descobriram que o quadro foi danificado?

— Nunca descobriram. Fui o primeiro a descobri-lo, quando regressei.

— Ela na certa entrou tão sorrateiramente que ninguém a notou. O senhor se lembra de como ela entrou no estúdio naquele dia, como um palhaço que passa por uma argola?

— Sim, sim, ela poderia ter feito o trabalho em três segundos. Mas só que o quadro não estava à vista.

— Ah! Meu caro amigo. O senhor vai me perdoar por mais essa falha. Fui eu quem o tirou de onde o senhor o guardava.

— Ah! O senhor não o recolocou lá? — perguntou Lyon em tom trágico.

— Oh! Clement, eu não lhe disse que você deveria recolocá-lo onde estava? — disse a esposa, reprobativamente. O coronel, todo fingimento, procurou cobrir o rosto com as mãos. As palavras de sua mulher foram o toque final para Lyon.

Jogaram por terra a sua última tentativa de acreditar.

Ele chegou a sentir-se mal. Não conseguiu comer. Nessa altura, ele procurou mudar de assunto. Mas foi um esforço inútil, e ele sabia como isso pesava sobre ambos. Passava-lhe pela cabeça toda sorte de conjeturas. Eles podiam suspeitar de que ele estava duvidando de sua história, mas que ele próprio havia presenciado a destruição do quadro eles nunca podiam imaginar. Será que haviam arranjado antecipadamente aquela história de Geraldine, ou era uma inspiração de momento? Será que Everina havia resistido, protestando, quando o coronel lhe propôs aquela história?

No fundo dessas maquinações, Lyon estava intensamente mortificado pela covardia e pela crueldade de ambos em jogar a culpa sobre uma criatura inocente. Achava aquilo monstruoso demais. Ele estava com todas essas conjeturas na cabeça, quando a senhora Capadose lhe perguntou: — Mas não há possibilidade de consertar o quadro?

Como você sabe, há pessoas que fazem esse tipo de trabalho muito bem.

Ele se limitou a responder:

— Não sei, e nem estou pensando nisso mais. Para mim, basta. Não falamos mais nisso. — A hipocrisia daquela mulher já começava a revoltá-lo. E, como se quisesse lhe arrancar o último véu que cobria o seu descaramento, ele perguntou:

— E... você, realmente gostou do quadro?

E ela respondeu, olhando firme nos olhos sem corar: — Oh! Você é um grande mestre:

adorei-o imensamente.

Nisso, Lyon não teve mais nenhuma sombra de dúvida.

O seu marido a havia treinado com toda a eficiência para agir à vontade no campo da hipocrisia. Depois daquilo, Lyon não disse mais nada. Quando se retiraram da mesa, o coronel saiu sem voltar novamente à sala de estar. Apenas Lyon e Everina o fizeram. Mas ele foi logo dizendo que não se demoraria mais do que uns poucos minutos. Na verdade, ele ficou com ela um pouco mais do que os poucos minutos que pretendia ficar. Permaneceram em pé perto da lareira. Ela nem se sentou nem mandou que ele se sentasse. Sua atitude demonstrava que tinha pressa de que o amigo pintor se retirasse. Sim, o marido a havia treinado perfeitamente bem. Contudo, ainda passou pela cabeça de Lyon que, agora que ambos estavam a sós, ela na certa iria se abrir e contar toda a verdade.

Talvez ela chegasse e dissesse: — Meu bom amigo.

Perdoe-me por essa comédia hedionda... Espero que você compreenda..." E se ela o tivesse feito, quanto ele iria amá-la ainda, admirá-la e até perdoá-la e ajudá-la para sempre no que estivesse ao seu alcance. Se ela não estava à altura para se retratar diante dele naquela circunstância, por que então ela o tratou até como um verdadeiro amigo? Por que o deixou por vários meses sentindo algo como real amizade... Por que teria ido ao seu estúdio, dia após dia, ali ficando sentada perto dele, sob o pretexto de levar a filha para que lhe pintasse o retrato, como se gostasse de pensar sobre o que poderia ter acontecido? Por que chegou tão próxima de uma tácita confissão, se não tinha intenção de caminhar um passo a mais? Sim, ela não estava querendo dar nem um passo além. Não queria mesmo! Isso ele pôde notar durante sua permanência ali perto da lareira. Ela movia-se de um lado para outro no aposento, tocando dois ou três objetos que estavam sobre a mesa, mas não fazia nada mais. De repente, Lyon perguntou: — Que direção tomou ela, quando vocês saíram do estúdio?

— Ela... a mulher que vimos?

— Sim, a estranha amiga de seu marido. — Na verdade, Lyon não quis assustá-la ou sacudi-la. Apenas queria provocar qualquer impulso que a fizesse falar algo assim: — Ah! Perdoe-me a mim e a ele, mas não vimos ninguém. — Mas, em vez disso, Everina disse: — Ela procurou afastar-se de nós. Atravessou a rua.

Nós seguimos em direção à estação.

— Você notou se ela pareceu reconhecer o coronel?

Será que ela estava sóbria?

— Sim, ela olhou de um lado para outro. Mas não observei muito. A condução chegou e nós a tomamos. Só então Clement começou a me falar sobre ela. Lembro-me de que ele me disse que ela estava por ali para fazer algo errado. Acho que deveríamos ter voltado.

— Sim, se o tivessem feito, teriam salvo o quadro.

Por um instante, ela permaneceu em silêncio. Depois sorriu e disse:

— Por você eu lamento muito, caro amigo. Mas você deve lembrar-se de que eu possuo o original!

Ouvindo essas palavras, Lyon voltou-se dizendo: — Bem, tenho que ir. — E retirou-se sem se despedir.

Subindo vagarosamente a rua, lembrou-se rapidamente da noite em que a reencontrou em Stayes — como ela encarava o marido sentado do outro lado da mesa. Ele parou na esquina,

olhando vagamente para cima e para baixo. Nunca voltaria àquela casa. Nunca! Nem nunca mais procuraria sondar o abismo de Everina. Ele podia acreditar em sua retidão, onde entrava em julgamento apenas a sua, personalidade. Mas ela amava o marido e era outra pessoa, quando tinha de ser julgada em assuntos relacionados com ambos. E, visto que ela não conseguia redimi-lo de seus defeitos, ela os adotava para si a fim de protegê-lo. Ele a havia treinado muito bem para isso. Talvez, nisso, Everina demonstrasse um verdadeiro amor pelo seu marido, perdoando-lhe todas as fraquezas. O verdadeiro amor não está em dar e não receber?

FIM